



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

VANDA ALMEIDA DA CUNHA ARAÚJO

**OS SENTIDOS DA ESCOLARIZAÇÃO PARA MULHERES NO
RURAL DE FEIRA DE SANTANA/BAHIA: NARRATIVAS DE
TRAJETÓRIAS E SONHOS DE MULHERES DA EJA.**

Feira de Santana, maio de 2014

VANDA ALMEIDA DA CUNHA ARAÚJO

**OS SENTIDOS DA ESCOLARIZAÇÃO PARA MULHERES NO
RURAL DE FEIRA DE SANTANA/BAHIA: NARRATIVAS DE
TRAJETÓRIAS E SONHOS DE MULHERES DA EJA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de concentração Educação, Sociedade e Culturas.

Orientadora: Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante

Feira de Santana, maio de 2014

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado

A692s Araújo, Vanda Almeida da Cunha
Os sentidos da escolarização para mulheres no rural de Feira de Santana/Bahia : narrativas de trajetórias e sonhos de mulheres da EJA / Vanda Almeida da Cunha Araújo. – Feira de Santana, 2014.
131 f. : il.

Orientador: Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante.

Mestrado (dissertação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

1. Educação – Mulheres – Zona rural. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Feira de Santana. I. Cavalcante, Ludmila Oliveira Holanda, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 37 (814.22)-055.2

VANDA ALMEIDA DA CUNHA ARAÚJO

**OS SENTIDOS DA ESCOLARIZAÇÃO PARA MULHERES NO RURAL DE FEIRA
DE SANTANA/BAHIA: NARRATIVAS DE TRAJETÓRIAS E SONHOS DE
MULHERES DA EJA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de concentração Educação, Sociedade e Culturas.

Profa. Dra. Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante

Profa. Dra. Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

Profa. Dra. Maria Helena da Rocha Besnosik

Resultado: _____

Feira de Santana, maio de 2014

A minha mãe, mulher forte e lutadora, que mesmo sem compreender direito o que tudo isso significa, sempre encheu os olhos de lágrimas ao ver as realizações das suas filhas e filhos.

Aos homens da minha vida, meu pai, pelo alicerce construído desde a infância; Pascoal Junior, meu marido, companheiro, amigo, confidente, amor, por toda a felicidade que é viver ao seu lado; a Gabriel e Matheus, meus amados filhos, razões da minha energia e existência.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um exercício que fortalece a alma, a vida. Se fizermos agradecimentos é porque pessoas passaram por nossa vida, deixaram marcas de bondade, fraternidade e amizade. Toda a minha trajetória pessoal e profissional foi marcada por pessoas que se fizeram presentes, sempre apoiando com palavras e afagos minhas trilhas. Nessa caminhada contei com o apoio e incentivo de muitas pessoas, a todas elas minha gratidão, especialmente:

À Deus pela vida, saúde e oportunidade de realizar este sonho;

Aos meus pais por tudo que ensinaram, pelas palavras de esperança, estímulo e exemplo;

A minha amada irmã Maria, exemplo de bondade, atenção e amor, sem você *Zinha* nada disso teria acontecido.

A minhas queridas irmãs, Marlene e Rosanete que apoiaram e compartilharam essa realização;

Aos meus irmãos Jaime, Juraci, Afonso e Paulo por existirem, pelo carinho, amizade;

A Pascoal Júnior por tudo de maravilhoso que é viver ao seu lado, convivendo, aprendendo e compartilhando do verdadeiro sentido de ser amada e feliz!

A minha querida cunhada Elenilda pelas escutas e palavras de incentivo;

Aos amigos e amigas do Colégio Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho, que dividiram comigo as faltas, angústias e risos durante essa jornada;

A Sandra Damasceno pela compreensão de sempre e pelo entendimento de que tudo pode ser resolvido com diálogo e companheirismo;

A todos os colegas da Escola Municipal José Tavares Carneiro pelo apoio;

Às professoras Lívia Azevedo, Jussara Portugal e Ana Marta pelas dicas, sugestões e materiais;

De modo especial, à professora Ludmila, minha orientadora, que com seu jeito sereno e meigo de ser, soube trabalhar de maneira fraterna minhas dificuldades, inexperiências e agonias. A ela, meu respeito e admiração por tudo que me proporcionou aprender;

Ao professor Marco Barzano pelo incentivo, profissionalismo e carinho com o próximo;

A todos os professores e funcionários que fazem parte do PPGE/UEFS, sempre dispostos a colaborar com os mestrandos;

Às professoras Jane Adriana e Malena Besnosik por terem aceitado, tão gentilmente, o convite para fazer parte da banca de defesa.

A todos os colegas da II^a turma do Mestrado em Educação da UEFS pelos momentos de reflexão e aprendizado, foi muito bom caminhar, descobrir e conhecer com vocês!

As minhas queridas colegas Luciane, Rosângelis, Urânia e Laís que ao longo do mestrado compartilharam ansiedades, preocupações e lágrimas. Agradeço, também, pelos momentos de descontração, risos e palavras de incentivo. Valeu meninas, foi muito bom conhecer vocês!

A todos que participaram do grupo de estudos de Educação do Campo, pelas trocas, reflexões e debates, os momentos de aprendizagem nesses encontros foram de extrema importância para meu crescimento intelectual;

A professora Maria Luiza pela gentil correção do texto dissertativo.

Um agradecimento especial à todas as mulheres estudantes do rural de Maria Quitéria, pela existência, companhia, respeito, carinho e atenção em todas as etapas que permitiram a realização desse trabalho.

*Toda pessoa sempre é a marca das lições diárias
de outras tantas pessoas.*

*É tão bonito quando a gente sente,
Que a gente é tão gente onde quer que a gente vá.*

*É tão bonito quando a gente entende,
Que nunca está sozinho porque pensa estar.*

*É tão bonito quando a gente pisa firme,
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos.*

*É tão bonito quando a gente vai à vida,
Nos caminhos onde bate mais forte o coração!*

(Gonzaguinha)

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo de trajetórias de vida e vivências escolares de mulheres adultas do rural do distrito de Maria Quitéria em Feira de Santana-BA. O foco da pesquisa está na tentativa de compreensão das razões que levam as mulheres adultas a retornarem à instituição escolar – especificamente no Curso de Educação de Jovens e Adultos no processo da escolarização e conclusão do ensino fundamental II na sede do seu distrito rural. Neste sentido, serão analisadas questões relacionadas aos locais de moradia (espaço rural); bem como as relações de gênero que refletem as condições de vida e de trabalho das mulheres pesquisadas. A educação, para as populações do campo, ficou historicamente relegada a propostas educacionais sem especificidades e originalidade territorial, voltada muitas vezes a programas e projetos de rápida duração sem a devida atenção aos contextos dos quais faziam parte. Tais propostas não promoviam mudanças estruturais para a melhoria da qualidade de vida das pessoas do campo e por consequência, as expulsava da escola, ou as incentivavam a buscar outras condições de vida, trabalho e estudo nos grandes centros urbanos. Utilizando uma abordagem qualitativa, o percurso metodológico deste estudo, se desenvolveu a partir das histórias de vida, fundamental para compreensão da realidade em foco, considerando as representações elaboradas, as identidades construídas e os saberes oriundos da trajetória vivenciada pelas mulheres estudantes da EJA no turno noturno. A pesquisa contou com a colaboração de seis mulheres moradoras de comunidades circundantes do distrito, estudantes da escola. Os instrumentos utilizados para a coleta de informações foram: a observação na escola, nas comunidades e domicílios; as observações participantes em sala de aula; os questionários para caracterização do perfil geral das estudantes e as entrevistas semiestruturadas com as seis estudantes. A pesquisa revela a grande importância que as mulheres atribuem ao processo de escolarização, pois para elas a conclusão dos estudos pode proporcionar melhores oportunidades de emprego, aumento da autoestima, respeito, valorização e reconhecimento social. O estudo demonstra ainda que, na perspectiva das mulheres, a conclusão dos estudos possibilita um melhor desempenho nas relações desenvolvidas na comunidade e sociedade, oportunizando assim para as mesmas, um exercício efetivo da cidadania.

Palavras-chave: Gênero; Rural/Campo; história de vida; Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This thesis presents a study of life histories and school experiences of adult women of the rural district of Maria Quitéria in Feira de Santana/BA. The study sought to understand the meanings of schooling for women who return to the school in the course of Education for Young People and Adults, to complete the elementary education of the headquarters of his rural district. The work examines issues related to place of residence (rural areas), deals with gender relations and reflects the conditions of life and work of women surveyed. The education for the people in the field was historically relegated the educational proposals without specificities and originality territorial, facing many times the programs and projects of rapid duration without due attention to the contexts in which they were part. These proposals have not promoted structural changes for the improvement of the quality of life of the people in the field and as a consequence, the banished from school and encouraged them to seek other conditions of life, work and study in the large urban centers. Using a qualitative approach, the methodology of this study, develop ping from their life stories, trying to understand the reality in focus, whereas the representations, the identities constructed and knowledge stemming from the trajectory experienced by women students of Young Adults Education in night shift. The research relied on the collaboration of six women living in surrounding communities of the district, students of the school. The instruments used for data collection were the observation in school, in the communities and households; the comments participants in the classroom, the questionnaires for the characterization of the general profile of the students and the semi-structured interviews with six students. The research reveals the great importance that women attribute to the process of schooling, because for them the conclusion of their studies can provide better employment opportunities, increased self-esteem, respect, appreciation and social recognition. The study also shows that, in the perspective of women, the conclusion of studies allows a better performance in relations developed in the community and society, thus allowing for the same, an effective exercise of citizenship.

Keywords: Gender, Rural/Field, history of life, Education of Young People and Adults.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A renovação da vida	15
Figura 2: O sol que aquece a luta	23
Figura3: Caminhos do distrito de Maria Quitéria	24
Figura 4: Momento em sala de Aula	39
Figura 5: Comunidade Casa Nova: entrevista	41
Figura 6: Localização do município de Feira de Santana em relação a Salvador e ao contexto baiano	45
Figura7: Localidade Faz. Casa Nova, trabalhando e conversando	53
Figura 8: Localização da região central de Feira de Feira de Santana e distritos	55
Figura 9: A escola JTC	57
Figura 10: A luta do todos os dias	71
Figura 11: A mulher do rural em suas atividades diárias	95
Figura 12: Estudantes ao final da entrevista	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Evolução populacional de Feira de Santana 1940/2000	46
Tabela 2: Distribuição da população de Feira de Santana/BA – 2 000/2010	47
Tabela 3: Distribuição da população de Feira de Santana nos distritos/2010	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAPS	Associação de Apoio ao Programa de Alfabetização Solidaria
BA	Bahia
CEAS	Curso de Educação Ambiental para a Sustentabilidade
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
JTC	José Tavares Carneiro
ONU	Organizações das Nações Unidas
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana

SUMÁRIO

Introdução	16
I. O nascer da pesquisa	23
1. Traçando o percurso metodológico	27
2. As mulheres da EJA vivem em Maria Quitéria: Maria Quitéria fica em Feira de Santana	43
2.1 Adentrando o distrito de Maria Quitéria	55
2.2 Aqui começam os sonhos: a escola José Tavares Carneiro	57
3. Gênero, meio rural e educação - algumas reflexões necessárias	63
3.1 Gênero e a condição da mulher - a complexidade do tema	66
3.2 A vida das mulheres do rural do distrito de Maria Quitéria	71
3.3 A EJA na vida das mulheres de Maria Quitéria	79
4. Conhecendo mulheres, suas vozes, seus sonhos...	84
4.1 O que mais nos dizem as mulheres estudantes do rural	98
5. Considerações finais: tecendo reflexões, abrindo possibilidades...	111
6. Referências	117
7. Apêndices	124



Figura 1: A renovação da vida

No tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história. Falas, desejos, movimentos, formas perdidas na memória. No tempo nos constituímos, relembramos, repetimo-nos e nos transformamos. Capitulamos e resistimos mediados pelo outro, mediado pelas práticas e significados de nossa cultura. No tempo vivemos o sofrimento e desestabilização, as perdas, as alegrias e a desilusão.

(Fontana, 2000, p. 180)

Introdução

Diz o ditado popular que o tempo cura tudo. Decerto, a sabedoria popular tem lá suas razões no seu dizer, pois o tempo é o senhor dos acontecimentos, é o criador do nascer do dia e do cair da noite, é ele que faz o mundo girar, vidas que chegam outras que se vão... “e o tempo não para”... somos seres desse tempo que é constantemente dinâmico e fluído.

Pensar no tempo é refletir lembranças e acontecimentos que ficam guardados na memória e que só serão buscados em alguns momentos das nossas vidas. No entanto, essa volta às reminiscências, muitas vezes, contribui para uma avaliação do percurso trilhado ao longo da vida, permitindo sentimentos de alegria e dor. Algumas pessoas preferem nem lembrar, o dizer de si mesmo não é um momento confortável para muitos que nem estão acostumados a falar. Esses sujeitos, muitas vezes, evitam tocar nas suas memórias, outros só esperam uma oportunidade para colocar tudo para fora, alguém que possa ouvir cuidadosamente suas palavras doces e árduas, nesse momento risos de felicidade e lágrimas de choro podem ser observadas naqueles que relatam suas histórias de vida.

Os retalhos colhidos para a costura dessa investigação foram frutos de significados e (re)significados construídos ao longo de minha história de escolarização e também de vida. Na elaboração dessa colcha, muitos retalhos ficaram marcados de felicidades, com alegrias e realizações, em outros, marcas que ficaram e ficarão na memória para todo o sempre da minha existência enquanto ser deste mundo, enquanto professora em atividade na docência e, também, como alguém que pensa e reflete na perspectiva individual e coletiva.

A pesquisa aqui apresentada emerge das inquietações vivenciadas ao longo da minha história de escolarização e também da minha atuação na docência com alunos e alunas da zona rural na Educação de Jovens e Adultos – EJA, da escola municipal José Tavares Carneiro - JTC, localizada no distrito de Maria Quitéria, onde sou professora pela Secretaria de Educação do Município de Feira de Santana¹.

Os caminhos trilhados, os passos dados e oportunizados na prática com a EJA me fizeram refletir questões relacionadas ao processo de escolarização das alunas, que por

¹ Minha experiência com alunos da EJA vem desde 2000, quando trabalhei com o Programa Alfabetização Solidária pela Universidade Estadual de Feira de Santana, essa experiência durou quatro anos e atuei em nove municípios da Bahia realizando acompanhamento pedagógico junto às equipes locais que participavam do Programa do Governo Federal ligado ao Ministério da Educação.

diversos motivos em suas vidas tiveram que abandonar seus estudos e que estão retornando à escola na busca por novos conhecimentos na vida.

As minhas andanças como aluna da roça, estudante da cidade e professora da rede pública marcaram minha história de escolarização e me fizeram perceber e refletir outras dimensões relacionadas à educação.

Nesse processo de formação e autoformação, minhas reflexões e interpretações acerca dos processos educativos foram se ampliando tanto na vida acadêmica quanto em minha atuação enquanto professora. Todo esse percurso me aproximou ainda mais das minhas alunas da EJA do distrito de Maria Quitéria em Feira de Santana/BA.

A análise realizada neste trabalho nos remete a uma reflexão sobre os problemas estruturais que produzem as diversas desigualdades que a educação brasileira apresenta e até reproduz. O estudo com mulheres da zona rural é imensamente enriquecedor e ao mesmo tempo provocativo, por proporcionar uma emersão de sentimentos extremos que vão da alegria das conversas, do estar junto, conhecer, conviver (ainda que por pouco tempo), à constatação de uma realidade muitas vezes perversa, a qual restringe a falta de oportunidades, materializando, em muitos casos, o não acesso e garantia de permanência na escola, no trabalho, nos espaços públicos de participação, à cultura e também em espaços de lazer.

Na tentativa de alcançar entendimento em relação às incompreensões e certas incertezas acerca da realidade destas mulheres que trabalham, estudam e são responsáveis por várias atividades dentro e fora de casa, vários questionamentos foram necessários. Como, quais os sentimentos e questões permeiam a caminhada dessas mulheres? Quais trilhas foram essas pelas andaram e as conduziram a esse encontro? Que contradições, possibilidades e desejos essa investigação provoca na diversidade dos espaços comunitários e escolares da zona rural?

Tentando entender essa caminhada repleta de altos e baixos, ora com aflição, ora com felicidade... é que tento me resignificar a partir da minha própria história, dialogando com outras histórias que começam a fazer parte do meu percurso.

Nascida na fazenda Jacaré², zona rural do município de Várzea da Roça, cidade que fica a 306 quilômetros de Salvador, no interior da Bahia, tive uma infância eminentemente rural.

²A “fazenda” Jacaré fica atualmente a vinte e três quilômetros do município de Várzea da Roça, e a quatro quilômetros do Distrito de Campo de São João, no mesmo município. Essa “fazenda” pertenceu a meu Bisavó paterno, depois passou para meu avó e por fim meu pai. A casa na qual passei toda a minha infância e adolescência ainda abriga uma família.

Filha de pais camponeses, morei na zona rural até os oito anos de idade. Meus pais sempre foram trabalhadores rurais e viviam do que produziam, os principais cultivos eram de feijão, milho, mandioca, batata, entre outros. Eles criavam gado, porcos e galinhas na pequena propriedade que foi herança da família e assim conseguiram manter a posse da terra com intenso trabalho braçal, luta e esforço ao longo de anos.

Até os meus oito anos de idade, todos nós morávamos na *roça*³. Éramos nove (cinco homens e quatro mulheres), fazíamos todos os serviços que nosso pai solicitava (tirar leite, plantar capim, apartar as vacas dos bezerros, capinar o feijão, bater o milho, carregar água no período da seca, catar ovos e etc). Tais serviços marcaram minha infância e deixaram boas lembranças para a vida toda. Nesse período vivenciei muitas e heterogêneas aprendizagens, guardo na memória lembranças que, naquele momento, não tinha muito sentido para mim, mas que hoje me ajudam a entender melhor minha história de vida e outras tantas questões que permeiam minhas reflexões enquanto mulher, educadora e cidadã.

Vivíamos em um local um tanto quanto isolado, pois não havia estradas em condição de tráfego de automóveis, sem movimento de pessoas, utilizávamos fogão à lenha, iluminando a noite com candeiro à base de querosene. Para nos deslocarmos até a cidade era necessário andar quatro quilômetros e meio. Mesmo diante dessa situação e de tantas outras dificuldades, meus pais, nunca deixaram um só filho fora da escola. Mesmo não tendo concluído a quarta série primária, os meus pais sempre tiveram em mente que os filhos precisavam frequentar a escola até se formarem no segundo grau⁴.

A quatro quilômetros da casa dos meus pais, ficava a escola mais próxima, esta escola funcionava numa casa tipicamente rural, com apenas um quadro de giz, uma única classe e multisseriada⁵, com uma professora leiga⁶ chamada Maria. Quando íamos para a escola, já sabíamos o ABC. O “abc” era a forma como as pessoas da zona rural, naquela época, se reportavam ao alfabeto da língua portuguesa, minha mãe nos ensinava antes de irmos para a

³ Segundo SANTOS (2006, p. 82) a roça é um rural específico, um rural retalhado em pequenas ou mesmo minúsculas propriedades, destinadas à agricultura de subsistência. Propriedade, lugar de labuta, onde em conjunto a família lavra a terra e tira seu sustento [...] a roça é, digamos o paradigma de uma forma marginal que define as populações rurais empobrecidas. Roça fica aqui entendida, como um lugar de vivência específico das comunidades da zona rural do Nordeste brasileiro, residir na zona rural é morar e viver na roça, é a identidade das pessoas, são seus modos, seus hábitos e seus costumes característicos do lugar onde moram, vivem, convivem e reivindicam esse status pra si.

⁴ Termo como era chamado o ensino médio na época.

⁵ As classes multisseriadas são turmas constituídas por alunos de várias séries sob a responsabilidade de um único professor. Geralmente são destinados para lecionar nessas turmas professores que são considerados “inaptos” para atuar nas turmas das escolas da zona urbana (ANTUNES-ROCHA & HAGE, 2010).

⁶ Segundo Brandão (1983), professor leigo é aquele sem formação e que trabalha em áreas rurais. O professor leigo é sempre alguém da comunidade, de alguma comunidade da região, a quem o sistema de ensino incorpora sem integrar a sua ordem.

escola. Ela tinha seu modo particular de ensinar: primeiro pedia que memorizássemos todas as letras, depois pegava uma folha e fazia um orifício que só cabia uma letra, depois mostrava a letra pelo buraco e perguntava qual era aquela letra, se errássemos tínhamos que estudar tudo novamente... e foi assim que aprendemos o alfabeto todo antes de frequentar a escola. Minha mãe fazia esse trabalho de reconhecimento das letras com todos os filhos, pois segundo ela nós teríamos que saber algumas coisas antes mesmo de entrarmos na escola, ela sempre dizia: “se aprender as letras não vai se atrasar com a professora”. Ao terminar a quarta série, eu e meus irmãos íamos estudar na cidade.

O exemplo que os meus pais davam sobre a importância de frequentar a escola e aprender a ler, escrever, somar e interpretar sempre me acompanhou, mesmo que naquele período, não tivesse entendimento do que tudo aquilo significava; a minha origem e trajetória no espaço rural sempre provocaram inquietações. A identidade rural, a vivência na cidade para estudar e o retorno nas férias para o rural, me faziam redimensionar e refletir realidades diferenciadas, embora não compreendesse direito os significados daquela situação imposta pelos meus pais.

Na cidade, estudávamos em uma escola pública, onde não havia livros, nem biblioteca e todo o material que usávamos na escola era comprado, lembro que meu pai reclamava, ano a ano, do custo que ele tinha com todo o material dos filhos, no entanto, passava o ano todo juntando dinheiro para não deixar ninguém sem material e sem estudar. Nesta escola, estudávamos todo o ensino fundamental da 5ª a 8ª série e depois o antigo magistério, única opção para o ensino médio no município.

Foi a partir do curso de magistério, entre os anos de 1995 a 1997, composto, na sua maioria por estudantes do sexo feminino, que tive a oportunidade de trabalhar em uma escola rural, próxima à cidade onde realizei o estágio obrigatório do curso.

Lembro-me que as minhas colegas de turma não queriam de jeito nenhum fazer o estágio na zona rural, algumas alegavam que as escolas da roça eram feias, que os alunos não sabiam ler, não tinham material, nem merenda, cada aluno estava em uma série diferente e que não gostariam de fazer vários planejamentos. Como não houve consenso quanto à escolha de escola na zona rural, a professora do estágio fez sorteio e fui contemplada com a escola chamada Angico, localizada a cerca de três quilômetros e meio da sede da cidade.

Nessa escola, pude vivenciar todos os problemas que uma escola rural, multisseriada, e abandonada pelo poder público pode acumular. Durante os três meses de estágio tive que me desdobrar para ser professora, diretora, merendeira, mãe, psicóloga e outras tantas

funções. Essa experiência provocou vários sentimentos que marcaram minha vida profissional enquanto professora. A realidade vivida no estágio do curso de magistério conduziu minhas escolhas futuras para a atuação enquanto educadora, a situação de abandono e falta de tudo observada no dia-a-dia da escola de certa maneira influenciaram minha decisão pelo curso superior na área de educação e em uma licenciatura.

No decorrer do estágio, passei por momentos de muita angústia, às vezes chorava, outras vezes tentava fazer os meus alunos sorrir, mesmo diante da realidade dramática que, em minha opinião, todas aquelas crianças estavam submetidas em seu cotidiano escolar.

A escola Angico deixou marcas que estão bem presentes em minha vida e história como professora. Consequentemente, além de alimentar minhas angústias deu origem a muitas perguntas cujas reflexões não eram claras para mim.

Na elaboração do relatório final e conclusão do estágio, esta inquietação atormentou minha cabeça fervilhando muitas questões que necessitavam de respostas, tais como: Porque a Prefeitura não manda material, livros e a merenda para as crianças? Porque a escola Angico não tem uma biblioteca? Porque cada aluno está em uma série diferente na mesma turma? Como alunos que andam sete ou oitos quilômetros de casa até a escola têm ânimo para aprender? Porque a aparência da escola é de total abandono? Para essas perguntas, não havia respostas plausíveis naquele momento.

Esta experiência docente deixou evidente para mim que a perspectiva de escola rural nos moldes em que se apresentava, era naturalizada por todos. Não havia problematização por parte da professora do estágio, nem pela Secretaria de Educação do município, tampouco do poder público. Essas eram as leituras que conseguia vislumbrar naquela época.

Em 1998, ao terminar o magistério, fui tomada pela vontade de estudar e fazer uma faculdade, mas como quase toda família de origem rural, não tinha condições de colocar meus planos em prática. Assim, minha irmã mais velha, bancária, veio transferida de São Paulo para Feira de Santana, tornando possível minha trajetória de estudos na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Foi na UEFS que comecei a enxergar o mundo com outros olhos, tudo era novo, um universo repleto de possibilidades. A minha entrada no curso de licenciatura em Geografia possibilitou interações teóricas e práticas que marcaram minha caminhada rumo à construção de uma trajetória acadêmica, profissional e pessoal, seja como graduada, especialista e agora mestranda em educação.

A graduação em Geografia, o estágio na Pró-Reitoria de Extensão com a alfabetização de adultos, as experiências resultantes desse trabalho, a aprovação na especialização em Educação Ambiental⁷ e finalmente, o Mestrado em Educação possibilitaram a conquista de heterogêneas experiências que trago comigo nos caminhos trilhados até aqui.

Dessa maneira, ao refletir os retalhos que compõem a colcha da minha vida, penso que a minha história representa a trajetória de tantas outras moças de origem rural que se repetem em famílias de tantos outros trabalhadores rurais que saíram do campo por causa da escola e da busca, em sua grande maioria, por uma educação melhor para seus filhos. Podemos dizer que os condicionantes de ordem econômica historicamente imposta, decorrentes de um modelo de desenvolvimento discriminatório e desigual, historicamente construídos, são os grandes responsáveis pela situação de abandono político das áreas rurais. É a partir desse cenário desigual, ao mesmo tempo contraditório, e de tantas outras reflexões vividas nessa caminhada, que vislumbro em minhas reflexões outro projeto de sociedade, mais justo, mais igualitário para todos.

Outro fator que motivou meu interesse pelos estudos com a educação no rural foi fundamentado em minha inserção e participação no *Programa de Alfabetização Solidária*⁸ do Governo Federal em parceria com a UEFS, através de um trabalho de extensão, no período de 2000 a 2003.

Nessa oportunidade, tive contato com mulheres e homens em processo de alfabetização nos municípios de Jeremoabo, São José do Jacuípe, Laje, Biritinga, Adustina, Antonio Cardoso, Rafael Jambeiro, Ipirá e Itanagra, todos na Bahia. Tive a chance de acompanhar de perto a luta de homens e mulheres adultos e idosos na busca pela aquisição da leitura, escrita e interpretação de textos. Essa experiência me trouxe muitas inquietações no meu caminhar acadêmico e nessa fase despertei para esta temática de pesquisa que vislumbrei seguir: o espaço rural e sua relação com a educação.

Em 2003, enquanto estudante do Curso de Especialização em Educação Ambiental para a Sustentabilidade - CEAS, tive a primeira experiência acadêmica com uma pesquisa em espaço rural. A proposta do curso de Pós-Graduação em Educação ambiental era trabalharmos

⁷ A especialização em educação ambiental é oferecida pela Equipe de Educação Ambiental da UEFS, a qual desenvolve um papel importante junto à comunidade feirense e também aos municípios circunvizinhos. Os estudos e trabalhos são direcionados a ações de educação ambiental e também aos resíduos sólidos urbanos. As pesquisas realizadas na CEAS têm grande relevância para a região de Feira de Santana, principalmente nas áreas do semiárido baiano, sendo que os trabalhos são direcionados a resolução de problemas socioambientais que buscam a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

⁸ O *Programa Alfabetização Solidária* é um Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos, gerenciado por uma organização não-governamental (Associação de Apoio ao Programa Alfabetização Solidária – AAPAS), sem fins lucrativos e de utilidade pública, que tem como objetivo combater o analfabetismo no Brasil.

em espaços que tivéssemos uma maior interação com a proposta metodológica do curso, no caso, com a pesquisa-ação⁹. Para a realização deste trabalho (CUNHA, 2005), fiz uma intervenção pedagógica na comunidade de Caldeirão, que fica localizada a dezoito quilômetros da sede do município baiano de Rafael Jambeiro.

Meu contato com a comunidade se deu a partir da Secretaria de Educação do já referido município, onde eu atuava como professora e também da assessoria para assuntos educacionais que prestava ao Sindicato de Trabalhadores Rurais¹⁰ deste município.

A participação dos trabalhadores rurais dessa comunidade no Sindicato era bastante intensa no período da realização da pesquisa-ação, e os próprios trabalhadores solicitaram que o trabalho de intervenção fosse realizado na sua comunidade. O exercício proposto com os trabalhadores rurais procurava construir ambientes de reflexão e busca de solução de problemas socioambientais na referida comunidade rural. Tal experiência foi marcante em minha trajetória acadêmica e também para o meu enriquecimento enquanto geógrafa, educadora ambiental oriunda de espaços rurais.

No bojo das experiências que vinha desenvolvendo, busquei novas oportunidades de estudo, assim, no final de 2011 fui aprovada na seleção do mestrado em educação da UEFS. A partir das vivências que a pós-graduação oportunizou construí um projeto de pesquisa que atendesse ao meu interesse de investigação, o qual envolvia educação, espaços rurais e mulheres.

Ao longo do mestrado, fui construindo saberes que contribuíram para um melhor entendimento da educação em espaços rurais, da EJA e as questões de gênero. A realidade enfrentada pelos indivíduos que vivem nos espaços rurais, suas lutas, trajetórias, itinerâncias e seus processos de escolarização são objetos da presente investigação acadêmica.

⁹ A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 1985:14).

¹⁰ O Sindicato de Trabalhadores Rurais do município de Rafael Jambeiro possui mais de mil e trezentos associados e é um local de acolhimento das populações da zona rural. Na sede do sindicato todo tipo de atendimento é prestado, desde almoço para alguns trabalhadores mais necessitados a encaminhamentos de aposentadorias dos trabalhadores. No período de julho de 2003 a março de 2010 pude contribuir com este órgão e também vivenciar muitas situações que são enfrentadas pelo sindicato enquanto representante legal das pessoas e comunidades residentes na zona rural deste município.

I. O nascer da pesquisa

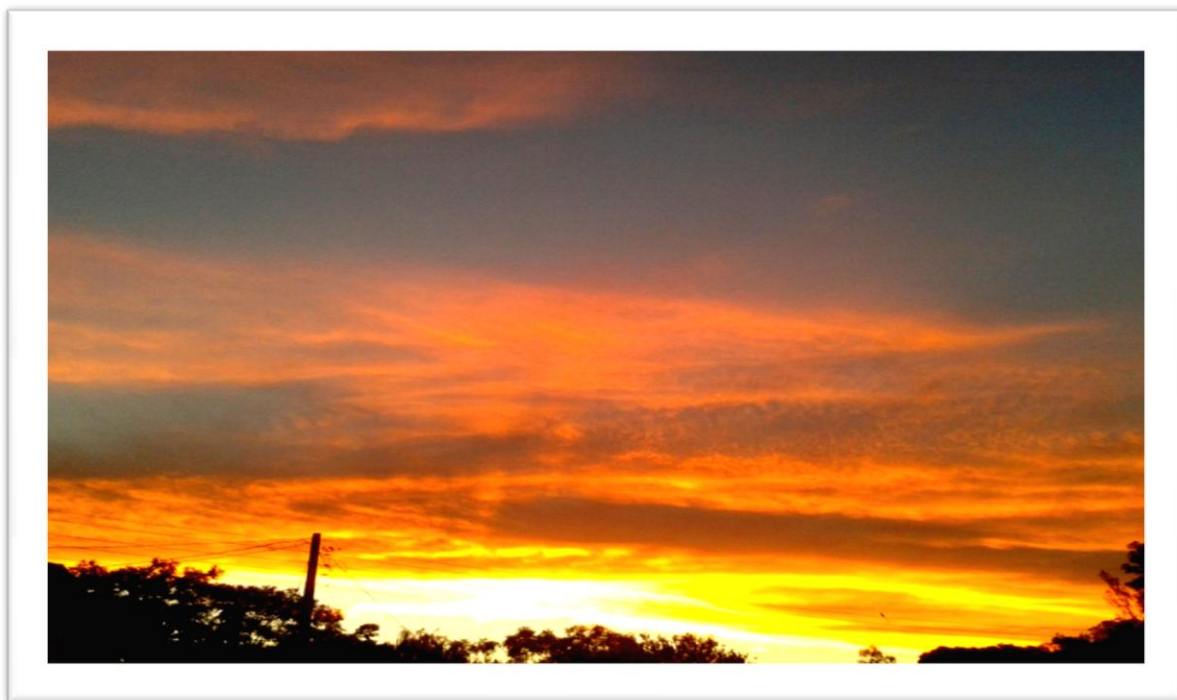


Figura 2: O sol que aquece a luta

“O sol nasce bem aqui no fundo da minha casa, ô coisa linda! Ele vem devagarzinho, amarelinho, fraquinho... depois já vai esquentando tudo, o dia, a terra, os bichos, as plantas, a água, a vida. Adoro o sol! (Laura, outubro de 2013)

Essa pesquisa nasceu como o sol descrito por Laura, devagarzinho! Em um movimento lento, mas gradual, foi iluminada por contextos, palavras, buscas, incertezas, alegria, medo, insônia, risos e pensamentos que, aos poucos, começaram a fazer sentido em minha mente e no meu coração.

Tudo teve início em 2007, ano em que ingressei como professora na Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana e fui lotada na Escola Municipal José Tavares Carneiro, no distrito de Maria Quitéria. Neste espaço passei a desempenhar minhas funções

como docente no turno da noite, trabalhando com a EJA, com a disciplina de Geografia, no ensino fundamental II.

O Distrito de Maria Quitéria é considerado como zona rural, no entanto já existe um projeto da prefeitura municipal de Feira de Santana o qual pretende inserir este distrito dentro do perímetro urbano.

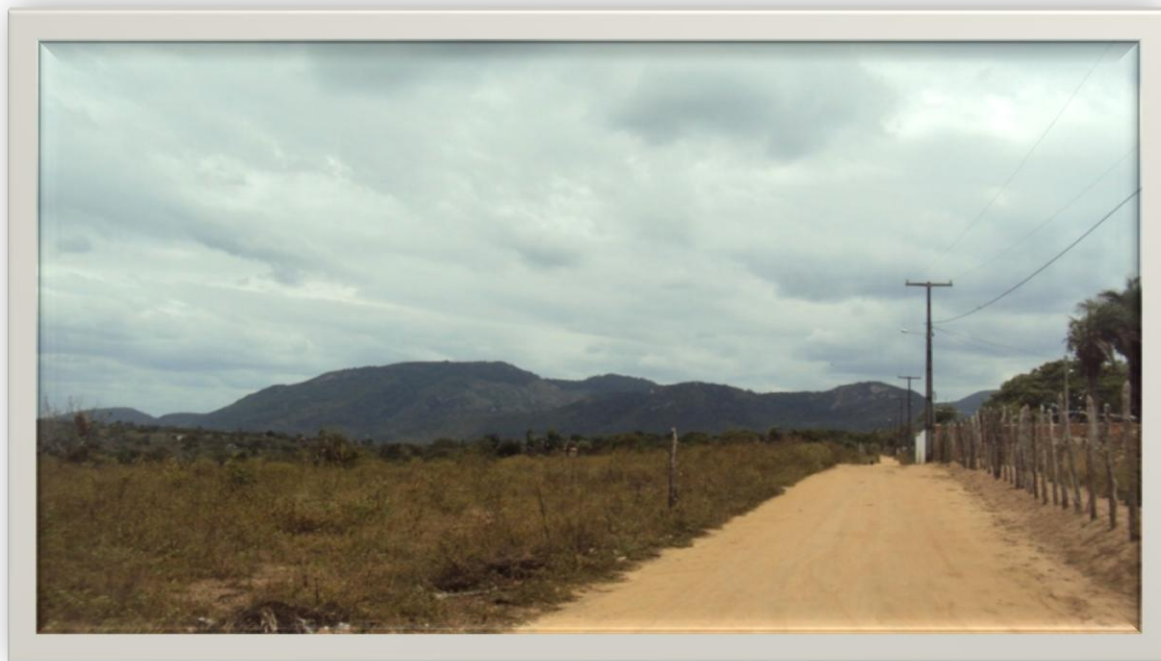


Figura 3: Caminhos do distrito de Maria Quitéria

Neste cenário rural, tão “próximo” do urbano, fazia da experiência docente algo muito instigante. O trabalho com a EJA ao longo de seis anos possibilitou observações junto a todos os estudantes, mais especificamente às alunas mulheres, muitas delas ainda muito jovens, outras já com idades medianas e também idosas, trabalhadoras, interessadas em terminar os estudos. As alunas que estudam na escola JTC são, em sua maioria absoluta, remanescentes de comunidades rurais que ficam além do distrito de Maria Quitéria, locais que chegam a uma distância de até trinta e um quilômetros da sede do distrito.

Pude perceber, no dia-a-dia do meu trabalho, mesmo ainda sem delineamento preciso da atual proposta de pesquisa, que essas mulheres, em sua maioria, são mães, esposas, trabalhadoras rurais, domésticas e estudantes presentes no cotidiano da escola. Essas estudantes vão direto do trabalho para as aulas, apresentando na face o cansaço do dia de

labuta, o esforço e o empenho imprimido no desejo de aprender tudo que aquele espaço representava.

A postura firme e ao mesmo tempo disciplinada dessas mulheres me oportunizou reflexões importantes. Todos os anos, novas turmas se formavam e chegavam mais e mais mulheres em busca de aprendizado e conhecimento na escola. Sempre que terminavam as aulas, as alunas me procuravam para conversar. Nessas conversas informais passei a me interessar pela história de vida das estudantes e suas trajetórias dentro e fora do espaço escolar. Tais relações construídas no seio da escola me aproximaram dessas mulheres da zona rural. O processo de escolarização das estudantes da EJA na Escola José Tavares Carneiro foi me instigando a refletir melhor sobre esta relação e paulatinamente fui me interessando pela trajetória de vida dessas pessoas.

Foi em 2011 que comecei a pensar, ainda de maneira tímida, em ingressar em uma pós-graduação. Em 2012, ingressei no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, mas inicialmente optei por submeter um projeto de pesquisa no processo de seleção que buscava retomar o trabalho no rural de Rafael Jambeiro; ao adentrar no programa da Pós-graduação em Educação da UEFS, ventos positivos me fizeram perceber que era no meu trabalho docente, na zona rural de Maria Quitéria que eu encontraria elementos substanciais a continuidade do trabalho como pesquisadora.

Com as reflexões e pesquisas vivenciadas no curso de mestrado (2012/2013) passei a frequentar o grupo de estudos em educação do campo. Com o mestrado em curso e a participação nos debates em torno da educação do campo travados por todos os membros do grupo, fui compreendendo que a minha intenção de pesquisa já estava desenhada e parecia ganhar sentido. Durante esse percurso de reflexão estávamos trabalhando no grupo com a inspiradora obra de Carlos Rodrigues Brandão, intitulada Casa de Escola (1983). Neste livro, o autor descreve, e reflete de maneira profunda e analítica, as condições de trabalho e vida em diferentes contextos do rural do Brasil. Brandão (1983) e sua obra me levaram a pensar sobre conjecturas que envolvem a pesquisa em educação, como pesquisar sujeitos, como escutá-los, como perceber sua realidade, modos de vida, formas de trabalho, de estudos, dificuldades... Ao falar de sua pesquisa, ele diz: *“De propósito quis convocar uma conversa entre educadores [...], preferi deixar que eles, agentes e sujeitos de diferentes estilos e modos do ofício de fazer circular o saber, fossem os atores das pesquisas, através das quais falam sobre os seus mundos, vidas e momentos de ensinar-e-aprender”*, (1983, p. 9). Esta e outras

obras trabalhadas durante esse período contribuíram para o delineamento do estudo e das diversas formas de empreendê-lo na prática.

A partir do contexto vislumbrado na minha caminhada pessoal e profissional, das experiências de estudo, das trocas de saberes e experiências com diferentes espaços educativos e de aprendizagem, construí a questão problema para essa pesquisa: Quais os sentidos da escolarização para as mulheres adultas do distrito de Maria Quitéria no rural de Feira de Santana?

Essa questão permeou um universo de tantas outras perguntas que foram buscadas durante toda a investigação acadêmica as quais permitiram uma reflexão sobre a relação entre educação e gênero no universo territorial rural do distrito de Maria Quitéria.

1. Traçando o percurso metodológico

O conhecimento [...] exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece, conhecendo[...]

(Paulo Freire, 1970, p.27)

Os estudos nas áreas de ciências humanas, principalmente na área de educação têm apresentado outros vieses de pesquisa nas últimas décadas. Muitos e diversos são os temas e/ou categorias estudadas por pesquisadores imbuídos no âmbito educacional. Esses estudos e pesquisas têm buscado reflexões que vão além de uma simples constatação de uma realidade determinada, é preciso entender a história, sua construção, seu entorno, viajar junto, compreender as sinuosas curvas que levam a elaboração do conhecimento descoberto, é necessário se questionar, perguntar, escutar, propor, sonhar e ter esperança.

Nessa perspectiva, este estudo se caracteriza como uma pesquisa de base qualitativa, onde o lócus da investigação esteve sempre permeado por olhares sensíveis, observações instigantes e busca incansável de informações que fundamentassem, e de certa forma, explicassem a realidade em foco.

A pesquisa qualitativa pode ser entendida como sendo uma atividade que situa e localiza o observador no mundo (DENZIN E LINCOLN, 2006). Assim, as práticas e temas interpretativos dão visibilidade ao mundo, transformam-no em uma série de representações e significações realizadas pelos próprios sujeitos da ação (JOSSO, 1999). Nessa direção, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem natural e interpretativa do ambiente que o circunda, o que significa que os pesquisadores estudam seus objetos em seus cenários naturais, tentando entender e interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais. [...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo,

geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

A partir desse entendimento, surge a compreensão de que a pesquisa qualitativa vai além dos dados quantitativos, abordando uma variedade de técnicas com a finalidade de apreender e analisar os significados existentes no ambiente da investigação.

Segundo Minayo (1994), o método qualitativo enfoca um mundo de significados, de ações e relações humanas, nelas a fala passa a ser reveladora de valores e símbolos como representações de determinadas condições históricas e sociais.

A pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador andar por caminhos que não estavam planejados, ao ouvir o outro, muitas trilhas podem se abrir e outros percursos investigativos podem ser necessários, essas alternativas podem exigir do pesquisador novos estudos, direções e vias.

Assim, o conteúdo imaterial revelado nas falas das mulheres não pode ser simplesmente representado em quantidades, estes resgatam sentimentos que significam a trajetória de um ser repleto de sensibilidades, de um indivíduo que não construiu suas memórias mecanicamente, mas sim, imbuído de um jeito particular de ver e fazer sua própria história.

Nesta pesquisa, fiz a opção em trabalhar com o método qualitativo, utilizando como técnica a abordagem baseada nas histórias de vida. Nessa escolha percebi que poderia trilhar caminhos cheios de curvas, pois estava adentrando num universo muito complexo, de insurgências diversas, continuidade e discontinuidades, onde as práticas vivenciadas pelos sujeitos nos mais amplos espaços sociais é que definem sua forma de ser, de estar e agir no mundo.

A história de vida pode ser utilizada como uma técnica que direciona o trabalho empírico com memórias. Nessa perspectiva, a função do pesquisador é conduzir a pesquisa no sentido de fazer vir à tona o maior número de informações. Trata-se de colher, por diversos meios os dados dos sujeitos pesquisados. O modo como ele reinterpreta seu passado por recortes mediados pelo acúmulo de experiências adquiridas, por sua visão de mundo, por seus valores/projetos, tudo isso orientado pelas vivências do presente (MEKSENAS, 2002).

Dessa maneira, trabalhar com a história de vida é penetrar no interior de uma realidade que vai ultrapassar as concepções do narrador, onde o discurso será reelaborado e a história recontada. A técnica de história de vida traz aquilo que está no interior dos indivíduos e

estabelece uma interação entre esse interior e o exterior, ou seja, apresenta o individual e o social juntos.

Vale destacar, que a história de vida, apresenta uma dinâmica de construção e constituição de vida, dessa forma traz à tona momentos de reconstituição sob o peso das necessidades presentes, assim devem-se levar em conta as relações que se estabelecem entre a história social, política e cultural da geração a qual os indivíduos pertencem ou pertenceram.

Assim, este trabalho busca compreender, através das histórias de vida, a trajetória de vida das mulheres que residem nos espaços rurais, que são mães, trabalhadoras e que estão voltando para o processo de escolarização.

Trabalhar as questões relacionadas à educação com mulheres em espaços rurais me levou a observar sensivelmente os traços dessas histórias, das narrativas, do tempo que constitui essas histórias, das experiências, da bagagem que trazem em suas memórias, das lembranças, dos desejos e dos seus sonhos. Ouvir atentamente cada palavra, acompanhar cada gesto, perceber os detalhes da expressão facial é pensar cuidadosamente sobre todo o processo investigativo ao qual estava me propondo. Essa preocupação foi fundamental para uma maior prudência nas etapas do trabalho, como por exemplo, nas primeiras aproximações, nos primeiros contatos em espaços extras escola, nas perguntas e busca de informações, nas observações da vida cotidiana.

Nessa perspectiva, o trabalho de base qualitativa, abordando as histórias de vida me levou a perceber que essa metodologia investigativa poderia resultar na construção de um processo de memorização, onde as mulheres iam narrando sua história de vida e ao mesmo tempo relacionando essas lembranças ao seu processo de escolarização. Dessa maneira, ouvir as histórias de vida do outro nos faz refletir realidades diversas, comparar, assemelhar, distinguir e avaliar nossa própria existência enquanto educador, ser social e coletivo.

Para Souza (2004, p.133),

a investigação qualitativa privilegia a compreensão dos códigos, valores, comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da pesquisa, bem como a coleta de dados efetiva-se em função de um contato aprofundado com os indivíduos em seus contextos.

A história de vida está intimamente ligada à subjetividade, à simbologia das coisas, dos eventos que se enraízam na construção social, nas relações que se constituem em comunidades diversas, nos comportamentos que se estabelecem nos hábitos, costumes e valores imbricados na cultura e nos indivíduos de um determinado lugar.

Autores como Souza (2004), Josso (2010), Rios (2008, 2011), Dominicé (1988), Minayo (1994, 2000), Spindola (2003) Viana (2001), Meksenas (2002), Haguette (1999), entre outros, foram utilizados como referências para uma maior e melhor compreensão do trabalho metodológico proposto.

Segundo Josso (2010, p. 68-69), coloca:

[...] é muito difícil, quando se aborda a vida das pessoas, na globalidade de sua história, as variações dos registros nos quais se exprimem e as múltiplas facetas que elas evocam de seus percursos, não tomar consciência de sinergias positivas, ou negativas, entre as dimensões psicossomáticas, espirituais, sociológicas, antropológicas, sócio históricas, por exemplo, que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e, por conseguinte, da identidade. As situações educativas, territórios bem tangíveis, sobre esse ponto, são igualmente um lugar e um tempo nos quais os sentidos das situações e acontecimentos pessoais, sociais e profissionais pode ser abordado nesses diferentes registros a fim de facilitar uma visão de conjunto, de aumentar as capacidades de intervenção pertinente em sua existência e de otimizar as transações entre os atores mobilizados pela situação do momento.

Antes da escolha da metodologia, é necessário um intenso estudo sobre o espaço da pesquisa, dos sujeitos participantes e também uma longa investigação sobre os principais autores que trabalham com a temática.

Pensar, refletir, conhecer, descobrir, experimentar, subir, descer e, finalmente aterrissar foram construções que me envolveram nesse processo. Todas essas relações foram possíveis porque eu, enquanto professora das estudantes, já tinha certa proximidade, alguns contatos já estabelecidos com as alunas que eram as mulheres da escola JTC no curso da EJA.

Para Triviños (1995), a pesquisa qualitativa possibilita a busca de explicações sobre a origem dos fenômenos da vida humana, envolvendo causas, relações e mudanças. Considerando que os fenômenos que envolvem a educação são eminentemente sociais, esta pesquisa buscou compreender, a partir das histórias de vida, um entendimento sobre os desdobramentos que lhes foram impostos pelo curso sinuoso da vida, e que, de certa maneira, as impediram de concluir seus estudos.

O trabalho com histórias e trajetórias de vida dentro de um viés educacional, a partir de diálogos com mulheres rurais, possibilitou uma percepção acerca das relações que se estabelecem entre a educação, a comunidade, a família e a escola. Os saberes e percepções oriundos desse trabalho trazem à tona a importância das relações que se fundamentam nas

estruturais sociais em diversas escalas, na cultura imbricada na comunidade e nas interações fundantes que se estabelecem entre o processo educativo e a escola.

Nessa direção, a escolha metodológica justifica-se pela oportunidade que essa abordagem possibilitou à pesquisadora a estabelecer, de maneira dialógica, espaços de construção e reconstrução de suas trajetórias de escolarização. Outro fator que não poderia deixar de considerar está relacionado às mulheres dessa pesquisa, pois as mesmas tiveram a oportunidade de falar e ser ouvidas, dando altivez a sua própria história, se apresentando como construtoras de si mesmas, valorizando e ressignificando suas memórias ao longo da vida. As mulheres que participaram deste trabalho foram pensadas como colaboradoras e protagonistas de um processo e não apenas como objeto de um estudo.

As primeiras aproximações com as mulheres estudantes do distrito de Maria Quitéria ocorreram nos anos de 2012 e 2013. Eu, enquanto professora da EJA na escola, iniciei de maneira gradual um maior contato com algumas alunas para perceber como poderiam responder a uma comunicação mais próxima. O fato de ser professora, de estar em sala de aula, facilitou essa convivência e foi aí que comecei, de maneira informal, a tecer ideias para a produção da metodologia deste trabalho.

Foi a partir desse processo de aproximação que amadureci o perfil das possíveis colaboradoras da pesquisa e fui construindo alguns critérios de participação. Esses critérios, inicialmente, foram desenhados da seguinte forma: as mulheres deveriam ser adultas, com 25 anos ou mais e estudantes da EJA, deveriam ser moradoras da zona rural do distrito de Maria Quitéria, que já fossem mães e que trabalhassem em casa ou fora dela. Esses critérios foram previamente estabelecidos, pois havia expectativas no que concerne a maturidade das mulheres, a partir de uma trajetória de vivências e experiências acumuladas ao longo de suas trajetórias, desde a infância até a idade adulta.

Nessa perspectiva, para o início da pesquisa, solicitei à direção, coordenação e professores da escola um encontro com as mulheres das turmas da EJA, no qual eu pude explicar o projeto de pesquisa e o meu papel de pesquisadora junto ao grupo. Nessa oportunidade conversei com as mulheres e coloquei a proposta de trabalho para que elas pudessem apreciar, falei da importância da colaboração das mesmas para a realização do trabalho que estava em pauta.

Esse momento foi bastante gratificante, pois todas as estudantes, prontamente, se disponibilizaram a colaborar. O segundo passo foi marcar as datas para a aplicação dos questionários.

Nas datas marcadas para a aplicação dos questionários, expliquei a todas as mulheres presentes qual o objetivo do questionário e apresentei o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)¹¹, o qual foi lido para que todas tivessem conhecimento e ficassem à vontade para participar da atividade.

Esse cuidado foi necessário para que a lisura e importância do trabalho fossem compreendidas pelas colaboradoras e que a participação das mesmas fosse um percurso normal e tranquilo para a sua rotina na escola. Nesse caminho, trabalhei com cinco momentos diferentes, a cada dia de aula, uma turma era convidada a participar da aplicação do questionário. A turma era dividida, as mulheres saíam para outra sala para responder as questões e os homens continuavam suas atividades normalmente com o professor regente. Nessa dinâmica, foi necessário um total de cinco noites para a conclusão dos trabalhos, pois a estudante que tivesse faltado um dia teria oportunidade de responder o questionário em outro dia de aula, essa organização garantiu que as estudantes participassem da pesquisa.

As informações buscadas no traçado do perfil foram resultantes da participação de cinquenta mulheres oriundas das cinco turmas que funcionam no turno da noite da escola JTC. Essas turmas apresentam peculiaridades diversas, pois cada turma tinha alunas de localidades diferentes, a heterogeneidade apresentada pelas mulheres contribuiu imensamente para a riqueza das informações coletadas.

O questionário versava sobre a identidade geral das estudantes e solicitava alguns dados (nome, idade, estado civil, religião, endereço, cor, se tinha filhos, se tinha casa própria, com quem morava, se trabalhava, renda familiar, entre outros)¹². Neste instrumento, também questionava sobre os motivos que as levaram a abandonar a escola, as dificuldades para retornar aos estudos, se tinham o apoio da família, as razões que as levaram a voltar para a escola e seus objetivos ao concluírem o ensino fundamental e médio.

As questões propostas no questionário relacionavam-se ao meu interesse em conhecer mais e melhor as estudantes, buscava entender a importância que as mesmas davam aos estudos e como elas concebiam escola como um lugar “necessário” no seu cotidiano.

Estudei minuciosamente as respostas que foram colocadas nos questionários e selecionei dez mulheres. Feita a seleção, comecei a procurar as estudantes para marcar as entrevistas, nesse processo quatro das dez mulheres que foram selecionadas não se mostraram muito interessadas, não se sentiram à vontade para colaborar com o trabalho, algumas

¹¹ Esse termo consta nos apêndices da dissertação.

¹² O modelo consta nos apêndices.

alegaram vergonha, outras medo e receio de falar do seu passado. Assim, as entrevistas foram realizadas com seis estudantes, as quais participaram como colaboradoras da pesquisa.

O trabalho de campo foi realizado em duas etapas principais. Na primeira etapa, foram feitas observações participantes¹³ e aplicação dos questionários, estes foram realizados na escola. Na segunda etapa, fiz as visitas domiciliares que oportunizaram um maior contato com os contextos de vivências comunitários e escolar.

Todos esses passos não ocorreram de forma linear, mas sim estruturados numa dinâmica baseada em diálogos, de forma participativa e instigante, onde as trocas de conhecimentos fluíram tranquilamente e esse processo contribuiu de maneira significativa para os resultados dessa investigação.

Primando pela segurança e sigilo das participantes do estudo, seus nomes verdadeiros foram preservados, não sendo aqui divulgados, mesmo sendo autorizada por elas a revelar suas identidades e participações em qualquer espaço que eu entendesse importante. Dessa maneira, marquei um momento na escola JTC e reuni todas as participantes da entrevista e fiz uma proposta. Nesse encontro, expliquei para as mulheres todo o cuidado que eu e minha orientadora estávamos tendo com relação a não publicação de qualquer informação que as identificassem, falei um pouco da dinâmica da realização das entrevistas e também me coloquei à disposição para quaisquer dúvidas. Ainda nessa reunião, solicitei às estudantes que fizessem uma sugestão de nomes que poderiam ser utilizados na substituição dos seus nomes verdadeiros, essa proposta resultou em momentos de descontração e risos, pois muitas foram às opções de nomes propostos e no final elas fizeram uma eleição dos nomes mais significativos para si mesmas. Dessa maneira, cada colaboradora, a partir deste processo descontraído fez a escolha de nomes que tinham significativa relevância para elas, algumas colocaram o nome de parentes (Mãe, avós, irmãs), outras relacionaram a nomes de professoras que tiveram na infância, outras às pessoas da comunidade e até nomes de cantoras da década de 80 foram citadas.

Assim, as estudantes são identificadas no texto por codinomes fictícios representando cada uma delas, juntamente com uma descrição e apresentação das mesmas. Dessa maneira,

¹³A observação participante pode constituir-se um elemento de pesquisa qualitativa, estando presente desde a elaboração da questão de pesquisa até a análise dos resultados. Segundo Haguette (1987), representa um processo da teoria com métodos dirigidos pelo pesquisador na busca de conhecimento não só na perspectiva humana como na própria sociedade. A Observação Participante é definida como um processo que se mantém a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica, na qual o observador está em relação face a face com os observados. Ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados e se torna parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este (MINAYO, 2004).

os nomes definidos pelas próprias estudantes foram: **Zumira¹⁴, Laura, Maria, Alzira, Santina e Dira.**

Minha missão com as entrevistas era perceber quais os sentidos que a escola trazia no imaginário das mulheres da zona rural. Quais eram as motivações que as levavam para a escola em meio a tantas visíveis dificuldades, quem eram essas mulheres guerreiras, que mundos elas poderiam nos desvelar. É a partir desta perspectiva que passo a apresentá-las aos leitores neste texto:

Zumira – tem 35 anos, nascida na comunidade de Formiga (Distrito de Maria Quitéria), declara-se parda, casada, possui quatro filhos, é dona de casa; filha de trabalhadores rurais que não tiveram oportunidade de estudar e que,consequentemente, não sabem ler nem escrever. Esta estudante foi pela primeira vez à escola aos oito anos, onde adorava estar, era uma aluna dedicada, segundo ela, que desejava aprender e concluir os estudos, mas aos 11 anos seu pai se mudou para um acampamento de sem-terra, em outro município, em busca de um pedaço de chão. Com essa mudança, ela e os irmãos tiveram que abandonar a escola, foi nesse momento que teve início a sua história e experiência de abandono escolar. Ela relata que o lugar para onde o pai levou a família era extremamente isolado e não tinha escola. Nesse período, como não tinha espaço escolar, nem professor, a própria comunidade se juntou organizando um local improvisado; montaram uma tenda de lona, colocaram alguns bancos e pegaram alguns alunos que já sabiam ler e escrever para ensinar as letras e os números aos que ainda não tinham tido contato com o processo de aprendizagem escolar. Zumira era uma das jovens que ensinava as crianças menores. Ela ficou seis anos sem frequentar a escola. Aos dezessete anos, contrariando a vontade do pai, fugiu do acampamento e veio para Feira de Santana trabalhar em casa de família. Segundo ela, essa atitude provocou revolta em seu pai que ficou mais de 10 anos sem falar com ela; ela conta que o pai pensava de um jeito que a incomodava, pois ele sempre dizia a ela que negro não poderia trabalhar na cozinha de branco, pois seria explorado e humilhado. Chegando a Feira de Santana, ela começou a trabalhar e dois anos depois conseguiu se matricular novamente em uma escola próxima ao seu local de trabalho, assim voltou a estudar no turno da noite. Aos 21 anos, engravidou e voltou a abandonar a escola, parou no meio da 5ª série e junto com o companheiro foi morar em Salvador. Nessa etapa, ficou mais de 16 anos fora da escola. A vida de mãe, dona de casa e responsável pelos cuidados com os três filhos a fizeram permanecer distante da escola. Anos

¹⁴ O nome Zumira segue a grafia de acordo com a indicação da estudante que escolheu seu nome fictício, baseado no nome de referência na sua família.

depois, ainda em Salvador, o companheiro dela sofreu um acidente de trabalho e foi obrigado a se aposentar, foi a partir dessa fatalidade que decidiram então voltar para o distrito de Maria Quitéria em Feira de Santana/BA. Ao se reestabelecer em Maria Quitéria, retomou os estudos, pois sonhava finalizá-los, assim, fez a matrícula e começou a frequentar as aulas, aí veio à quarta gravidez e mais uma vez, se viu forçada a abandonar novamente a escola. Quando sua filha mais nova completou um ano, ela, persistente, voltou a estudar, com o objetivo de, finalmente, recuperar o tempo que ficou para trás e conquistar a tão almejada conclusão do segundo grau, bem como uma oportunidade para galgar o seu primeiro emprego formal.

Laura – tem 36 anos, nascida na comunidade do Garapa, distrito de Maria Quitéria, declara-se negra, salienta que é solteira¹⁵, tem três filhos, trabalha na roça e, de vez em quando como diarista em casas de família em Feira de Santana; seus pais nunca foram à escola, ela é quarta de uma família com 13 filhos; Ela conta que seus pais não conseguiam emprego e por isso andavam de um lugar para outro em busca do sustento da família. Essa estudante começou a frequentar a escola aos sete anos, mas nunca conseguia terminar um ano letivo, ela relata que seus pais sempre se mudavam para outro local em busca de trabalho e quase sempre nesses locais não tinha escolas, eram propriedades de fazendeiro que ficavam distantes e isoladas. Laura lembra que ainda pequena ouvia o pai dizer para sua mãe: *“nós temo que ir mulher, se não vai morrer todo mundo de fome”*. Aos 14 anos ela começou a trabalhar em casa de família, com 19 anos engravidou e teve seu primeiro filho, nos anos seguintes teve mais dois filhos e nesse período não pode frequentar a escola. Somente aos 29 anos voltou a estudar. Ela relata as dificuldades que enfrentou e ainda enfrenta para retornar aos estudos; trabalhava na roça durante o dia, fazia todos os serviços domésticos da casa e à noite, deixava as crianças com o marido, ou nas casas dos vizinhos, para ir para a escola. Ao final das aulas, voltava da escola, pegava as crianças e no outro dia toda a rotina se repetia. Ela associa o seu histórico de abandono escolar às condições de pobreza da sua família e a necessidade de sobrevivência que ela enfrentou ao longo da vida. Atualmente estudando, ela quer concluir os estudos e realizar alguns desejos, como por exemplo, ter um trabalho mais valorizado, superar a dificuldade com a timidez e comunicação com as pessoas, melhorar a leitura, a escrita, a interpretação e os cálculos matemáticos. Laura relata a sua vontade de não

¹⁵ A condição de estado civil, no caso, “casada”, é considerada pelas mulheres somente quando o casamento é efetivado em cartório, assim muitas mulheres ao depararem-se com a questão do estado civil, afirmavam *“sou solteira, não tenho papel assinado”* apesar de já conviverem com um companheiro a um certo tempo.

deixar que os seus filhos passem pelas mesmas mazelas que ela passou na infância e adolescência, e completa dizendo: *“quem estuda tem rumo, quem fica sem estudar está perdido”*.

Maria – tem 31 anos, declara-se negra, é casada, tem um filho, é dona de casa. Maria nasceu na comunidade de Pé de Serra, na zona rural do distrito de Maria Quitéria e aos dois anos de idade foi morar em Salvador com sua família. Lá estudava em uma escolinha de bairro e adorava a escola. Sua mãe, muito temerosa com a violência na cidade não a deixava brincar na porta de casa, assim vivia de casa para a escola e da escola para casa. Aos 14 anos ela fugiu de casa com o namorado e veio morar na comunidade do Garapa, zona rural do Distrito de Maria Quitéria. Aos 15 anos, ela engravidou e não teve condições de retomar os estudos. Segundo ela, com 21 anos ela quis voltar a estudar, mas o companheiro não permitiu, dizendo: *“mulher minha não estuda não, pra que estudar? Fique em casa que tem muito que fazer”*. Para não criar conflito e brigas em casa, ela adiou seu retorno à escola. Em 2011 o companheiro precisou tirar a carteira de motorista, nessa oportunidade vivenciou as dificuldades que a falta de estudo poderia proporcionar, assim convidou Maria para juntos frequentarem a escola.

Alzira – tem 31 anos, nascida na comunidade Fazenda Casa Nova, distrito de Maria Quitéria, declara-se negra, solteira, tem um filho, trabalha como manicure. Alzira é de uma família de quatro irmãos. Começou a estudar aos oito anos em uma escola do município na comunidade onde mora. Ela relata que passou por muitas dificuldades quando criança, pois nenhum membro da família tinha um emprego certo e era muito difícil a segurança alimentar de todos na casa. Quando fez 14 anos, sua mãe faleceu, nesse momento as coisas ficaram ainda mais difíceis, foi nesse período que ela abandonou a escola pela primeira vez para trabalhar em casa de família e contribuir com as necessidades da casa. Com essas mudanças na vida de adolescente, Alzira ficou oito anos sem frequentar a escola; aos 22 anos, voltou a estudar, antes de terminar o ano letivo o qual tinha iniciado, ela engravidou e abandonou os estudos novamente, pois não tinha com quem deixar o filho pequeno. Somente aos 30 anos de idade retornou os estudos. Alzira relembra que seu pai sempre dizia: *“estudo ficou pra rico minha gente! Rico é que pode ficar sentado em mesa de escola, pobre tem que trabalhar pra comer, tem que cada um arrumar o que fazer e botar comida na mesa”*. Alzira relata seu passado com muita tristeza, principalmente porque faz comparações com membros da sua

família que tiveram outros percursos e conseguiram completar o ensino médio. *“minha prima terminou, concluiu, tem seu emprego e um salário bom (...). É sempre assim, meu pai falava a voz da barriga, hoje eu e meus irmãos pagamos um preço muito alto por não ter concluído a escola”*.

Santina - tem 27 anos, nasceu na comunidade dos Três Riachos, distrito de Maria Quitéria, se declara negra, é solteira, tem dois filhos, é dona de casa. Falar de escola, de escolarização para Santina é quase um tabu. Ao nascer foi colocada numa caixa de papelão e colocada na porta da casa de uma senhora da comunidade. Santina cresceu achando que era filha biológica dessa senhora que a acolheu como filha. Certo dia, recebeu uma visita que balançou seu coração, mas ela não sabia porquê. Santina relata que sua mãe de criação lhe pediu para ir brincar no terreiro; ela tinha oito anos e estava entrando na escola, no entanto ela se escondeu atrás da porta e ouviu a conversa das duas. Nessa conversa Santina descobriu toda a verdade e correu para chorar em baixo de árvores próximas a casa. Ela relata esses fatos para dizer que sua vida escolar sempre foi marcada por muitas tristezas, sempre que tinha uma reunião na escola ela chorava muito, todos os colegas chegavam com suas mães e ela não tinha quem levar e apresentar como mãe, para ela, depois da descoberta que a mãe de criação não era a sua mãe biológica, passou a não considerar a mãe de criação como mãe. Santina completa que toda a comunidade ficou sabendo da história e que tinha muita vergonha de ter sido rejeitada por sua “verdadeira” mãe. Segundo ela, por muitos anos ficou “revoltada” e teve muitos problemas para continuar estudando. Aos 16 anos, Santina engravidou e deixou a escola pela primeira vez. Um mês depois que teve o primeiro filho ela engravidou novamente e só voltou à escola aos 22 anos. Nestes cinco anos de estudo, ela nunca chegara a concluir um ano letivo. *“faltava muito pra trabalhar, quando os filhos estavam doentes ou quando não tinha com quem deixar as crianças (...), estou muito atrasada, mas esse ano vou terminar”*.

Dira – tem 32 anos, nasceu na comunidade do Rio Branco, no município de Lajedo Novo, no Estado do Maranhão, declara-se parda, é casada, tem dois filhos, e considera-se uma trabalhadora rural. Dirá tem uma história muito incomum. Aos dois meses de idade foi tirada da família por um tio e trazida para a Bahia, aqui foi entregue a uma família da zona rural de Feira de Santana. Ela declara que, apesar dessa mudança tão brusca na sua vida logo ao nascer, não guarda mágoa da sua família, pois nem sabe quem é sua mãe, no entanto diz sentir vontade de um dia conhecer seus parentes biológicos. Ela fala com muita alegria do

sentimento de carinho que tem por sua mãe adotiva, *“ela fez e faz tudo por mim e por minha família, é minha mãe, ela que cuidou de mim como se eu tivesse saído da barriga dela, tenho muito amor e respeito por ela, agora que já está mais velha preciso cuidar dela como ela cuidou de mim, mesmo sabendo que eu não tenho seu sangue”*. Dira começou a estudar aos sete anos de idade. Aos 17 anos, deixou a escola para tentar a vida como doméstica em Salvador, pois a família que lhe acolheu não tinha uma condição econômica farta e ela queria ser independente, sair da roça para ver o mundo, conhecer lugares, aprender... Sua mãe adotiva não gostou de sua decisão, mas não tentou evitar sua ida. Em Salvador, se empregou em casa de família e trabalhou durante quatro anos. Aos 22 anos, Dira engravidou e se casou, esses eventos fizeram com que ela se afastasse da escola por mais algum tempo. Somente depois de 10 anos, ela voltou à escola para terminar seus estudos. *“Estou voltando junto com meu marido, é... estuda os dois, eu e ele, todo dia de aula estamos na escola, preciso dar exemplo para as crianças, o mundo tá difícil, eles precisam saber dar valor a educação, ninguém vai pra frente sem os estudos, se eu tivesse estudando eu seria outra Dira, outra mesmo”*. Dira diz que sua mãe adotiva tem um pedacinho de terra, ela construiu sua casa nesse terreno, mas alerta para as dificuldades de morar na roça. *“já disse para meus filhos, aqui a terra é pouca, sem muito futuro, não tem nada pra ninguém, emprego, salário, oportunidade é na cidade, aqui é só pra mim que deixei o tempo passar e não mim formei, já perdi minhas oportunidades, mas vocês são novos e podem ser pessoas diferentes de mim e do pai”*. Dira diz que seu sonho era ser uma policial dos bombeiros, até hoje ainda sonha, mas ressalta que sua idade e os atrasos nos estudos deixaram seu sonho adormecer, completa dizendo que: *“a vida professora, é pra quem dá sorte e sabe caminhar na direção certa, conduzir as coisas do jeito que a vida exige da gente, nem todos fazem isso, eu não soube fazer meus sonhos virarem realidade, mas ainda assim sou feliz com o que realizei e com minha família”*.

O trabalho com as entrevistas necessitou de uma organização, assim preparei pontos a serem questionados, considerando que os caminhos pré-estabelecidos para a realização da atividade quase sempre não saem como o planejando, pois outros elementos podem ser introduzidos no momento da realização das entrevistas e que não estavam previstos.

A minha função enquanto pesquisadora era buscar as respostas para as perguntas que dariam sentido, ou não, às questões de pesquisa. Assim, as estudantes escolhidas para essa etapa foram às mulheres que considerei mais “maduras”, que possuíam uma “maior” experiência na vida adulta, que de certa forma, estavam mais inseridas no mundo do trabalho,

seja ele doméstico, realizado no próprio lar ou fora dele, mas que já proporciona certas responsabilidades. São pessoas que já construíram relações interpessoais que são diferentes das desenvolvidas pelas crianças e adolescentes.

Segundo Gonçalves (2012), essas pessoas trazem consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si e sobre as outras pessoas.

Nessa direção, o trabalho com as entrevistas, me deixou muito receosa, pois até então meu contato com as alunas era somente no espaço escolar, ali na sala de aula, no pátio, nestes espaços as estudantes se sentiam livres, conversavam de tudo, perguntavam sobre vários temas, queriam saber opiniões sobre todos os assuntos, no entanto, frequentar sua residência tornava-se um transtorno para algumas delas.



Figura 4: Momento em sala de aula¹⁶.

Ao trabalhar com educação e processos de aprendizagem com Jovens e Adultos é necessário que se estabeleça uma relação de reciprocidade, de proximidade, buscando eliminar possíveis diferenças entre aquele que está na posição de orientador (professor) do aprendizado e daquele que deseja aprender (estudante).

Em meio a essa complexa e instigante relação, eu buscava estabelecer uma maior proximidade para poder conhecer a vida das estudantes fora da escola. No entanto, quando eu

¹⁶ Todas as fotos presentes neste texto foram devidamente autorizadas em documento específico escrito pelas pessoas participantes.

falava com algumas das estudantes em visitar suas residências para estabelecer uma conversa sobre outros temas que não especificamente os tratados na escola, elas logo recuavam imediatamente dizendo: *“lá em casa? Professora Vanda? Não, vai na tua que é mais perto, que tem sofá, que caiu água essa semana...”*, num grupo vizinho outra estudante dizia: *“Não, não pró, lá em casa eu não posso receber a senhora não, minha casa é muito pequena, é feia, onde a senhora vai sentar? Eu, tentando estabelecer uma maior proximidade, mas ao mesmo tempo, atenta à situação respondia descontraidamente: “Calma meninas... Fiquem tranquilas... Sentamos em qualquer lugar, no chão, numa pedra, no galho de uma árvore, só vamos conversar...”*”

Diante dessa situação fiquei um pouco apreensiva, pois não gostaria que minha pesquisa trouxesse constrangimentos para as mulheres.

A realização da primeira entrevista foi difícil, por mais de duas semanas tentei marcar com a estudante Zumirae ela sempre dava uma desculpa: *“Hoje vou sair, tenho que cuidar de minha mãe, estou lavando roupa, vou trabalhar na roça hoje, vou levar o menino no médico”*. Momentaneamente, deixei de tentar a entrevista com Zumirae marquei com Santina num sábado pela manhã, e lá fui eu em busca de respostas para minha questão de pesquisa.

Ao chegar a sua casa, seguindo o mapa que a própria Santina tinha elaborado para mim, ela estava lavando roupas e disse: *“Bom dia pró, desculpa, estou lavando as roupas da semana”*. Ela entrou em casa, pegou dois tamboretas e colocou debaixo de uma árvore dizendo: *“Senta aqui e pergunta o que a senhora quiser que respondo tudo”*. Naquele momento, senti que minha busca estava começando e que muitas histórias de vida começavam a ser contadas, gravadas e registradas para meu trabalho.



Figura 5: Comunidade Casa Nova: entrevista.

As entrevistas com as estudantes protagonistas desta pesquisa trouxeram à tona as histórias, o cotidiano, as vivências das mulheres que são alunas à noite, mas que durante o dia desempenham diversas atividades que fazem delas seres de muitas responsabilidades.

As narrativas apresentadas conferem situações da construção familiar e social dessas mulheres, as quais se configuram em espaços temporais diversos e em contextos rurais muito semelhantes.

Os depoimentos apresentados pelas mulheres anunciavam contextos que me fizeram construir e desconstruir concepções sobre a vida da mulher estudante da zona rural, as dificuldades para voltar e manter-se estudando, questões de trabalho, desafios na convivência com a comunidade, com a família, com vizinhos, buscando rever olhares, refletir práticas, pensar de maneira mais sensível e consciente sobre os direcionamentos que a sociedade nos impõe, entendendo que a inclusão dos sujeitos perpassa por um intenso processo que é humano, social, coletivo e próprio de cada indivíduo.

Ao ouvir estas mulheres percebi como aquelas vozes traduziam realidades da vida em sociedade, na comunidade e no convívio entre as pessoas. As falas que relembram situações do passado traduziam momentos de muita dor, mas ao mesmo tempo de sorrisos que encantam, daqueles que traduzem uma vida de lutas, mas também de vitórias e felicidades. À medida que iam abrindo o baú das suas memórias, citavam elementos marcantes de suas

estratégias de sobrevivência, demarcando os territórios de atuação de ações que resultavam em conquistas.

Esta pesquisa percorreu caminhos sinuosos, observou elementos fundantes de histórias repletas de buscas, costurou e “descosturou” visões, opiniões, crenças; trilhou caminhos que ficaram “esquecidos” lá atrás, mas que sempre são rememorados para dar força e revigorar sonhos e esperanças de dias melhores na vida das mulheres do rural do distrito de Maria Quitéria.

2. As mulheres da EJA vivem no distrito de Maria Quitéria: Maria Quitéria fica em Feira de Santana

A cidade Feira de Santana encanta por ser a segunda maior cidade do Estado da Bahia, por ter uma atividade comercial importante e oferecer diversos serviços que atraem muitos imigrantes. Este município tornou-se um polo atrativo para as pessoas das cidades mais interioranas que vêm em busca de oportunidades de estudos e serviços. Muitas famílias mandam seus filhos para o município para estudar e/ou trabalhar, pois acreditam que essa cidade, não tão grande e complexa como Salvador e nem tão pequena como outras cidadezinhas mais ao interior, pode proporcionar oportunidade de estudo e trabalho para seus filhos, sem que os mesmos precisem ir para a capital do Estado. Essa perspectiva também foi adotada na minha família. Eu e meus irmãos estudávamos em Mairi¹⁷ até concluir o ensino médio e depois tínhamos duas opções: voltávamos para a roça para trabalhar com nossos pais na lavoura e no cuidado com os animais ou íamos trabalhar onde achasse emprego, pois para o meu pai a conclusão do ensino médio era a formação suficiente para começar a vida adulta.

Assim, em 1998 quando terminei o ensino médio, minha irmã mais velha, que morava em Feira de Santana, me chamou para morar com ela e ter a chance de continuar os estudos. A ideia era fazer um cursinho pré-vestibular, que possibilitasse mais conhecimentos e uma maior aproximação com os exames das universidades. Minha irmã, com muito esforço, custeou as nossas despesas e foi assim que cheguei a Feira de Santana.

Como salientei no início do texto, minha história de escolarização assemelha-se a de muitas outras meninas e meninos que moram na zona rural que não têm oportunidade de estudar nem condições de sobrevivência na pequena propriedade dos pais, assim vão em busca de outros espaços e esses outros espaços quase sempre correspondem à cidade.

Feira de Santana foi à cidade que me acolheu como filha há dezesseis anos e é a partir da minha experiência que desejo, através dessa pesquisa, contribuir de alguma maneira com as reflexões em torno da importância da escolarização na vida das pessoas do rural.

Em 1998, quando cheguei a Feira de Santana nutria um sonho de moça da roça e esse sonho foi concretizado em 2009 quando fui aprovada no vestibular da UEFS. Essa oportunidade mudou a minha vida e essa cidade junto com a UEFS me transformaram numa pessoa com outras possibilidades; desejava conhecer o mundo, aprender, aprender e

¹⁷ Mairi é um município baiano que fica a 227 quilômetros de Salvador, está localizado na mesorregião do Centro-Norte baiano, segundo o IBGE possui uma população de 19326 (Censo 2010).

aprender... Vinha de uma realidade onde a continuidade dos estudos era difícil por problemas diversos, como por exemplo, questões de moradia, condições de permanência, além da distância das universidades que, naquele período (há quinze anos) se concentravam em cidades do porte de Feira de Santana. Mesmo com todos esses entraves estava ávida em realizar sonhos e em minha cabeça só através dos estudos poderia galgar essas realizações. E é dentro dessa perspectiva que Feira de Santana, o distrito de Maria Quitéria, a escola JTC e as estudantes mulheres se inserem nesta investigação.

O município de Feira de Santana, localizado a leste do Estado da Bahia, fica a uma distância de 116 km¹⁸ da capital Salvador. A história de formação do município nos remete ao século XVII, com o desbravamento de pessoas para o interior do Sertão Nordestino, em particular do sertão da Bahia, foi nesse período que se iniciou o povoamento da região, principalmente pela criação de gado, e está bastante atrelada à história colonial deste país.

O processo de formação e constituição do município de Feira de Santana está associado à maneira como foi realizada a posse e dominação das terras do Nordeste e principalmente da Bahia no período colonial. Essa reflexão se faz necessária na perspectiva do entendimento da atual organização fundiária dos espaços rurais do município de Feira de Santana, da forma como as famílias trabalham e vivem nas áreas rurais do município.

O uso de grandes áreas para a criação de gado¹⁹ em vastas fazendas onde atualmente se constitui o município de Feira de Santana se transformou em grandes latifúndios, com o passar do tempo, essas terras ficaram a cargo e domínio das famílias tradicionais da época.

Segundo Poppino (1968) o território onde hoje se encontra o município de Feira de Santana começou a se desenhar desde o período colonial, onde ocorreu o processo de ocupação das terras mais ao interior do Nordeste e da Bahia. As terras próximas ao litoral estavam sendo utilizadas para o cultivo da cana de açúcar e não poderiam disputar espaço com a criação dos grandes rebanhos bovinos. Dessa maneira, muitos criadores de gado receberam concessões de terras em direção ao interior e fixaram-se em vastas áreas que posteriormente se transformaram em fazendas.

¹⁸ Essa distância foi calculada levando em consideração o percurso mais curto e a utilização de rodovias pavimentadas, podendo ocorrer variações em função de modificações realizadas pelo poder regulatório das rodovias. Fonte: www.geografos.com.br

¹⁹ Essa interiorização dos criadores de gado proporcionou a ocupação das terras e a consequente posse de grandes áreas pelos fazendeiros, nesse período grandes latifúndios foram estabelecidos.

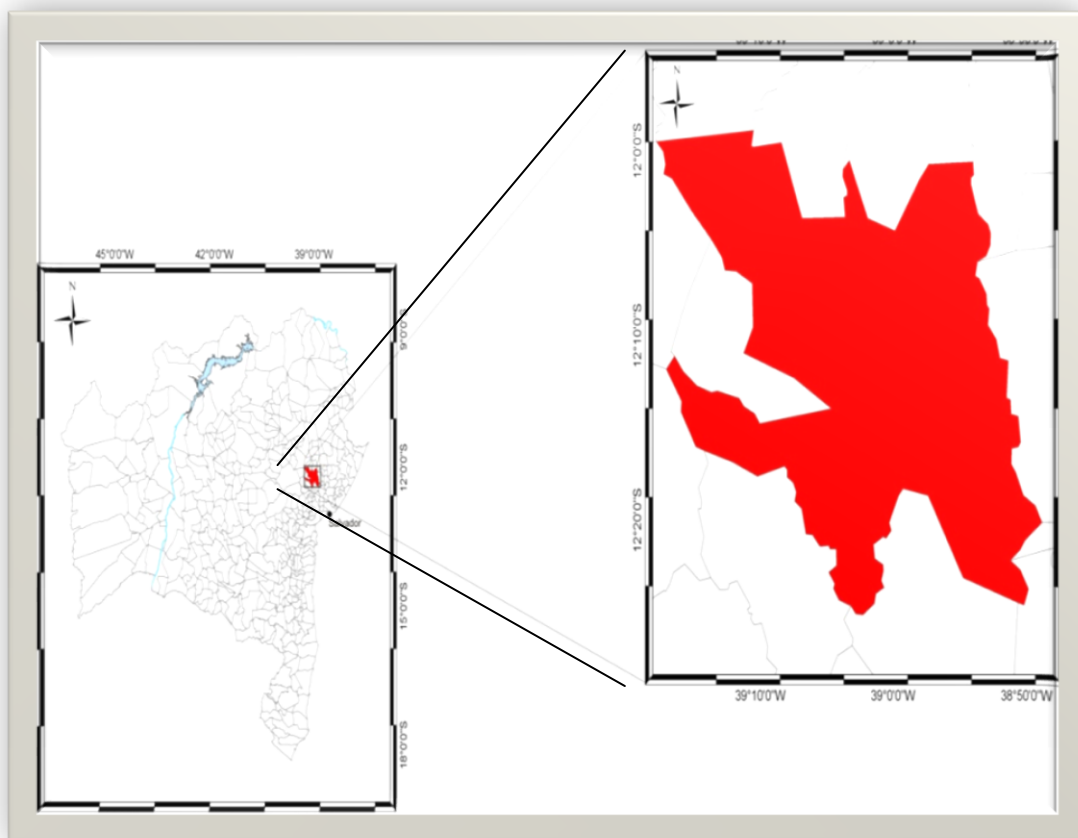


Figura 6: Localização do município de Feira de Santana em relação a Salvador e ao contexto baiano.

Fonte: Laerte Dias, 2009, *apud* AZEVEDO (2009).

Foi ainda no século XVII que a área, onde hoje se estabelece o município de Feira de Santana foi elevada a condição de paróquia, recebeu o nome de São José das Itapororocas. Entre as grandes propriedades que se formaram no local, a fazenda Olhos D'água abrigou um dos primeiros núcleos populacionais da época, seus proprietários construíram uma capela em homenagem a São Domingos e Santana. Assim, o local começou a se transformar em parada obrigatória para os viajantes e tropeiros que se dirigiam à capital Salvador. A capela também se transformou em ponto de reunião para orações, encontro para as pessoas das áreas próximas, visitas e também a realização de pequenos negócios (POPPINO, 1968).

Segundo Poppino (1968) essa movimentação deu origem a pequenas trocas, um comércio ainda incipiente e, posteriormente, uma feira-livre semanal. A partir desse movimento, alguns viajantes começaram a se estabelecer, casas e pequenos comércios foram sendo construídos e todo esse processo deu origem a um povoado. A crescente importância comercial que o povoado alcançou foi determinante para que em 1832, fosse elevado

à condição de Vila²⁰, já em 1874 passaria a categoria de cidade, sendo chamada de Cidade Comercial de Feira de Santana.

Devido à grande importância galgada pela cidade, Feira de Santana, em 1919 foi apelidada por Ruy Barbosa de "a Princesa do Sertão". Inclusive, Feira de Santana mantém, ainda hoje, traços que remontam à sua origem e formação, como por exemplo, as estruturas agrárias baseadas em grandes propriedades e que foram passadas de geração para geração, a base religiosa do seu povo, as feiras livres, o intenso e fervoroso comércio.

A posição estratégica de Feira de Santana e sua proximidade com a capital Salvador possibilitou, ao longo do tempo, um grande crescimento da cidade. Em 1940 já abrigava 83.268 habitantes²¹, o comércio vigoroso ficava cada vez mais forte e as oportunidades geradas por essa atividade comercial atraíam pessoas de várias partes do país que fixavam residência na cidade. Nesse processo a população foi aumentando gradativamente, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 01: Evolução populacional de Feira de Santana 1940/2000

População	1940	1950	1960	1970	1980	1991	1996	2000
Urbana	19.600	34.277	69.884	131.720	233.631	349.557	393.943	431.730
Rural	63.608	72.928	71.873	55.570	57.875	56.890	56.544	49.219
Total	83.208	107.205	141.757	197.290	291.506	406.447	450.487	480.949

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1940/2000. Apud Azevedo, 2007.

O crescimento da população de Feira de Santana observado na tabela 01 demonstra a intensa migração em direção a essa cidade no período de 1940 a 2000 e a intensificação do processo de urbanização da cidade. Com relação à população rural é possível perceber que houve uma pequena queda no número de habitantes da zona rural, esse movimento pode ser explicado por diversos motivos, entre eles as secas constantes, as quais ocorrem quase todos os anos, o processo de modernização e mecanização da produção rural, que criou excedentes de mão-de-obra no campo e/ou a busca por trabalho e melhores condições de vida.

Essa realidade tem impulsionado a ocorrência de migrações em quase todo o Nordeste brasileiro. As estiagens constantes, associadas a outros fatores resultantes desse fenômeno

²⁰ Aglomerado populacional com poucas residências, menor que a cidade e maior que a aldeia.

²¹ Fonte IBGE, Censo Demográfico 1940/2000, apud Azevedo, 2009.

climático têm, de certa forma, obrigado famílias a deixarem para trás suas pequenas propriedades, sua cultura, seus costumes, seu modo particular de viver, sua história.

Os dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE apontam que, do ano 2000 a 2010 a população de Feira de Santana permaneceu em crescimento, nesses 10 anos houve um aumento de 75.693 habitantes, o que equivale a um acréscimo de 13.5%. Os dados mostram também que a concentração populacional continua mais intensa na zona urbana, já a população rural vem perdendo seus habitantes num ritmo lento, mas gradual, pois cerca de 6,5% das pessoas que residiam nas áreas rurais migraram.

Tabela 2: Distribuição da população de Feira de Santana/BA – 2000/2010

População	2000	2010
Urbana	480.730	510.635
Rural	49.219	46.007
Total	480.949	556.642

Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 26 de setembro de 2013.

A partir dos estudos dos dados populacionais e da coleta de informações no trabalho de campo, pude constatar que apesar do aumento da população do município de Feira de Santana, esta vem se concentrando na sede do município e também na sede dos distritos²², ficando os espaços eminentemente rurais cada vez mais vazios. Essa situação pode ser comprovada nas palavras de Dira, que declara:

“Sabe por que o povo vai embora daqui? Porque os pobres estão cansados de passar necessidades...é muito sofrimento...a gente não tem direito a nada, não tem um pedaço de terra pra viver em cima, não acha trabalho, quando se adoecer é o maior balaio de gato²³ pra chegar na cidade, não tem transporte em caso de uma necessidade, as estradas é uma buraqueira que ninguém aguenta mais, a água é artigo de luxo e tanta coisa mais...é por isso que o povo vai embora, na minha família só ficou três, e era muitos, eu não vou porque não tenho coragem, mas se fosse mais nova, eu também ia. Agora tem uma coisa, aqui se a coisa apertar, como aperta sempre eu dou meu jeito, meus filhos não fica com fome, até uma palma cozida se come e na cidade só se come se tiver um dinheiro pra pagar. A vida do trabalhador é difícil de todo jeito”(Trabalho de campo, setembro de 2013).

²² São aglomerações urbanas que são definidas pela divisão administrativa de um município ou cidade.

²³ Expressão popularmente utilizada para representar as dificuldades de uma determinada situação.

O depoimento da trabalhadora revela e confirma o processo de mobilidade/migração das pessoas que saem da zona rural em direção aos centros urbanos. Segundo o IBGE, em 2000 a população rural do distrito de Maria Quitéria tinha 19.887 habitantes, após 10 anos, ou seja, em 2010 esse número caiu para 13.903, sendo que neste intervalo temporal houve uma diminuição de 30% da população neste distrito. Considerando que nesse distrito a maioria da população reside nas áreas rurais, posso afirmar que, proporcionalmente, a redução da população nesse espaço foi maior na zona rural do que na vila, onde se concentra a sede do distrito. No trabalho realizado em campo, ouvi de várias famílias depoimentos que ratificam essas informações como observamos nas falas de algumas moradoras do local:

“Aqui tá difícil de ficar um jovem ou uma pessoa que quer trabalhar. Além de tudo, o mundo hoje tá muito mudado, é muita coisa pra ver minha senhora, hoje o povo quer passar bem e aqui não tá achando esse bem”. (Santina, trabalho de campo, setembro de 2013).

“Eu vou embora depois que eu terminar meus estudos na escola, se é que vou conseguir terminar, a escola é muito longe e quando chego no ponto que o ônibus me deixa ainda tenho que andar muito, estou sempre cansada. Vou ficar fazendo o que aqui? A terra que minha mãe tem não dá nem pra ela, eu sou mais um peso aqui. O lugar não oferece nada, não tem emprego, nem diversão, nem nada” (Laura, trabalho de campo, setembro de 2013).

“Hoje o povo não quer ficar mais na roça não... antigamente, no tempo do meu pai, a gente tinha meio de viver, dava pra tirar a comida dos filhos, não tô dizendo que era fácil não viu, tinha muito problema, mas acho que o povo era mais satisfeito com a roça. Hoje só se fala nas coisas da cidade, tudo mundo só quer ir pra cidade, eu não vou, meu lugar é aqui, eu gosto daqui, vou morrer aqui onde nasci”. (Zumira, trabalho de campo, agosto de 2013).

“A roça é boa, é sossegada, não tem agonia, nem barulho, o problema é que não tem condição de vida pra os adultos e os jovens. O povo daqui nem termina de estudar, é só alguém chamar que vai embora. Estão pensando que vão achar moleza lá, na cidade pobre e sem estudo só vai achar trabalho igual o da roça ou até pior. Se aqui tivesse condição, se alguém olhasse por nós o nosso lugar era aqui, mas do jeito que estamos aqui é difícil...” (Dira, trabalho de campo, setembro de 2013).

As falas pulsantes das mulheres demonstram como essas percebem a negligência em torno do mundo rural no qual vivem. Segundo Leite (1999), as condições de vida no rural dificultam a permanência das famílias no campo, as reivindicações das minorias em espaços

rurais são obscurecidas, esquecidas, ocultadas e acabam sendo sucumbidas a outros interesses para além da sua população.

A realidade dos moradores dos pequenos espaços rurais que ficam nos arredores das grandes cidades, é marcada pela busca da sobrevivência, em sua maioria. A falta de um pedaço de terra para a aquisição do sustento da própria família é o maior entrave. A fonte de renda é comprometida, pois não existem muitos empregos e os que existem pagam muito pouco, a produção também fica comprometida pela falta de espaço para o plantio e as questões climáticas manifestadas pela ocorrência das secas dificultam a permanência dos jovens e adultos em suas comunidades.

O breve histórico do processo de formação do município de Feira de Santana e a pequena abordagem sobre seu crescimento populacional tornaram-se necessários neste trabalho, pois nos ajuda a situar os contextos nos quais as mulheres de Maria Quitéria se encontram e as condições de vida da população rural ao redor da cidade que a “acolhe”.

Considerando essa dinâmica de apropriação de terras que se perpetuou de geração para geração observamos, ainda hoje em Feira de Santana, uma grande concentração de terras que são controladas por uma minoria, ficando um grande contingente de pequenos agricultores sem terras ou com propriedades tão pequenas que não proporcionam renda suficiente para a sobrevivência da própria família do agricultor. Esse fato foi constatado na pesquisa de campo realizada nos anos de 2012/2013, onde em diversas visitas às famílias nos espaços rurais pude constatar que a maioria da população de pequenos agricultores vive em terras cedidas ou em pedaços muito pequenos. Tais espaços já tão reduzidos para uma única família, ainda acolhem mais famílias de filhos e agregados ao longo do tempo, sobrevivendo três ou mais famílias juntas.

Outro fator a ser considerado é a localização do município de Feira de Santana, este está inserido com quase 96% do seu território no perímetro denominado polígono das secas²⁴. Essa característica que está diretamente ligada aos aspectos físicos da região, apresenta nos períodos de grandes estiagens uma série de dificuldades para a população local. A falta de água produz situações de calamidade, tanto para as pessoas quanto para os animais; as pessoas não têm como sobreviver sem esse recurso, não há muitas reservas nas pequenas propriedades, nas residências e muito menos nas escolas, as quais acabam suspendendo as aulas e demais atividades em momentos de estiagem.

²⁴Freitas (1998).

Dentro desse contexto climático, toda a população passa por situações adversas, os trabalhadores perdem as lavouras comprometendo a segurança alimentar da família, muitos animais morrem de fome e sede, o que provoca prejuízos aos seus proprietários, os empregos que já são poucos ficam mais escassos. Essa situação também promove problemas de ordem doméstica, pois sem água, a maioria das atividades do lar fica comprometida.

As estiagens são comuns em quase todos os anos, no entanto, as políticas públicas de assistência e/ou atendimento a essas populações das áreas rurais parecem que raramente alcançam as demandas locais. Para Santana, o cenário se apresenta da seguinte forma:

“quando falta chuva o povo aqui passa muito sofrimento, agente não tem água, não pode plantar e sem falar nos bichos, esses sofrem mais. E ninguém lembra dagente aqui, não vem um carro pipa, uma cesta básica, nada... nada mesmo, se eu pudesse fazia uma cisterna pra mim, mas não posso, pois é muito caro fazer uma dessas que dá pra passar uma seca. Na cidade não falta água nem comida, é só ter dinheiro para comprar, mas aqui minha senhora... a vida é dura como pedra” (Trabalho de campo, setembro de 2013).

A partir dos dados apresentados é possível constatar que o aumento da população do município de Feira de Santana se concentra na sede e nas aglomerações distritais, ficando os espaços eminentemente rurais cada vez mais vazios. Essa situação pode ser comprovada nas palavras de Maria, que declara:

“Sabe por que o povo vai embora daqui? Porque o povo pobre da roça estão cansados de passar necessidade...é muito sofrimento...a gente não tem direito a nada, não tem um taco de terra pra viver em cima, não acha trabalho, quando se adocece é o maior balaio de gato²⁵ pra chegar na cidade, não tem transporte direto, as estradas é uma buraqueira que ninguém aguenta mais, a água é artigo de luxo e tanta mais coisa...é por isso que o povo vai embora, na minha família só ficou três, e era muitos, eu não vou porque não tenho coragem, mas se fosse mais nova, eu também ai. Agora tem uma coisa, aqui se a coisa apertar, como aperta sempre eu dou meu jeito, meus filhos não ficam com fome, até uma palma cozida se come e na cidade só se come se tiver um dinheiro pra pagar. A vida do trabalhador é difícil de todo jeito, a senhora já morou na roça? Será que entende o que tô lhe contando?”(Trabalho de campo, outubro de 2013).

As palavras da trabalhadora revelam e confirmam o processo de mobilidade/migração das pessoas que saem da zona rural em direção aos centros urbanos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2000, a população rural do distrito de Maria

²⁵ Expressão popularmente utilizada para representar as dificuldades para resolver uma determinada situação.

Quitéria era de 19.887 habitantes, após 10 anos, ou seja, em 2010 esse número caiu para 13.903, sendo que neste intervalo temporal houve uma diminuição de 30% na população neste distrito. Considerando que nesse distrito a maioria da população reside nas áreas rurais, posso afirmar que, proporcionalmente, a redução da população do distrito foi maior na zona rural do que na vila, onde se concentra a sede do distrito.

“Ninguém pense que as coisas na roça são fáceis, a gente luta muito aqui, é trabalho duro. Hoje em dia os jovens não querem ficar na roça, as oportunidades são poucas, os jovens e até os adultos querem ir logo pra cidade buscar trabalho e vida melhor” (Maria, trabalho de campo, setembro de 2013).

“Não penso em ir embora daqui, mas já não posso garantir que meus filhos fiquem, eles estão estudando e quando terminarem os estudos, muito provavelmente vão buscar emprego na cidade, lá tem mais opção de serviço, aqui tudo é mais complicado, os poucos empregos que aparecem logo, logo é ocupado por alguém. Quero que meus filhos tem outras oportunidades, não sei se felizmente ou infelizmente essas melhorias quase sempre estão nas cidades” (Alzira, trabalho de campo, agosto de 2013).

“Nos últimos tempos, o povo quer ir morar nas cidades a roça tá ficando vazia. Nos vivemos muitos problemas aqui, falta tudo: emprego, oportunidade, contato com outras pessoas, até água é uma dificuldade, e quando vem a seca aí é que fica difícil.. desse jeito os jovens só falam em ir embora, não querem ficar sofrendo aqui não. Gosto muito do meu lugar, da minha casa, dos vizinhos, a minha família mora todo aqui perto...mas sei reconhecer as dificuldades que vivemos nesse pedaço de terra batida...” (Santina, trabalho de campo, agosto de 2013).

Nessa direção, busquei compreender como o crescimento e a mobilidade da população tem influenciado o espaço rural do distrito de Maria Quitéria e quais foram os desdobramentos dessa mutabilidade sobre o processo de escolarização das mulheres. O estudo da população, bem como a localização do espaço pesquisado é imprescindível para este trabalho; conhecer a história de vida das mulheres implica em decifrar o maior número de informações sobre as mesmas, nessa direção, fui à busca dos lugares onde vivem, procurei definir e compreender a abrangência territorial na qual desenvolvem suas atividades, observei como as mulheres se relacionam na comunidade e dentro dessa dinâmica encontrei verdadeiros “tesouros” representados em palavras como as que podemos notar no depoimento a seguir:

“Maria Quitéria é grande viu! Aqui mora gente demais, é uns por cima dos outros, é cada pedacinho de terra tão pequenininho que fica tudo amontoado nas casas de parentes. É assim, a família é grande e os que vão casando constroem seu rancho no pedacinho de terra do pai, outro se junta e vem fazer a casa na terra do pai também, é assim. Olhe moça, não sei de onde sai tanta gente... também... nasce é menino aqui, todo dia tem mulher com fio, pode ser mulher nova, mulher dos seus 30 anos e até velha. Mais também vai muita gente embora sabe? O rapaz quando cresce vai buscar emprego e acaba não voltando mais. O povo aqui não dá muito valor a escola não, aqui a maioria das mulher não estudou não, a vida difícil, teve filhos antes da hora e os marido não deixava ir pra escola; hoje é que as coisa tá mudada... enquanto as mais velha tá arrependida e voltou pra escola, as mais nova tá é botando filhos no mundo, pra quem criar meu Deus?” (Maria, agosto de 2013).

Maria apresenta uma realidade que, segundo ela, “está às avessas”, pois enquanto as mulheres mais velhas estão voltando para a escola, as mais jovens não dão importância à escolarização. Esse fato é comum em Maria Quitéria, pois na escola JTC, segundo a diretora, professora Sandra Damasceno, o abandono escolar das mulheres mais jovens, vem aumentando nos últimos cinco anos. Isto, claro, promoverá surgimento de novos contingentes de alunas na EJA no futuro, o que perpetuará ciclo em torno dessa modalidade.

Dira, ao refletir a falta que um pedaço de terra faz na sua vida relata:

“Passei muito tempo morando de favor, nunca tive terra, o ganho da gente é assim, ou come ou junta, se juntar morre de fome, para se adquirir um pedaço de terra é difícil. Terra aqui é a preço de ouro, o jeito foi construir meu rancho na terrinha de mãe, trabalhei muito, pedi ajuda e fiz minha casinha, não é lá essas coisas, mas dá pra mim, é minha, é no terreno que um dia vai ser meu. Aqui todo mundo vive assim, os pai ajudando os filhos, o povo da roça casa cedo e aí tudo fica mais complicado, o marido ganha pouco, não acha emprego e assim vai a vida. Parei a escola porque não pude ficar mesmo, não tinha com quem deixar as crianças, fazer as coisa de casa, é difícil, muito difícil...” (Trabalho de campo, setembro de 2013).

O depoimento de Dirá revela a situação que o distrito de Maria Quitéria enfrenta com a falta de terras. Ao caminhar pelas comunidades e visitar as famílias, muitos outros relatos dessa natureza foram colocados, as pessoas associam às adversidades de viver na zona rural à falta de terras para o plantio, o que influencia diretamente na sobrevivência da população dessas áreas.



Figura 7: Localidade Fazenda Casa Nova, trabalhando e conversando.

A fala de Dira apresenta uma leitura bem real do seu local de vivência, a mesma relata suas experiências e também interpreta a realidade à sua volta, apresenta uma visão baseada na sabedoria e experiência ao longo da vida, sua voz é oriunda da convivência na comunidade e dos elementos que configuram uma realidade que é sempre dinâmica. Ao relatar os acontecimentos do seu lugar, abordam questões que envolvem a posse da terra, as condições estruturantes das famílias do rural, das relações estabelecidas entre homens e mulheres, a postura dos jovens e a importância da escolarização como perspectiva de melhoria da qualidade de vida no meio rural.

Para Ferreira (2000), o lugar é um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, equiparando-se, desta maneira, ao conceito de lar.

Assim, a partir dos dados abordados, posso considerar aspectos relacionados ao tamanho da população local, o seu crescimento e também às características da mobilidade empreendida nas comunidades em estudo. De posse dessas informações mais gerais, posso compreender de maneira mais clara as referências orais que me foram relatadas na pesquisa em campo.

Os números referentes à população, muitas vezes pode parecer insípidos e secos como os raios de sol, no entanto, para a reflexão que empreendo neste trabalho esses “elementos” são importantes para apresentar e representar os espaços e seus respectivos processos de mobilidade, de andanças que construíram suas histórias de vida e que deixam fortes marcas em suas memórias.

“Tenho muita lembrança do que eu e meus irmãos passamos quando todo mundo era pequeno, não tenho vergonha de dizer não [...] aqui passei por falta de alimento [...] nesse lugar aqui tinha pouca casa e pouca gente, o povo andava igual a cigano, pra lá e pra cá atrás do sustento. Eu só tive a alegria de ver o povo do IBGE aos 23 anos, até essa idade nunca pude ser contada, meu pai sempre ficava de um lugar pra outro, e eu e meus irmãos não fazia parte do Brasil, entende? Agora, aqui onde moro recebo o povo do IBGE e sou contada junto com todo mundo. Hoje posso dizer que tenho um lugar de viver, tenho vizinhos, tenho amigos, sei coisas do meu lugar e não fico mais rodando igual a peru²⁶” (Maria, trabalho de campo, agosto de 2013).

As palavras de Maria apresentam um discurso que envolve uma história marcada por momentos que deixaram lembranças significativas e que contribuíram para a construção de sua identidade. Segundo Rios (2008), todo discurso provem de alguém que tem suas marcas identitárias específicas às quais o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular assim como seus interlocutores. A ligação com o lugar enraizada ao longo da vida determina relações com seus membros (familiares, vizinhos, amigos), significam a essência do ser, fomentam seu discurso e transcende as singularidades do seu eu. Os dados, fatos e subjetividades encontrados nas narrativas dos indivíduos caracterizam sua presença no mundo, atribuem valor à presença do seu eu e o caracterizam enquanto ser social.

²⁶ A expressão “rodando igual peru” é popularmente utilizada na comunidade em questão para definir aquele que não se fixa em um determinado lugar.

2.1 Adentrando o distrito de Maria Quitéria

O Município de Feira de Santana possui uma área territorial de 1.337,993 km², nesse espaço residem 416,03 pessoas por Km². O município possui uma área rural considerável, sendo que na divisão político-administrativa apresenta oito distritos; o mais jovem é a Matinha que foi criado em 2010 a partir do desmembramento de parte do território do distrito de Maria Quitéria. Segundo os moradores de Maria Quitéria, essa divisão era uma reivindicação antiga da população da Matinha. O distrito com a maior extensão territorial é Jaguará, sua área rural é a de maior dentre todos os distritos do município, como podemos observar no mapa abaixo:

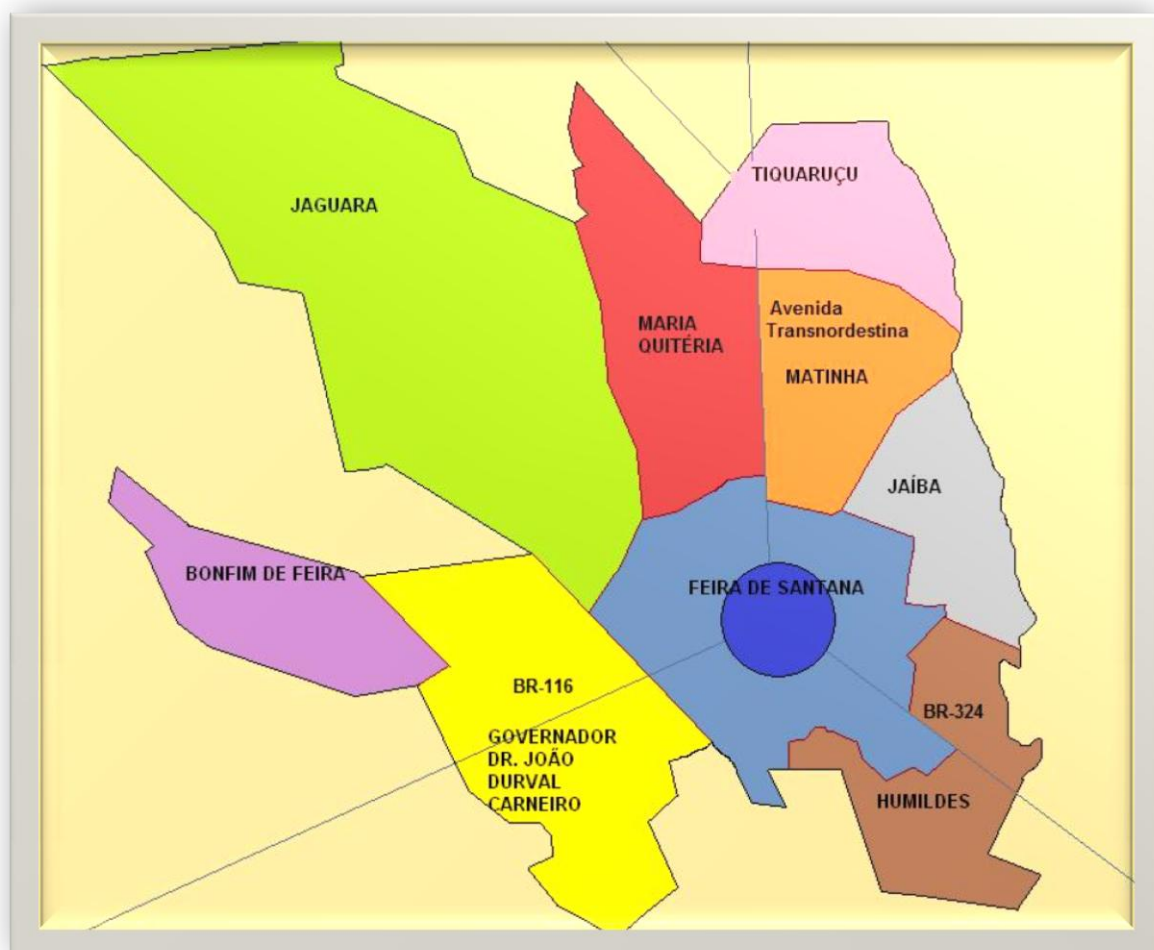


Figura 8: Localização da região central de Feira de Santana e distritos.
Fonte: www.wikipedia.org.br, adaptado pela autora.

A observação da figura 8 apresenta a localização de cada distrito, sua divisão territorial e a área correspondente a crescente expansão do centro urbano do município, essa informação é importante, pois o avanço do perímetro urbano sobre as áreas distritais vem aumentando ao longo dos anos. Recentemente o município criou seis novos bairros, são eles: O Centro Industrial do Subaé - CIS Norte (do acesso ao distrito Maria Quitéria até o limite com Santa Bárbara), Pedra Ferrada (próximo ao bairro Asa Branca), Mantiba (próximo ao distrito Matinha), Registro (próximo ao distrito Jaíba), Chaparral (ao lado do bairro Subaé) e Vale do Jacuípe (trecho da BR-116/Sul até a BA-052 - Estrada do Feijão²⁷). A criação desses novos bairros foi, na verdade, uma forma que o poder público utilizou para oficializar a expansão urbana do município.

Além da abordagem municipal, busquei alguns dados referentes à população dos distritos. Essas informações contribuem para o delineamento e localização da área em estudo, como também auxilia na interpretação da estrutura de ocupação do território e das demandas que o mesmo impõe aos seus habitantes. Essas considerações são feitas a partir da tabela abaixo:

Tabela 3: Distribuição da população de Feira de Santana segundo os distritos/2010

Distrito	Total	Urbana	Rural	Homens	Mulheres
Bonfim de Feira	3.433	2.131	1.302	1.644	1789
Governador J. D. Carneiro	3.804	1.079	2.725	1.862	1.942
Humildes	13.462	6.983	6.479	6.505	6.957
Jaguara	5.051	665	4.386	2.557	2.494
Jaíba	4.539	956	3.583	2.259	2.280
Matinha	8.855	573	8.282	4.280	4.575
Tiquaruçu	3.923	457	3.466	1.894	2029
Maria Quitéria	13.903	1.826	12.007	6.854	7.049
Total	56.970	14.670	42.230	27.855	29.115

Fonte: www.sidra.igbe.gov.br. Acesso em 26 de setembro de 2013.

De acordo com os dados apresentados na tabela acima, posso constatar que a população feminina é maior em quase todos os distritos, com exceção de Jaguara, onde a

²⁷ Fonte: www.feiradesantana.ba.gov.br

diferença entre o número de homens e mulheres é de apenas 63 indivíduos. O distrito com o maior número de mulheres (7.049) é Maria Quitéria.

Nas conversas informais com as alunas e nas minhas andanças pelas comunidades que compõem o distrito em estudo, pude perceber que em quase toda residência nas quais visitei tem uma mulher, em sua maioria avó, mãe, esposa, filha, podem ser crianças, jovens, adultas ou idosas, mas são mulheres... A presença feminina é uma realidade nas comunidades visitadas durante a pesquisa, conhecer este universo feminino no lugar foi um dos pontos altos desta pesquisa.

2.2 Aqui começam os sonhos: a Escola José Tavares Carneiro

“Eu gosto de estudar lá. A escola é um lugar que todo mundo deveria ir, só ensina coisa boa; se eu tivesse estudado na escola como as minhas primas estudaram hoje eu taria melhor, com um bom emprego, meu salário, minha casa arrumada. Você já viu a escola ensinar coisa ruim? Lá é ótimo, as aulas, os professores, a diretora, a conversa com as cumades, as amigas, a gente aprende, dá risada e volta pra casa melhor, mais feliz” (Laura, agosto de 2013).



Figura 9: A escola JTC

A escola é o espaço que deve favorecer a todos os indivíduos a possibilidade de acesso aos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade. Dessa maneira, a escola se constitui num ambiente de promoção da igualdade e da diversidade, assim essa instituição deve possibilitar o desenvolvimento de competências diversas, que permitam aos cidadãos a apreensão de saberes que serão necessários para a convivência social.

Dentro dessa lógica, a escola JTC é mais uma instituição pública deste país que busca aproximar os estudantes dos conhecimentos que são necessários para o exercício da cidadania.

A escola JTC fica localizada no distrito de Maria Quitéria, ao lado da Igreja de São José, na praça do distrito. Esta unidade municipal possui mais de 30 anos de funcionamento, o prédio onde a escola está instalada, já foi utilizado como uma fábrica de fumo e um centro para cursos profissionalizantes para a comunidade local.

Esta unidade é considerada de porte médio, recebe estudantes nos três turnos (manhã, tarde e noite) com Ensino Fundamental II. A escola possui nove salas de aulas, secretaria, sala de professores, sala de informática, pátio, cantina e depósito. Nos turnos da manhã e tarde estudam alunos do 5º ao 9º anos, à noite são atendidos os estudantes da EJA.

Segundo o Censo Escolar²⁸ de 2013, a escola possui 786 alunos matriculados, desse total, 416 são mulheres e 370 são homens. Dentre os estudantes, a maioria reside em áreas rurais circunvizinhas ao distrito, deslocando-se para a escola no transporte escolar fornecido pela Secretaria Municipal de Educação.

A escola JTC possui 32 professores, todos licenciados e especialistas, desse total, 96% residem em Feira de Santana, fazendo o percurso de ida e volta para a escola nos dias de trabalho. Segundo a diretora da escola, que trabalha na unidade há 16 anos, os docentes da escola sempre foram, na sua maioria, moradores do centro urbano de Feira de Santana, a diretora ressalta que o distrito não dispõe de professores e a maioria dos profissionais precisam se deslocar diariamente.

Diante da intensa concentração urbana das últimas décadas, fica cada vez mais difícil encontrar professores que atuem nas escolas de áreas rurais. Os professores que chegam às escolas rurais, muitos deles, trazem uma cultura urbana enraizada em seu fazer, esse fato atrelado às deficiências de sua formação pedagógica privilegiam uma conduta escolar urbana, e desmerece a especificidade do mundo rural.

²⁸ Dados fornecidos pela diretoria da escola a partir do site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Fonte <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-matricula>, acesso em 22 de fevereiro de 2013.

Para Ribeiro (2006),

os professores que atuam em escolas rurais precisam garantir os conhecimentos referentes à série na qual o aluno estuda, mas também ampliar questões investigativas que envolvam referenciais políticos emancipatórios e que estejam relacionadas ao cotidiano e à sua comunidade. Essa postura do professor (a) irá contribuir para uma educação que valorize a identidade e a cultura dos trabalhadores, criando laços e valores que se fortalecem no dia-a-dia das pessoas que vivem em áreas rurais.

Essa perspectiva de educação em espaços rurais vem passando por intensos debates. Nas últimas décadas, podemos perceber que autores como Leite (2002), Ribeiro (2006), Munarim (2006), Gohn (2007) e Arroyo (2004; 2007; 2010), têm uma importante ênfase ao debate em torno do cenário no rural do Brasil. Esses pesquisadores buscam compreender como a educação em espaços rurais foi vista ao longo da trajetória educacional brasileira, e tem denunciado a forma negligente como este debate tem sido construído sob a lógica da desvalorização da cultura do campo e dos seus sujeitos.

Essa invisibilidade em torno da educação dos e para os povos do rural, principalmente nas esferas políticas e governamentais se perpetuou até o final do século XIX e início do século XX. A partir de então, as indústrias e agroindústrias começaram solicitar mão de obra mais qualificada e o país necessitava sair do estado de “atraso” em que se encontrava. É nesse momento que o debate sobre a educação dos povos do rural começa a ganhar espaços de discussão sob perspectivas e interesses além dos sujeitos do campo (FERNANDES, 2004).

Para Leite (2002), a educação rural passa a “ganhar relevância política no cenário educacional brasileiro a partir de 1910, quando se observou um grande contingente migratório de pessoas do rural em direção às cidades. Os migrantes estavam em busca dos empregos resultantes da ampliação do processo de industrialização e, também, de melhores condições de vida para suas famílias.

Segundo Ribeiro (2006), o sentido de educação rural aparece quando há referência à política do início e decorrer do século XX, cuja preocupação era com as ações que pudessem superar o “atraso” presente entre os trabalhadores e moradores do espaço rural.

O histórico desrespeito, negação de direitos e descaso com a educação e de outras tantas demandas necessárias aos povos do campo, ao longo de anos, despertou a organização e lutas dos trabalhadores rurais. Os anos de 1980 e 1990 foram marcantes para o

fortalecimento das lutas dos povos camponeses, nesse período os movimentos sociais organizados almejavam uma nova concepção de educação para os povos do rural, discutiam propostas que iam além de uma educação compensatória, invisível e ineficiente.

Os movimentos sociais trouxeram para o debate uma proposta de educação para os povos do campo que se diferenciava da proposta de educação rural até então vigente, as reivindicações desses movimentos buscavam conceber uma educação para o campo que atendesse aos verdadeiros interesses das pessoas e grupos sociais organizados, uma educação que estivesse voltada para o desenvolvimento sociocultural e econômico dos sujeitos, que atendesse às diferenças históricas e socioculturais da população, que oportunizasse uma convivência digna com seu espaço de trabalho e luta, proporcionando assim, outras formas de trabalho e renda para todos.

Embora os termos Educação Rural e Educação do campo não pareçam tão diferentes, sua gênese encontra-se no entendimento e abordagem dado pelos segmentos que as discutem. Na Educação Rural o Estado pensa e executa ações de superação que “julgam” serem deficientes nos espaços rurais, enquanto os agentes centrais da Educação do Campo, que são os movimentos sociais, propõem outra concepção de educação, a qual atenda objetivos que contemplem a valorização e emancipação da classe trabalhadora no campo.

Nesse sentido, pensar a Educação em espaços rurais neste país é construir conhecimentos e saberes que possam alicerçar as lutas pela melhoria das condições de vida, condições estas que estão atreladas a processos educativos fundantes, que construam bases sólidas e fortaleçam a luta pela qualidade da educação dos povos do campo. Uma educação que contribua para a consolidação das lutas dos movimentos sociais, que revigore as disputas referentes à questão agrária, à renda e à produção, que garanta às famílias condições de trabalho e vida digna.

Nessa perspectiva, ao refletirmos a educação escolar para pessoas do campo, muitas são as pautas necessárias, que vão da infraestrutura escolar, como das condições de ir e vir dos sujeitos em busca da escolarização. Além disto, e não menos importante, é preciso pensar na formação dos professores como uma necessidade permanente. Essa formação docente precisa comungar com o entendimento de que o rural/ocampo é um espaço em que indivíduos vivem de maneira digna, buscando, através do aperfeiçoamento de conhecimentos e lutas, a garantia de seus direitos, como por exemplo, um projeto educativo que atenda às especificidades da identidade rural.

O documento das Diretrizes Operacionais da Educação do Campo²⁹ traz em seu artigo 13, orientações que norteiam a formação dos professores, promulgando como de fundamental importância que:

Art. 13. Os sistemas de ensino, além dos princípios e diretrizes que orientam a Educação Básica no país, observarão, no processo de normatização complementar da formação de professores para o exercício da docência nas escolas do campo, os seguintes componentes:

I - estudos a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva, da região, do país e do mundo;

II - propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas.

As Diretrizes para a Educação do Campo significam um avanço considerável no território das lutas por uma educação mais justa e igualitária, reivindicando às especificidades sociais, culturais e educacionais dos sujeitos que vivem no/do campo, como podemos ver no seu Art. 2º:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade da vida coletiva no país (BRASIL, 2004, p. 37 apud SILVA, 2001, p. 365)

A garantia em lei das Diretrizes anuncia e evidencia o dever do poder público frente a questões tão importantes e fundamentais para o exercício democrático nesta sociedade, muitas dessas questões ainda não passaram por mudanças estruturais, no entanto os avanços conquistados são decorrentes das diversas lutas e reivindicações dos movimentos sociais

²⁹Essas diretrizes estão instituídas na resolução CNE/CEB nº 1, de 03 de abril de 2002.

organizados que buscam insistentemente mais garantias aos direitos fundamentais à educação dos seus pares.

Para Silva (2011, p. 358),

educar é um ato dialogizador permanente, através do qual, na práxis do ensino, o educador e educando constroem e problematizam juntos os objetos em questão. Nesse sentido, a afirmação de nossa liberdade passa necessariamente pela liberdade do outro, por isso educar implica também libertar pela palavra.

Assim, o papel das escolas do campo e dos professores que atuam nela é compreender os outros processos educativos que ocorrem fora dela. A educação para os povos do rural envolve muitos fatores que remontam à história deste país, assim, a escola tem a função de proporcionar de maneira digna a conquista de saberes que são relevantes para a emancipação desses indivíduos que residem do/no rural brasileiro. A função da escola é organizar os processos educativos em um projeto pedagógico, sistematizar o conhecimento, socializar o saber e a cultura historicamente produzidos, possibilitando a construção de instrumentos científicos e técnicos para a interpretação e intervenção na realidade, na produção e na sociedade (ARROYO, *et al*, 2004, p. 77-78).

Nesse sentido, pensar a educação em espaços rurais, é refletir uma escola e uma proposta pedagógica que atenda às especificidades das pessoas que vivem nessas áreas, é formar professores capazes de trabalhar com a realidade de vida, de produção e que respeitem a cultura existente, é validar pedagogicamente e politicamente formas de viver e conviver no rural, a partir de suas lógicas sociocomunitárias e de um projeto de sociedade justo.

Dentro dessa perspectiva, este trabalho não entende a escola como “único” meio de formação e aquisição de saberes. No entanto, reconhece essa instituição como uma referência que ainda permeia o imaginário de muitos cidadãos do rural e do urbano como uma forma de superação, de mudança de vida, de possibilidade de trabalho e conseqüentemente de melhor qualidade de vida. O acesso e a permanência na escola para conclusão do processo de escolarização precisam ser garantidos pelo poder público, pois para muitos brasileiros e brasileiras, especialmente para as pessoas que vivem no rural do distrito de Maria Quitéria, no Nordeste e em todo o país, esse direito ainda é um sonho não concretizado.

3. Gênero, meio rural e educação – algumas reflexões necessárias

“Eu tinha vontade de um dia assistir uma audiência ou uma palestra que explicasse sobre a vida da mulher, tinha mesmo. Sabe por quê? Eu queria saber por que desde que o mundo é mundo que o homem quer mandar mais do que a mulher, tem uns homens que acha que são donos da gente, que eles podem tudo, a gente não pode nada. Pelo que eu sei todo mundo é livre, não tem dono não, mas mesmo assim eles acham que mulher é propriedade, são teimosos viu, se a mulher desde cedo não der seu valor, eles jogam nosso valor fora e aí ficamos fazendo o que eles querem” (Laura, outubro de 2013)

Considerando os propósitos desse estudo, optei em discutir inicialmente a questão de gênero, abordando os caminhos que irrigaram a construção deste conceito, buscando compreender os porquês da extensa tradição de negação de direitos, discriminação, exploração e sofrimento aos quais a maioria das mulheres ao redor do mundo são submetidas.

Nesta pesquisa busquei referências de trabalhos acadêmicos que refletissem a realidade de mulheres do rural, no entanto constatei que ainda há uma lacuna na literatura, pois quando se trata da vida de mulheres nos espaços rurais a produção acadêmica ainda é pequena. Dessa forma, busquei trazer, ainda que brevemente, adotei uma reflexão que traz alguns aspectos relacionados à história de luta das mulheres, suas demandas, pois entendo que é a partir do processo de constituição das pessoas ao longo da vida social, e também das conjecturas que envolvem sua formação que podemos refletir e tecer posições.

Assim, pensar o termo gênero é fazer uma análise do processo histórico que o constituiu e a partir desse exercício, analisar os movimentos oriundos desse processo, como por exemplo, o movimento feminista³⁰.

Os ideais do movimento feminista tiveram início com a luta pelos direitos das mulheres. Segundo Gonçalves (1998), esse movimento nasce sob as bases do pensamento Iluminista proposto nos séculos XVIII e XIX, aproximando-se dos ideais das revoluções americana e francesa e do surgimento dos estudos das ciências sociais. Nessa perspectiva o

³⁰ Foi o movimento que contribuiu fundamentalmente com a luta das mulheres na busca de direitos, e que deu origem a ideias e ações para a libertação feminina, buscando a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Fonte: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/1983359-sobre-feminismo-suas-ondas/>. Acesso em: 06 de dezembro de 2013.

movimento feminista “nasce” acompanhando os referenciais do Liberalismo, do Estado Moderno, o qual traz para o debate a noção de Direitos Universais e na ebulição desse contexto surge espaço para que as mulheres também participem dos encontros constitutivos da política da época.

Os estudos sobre gênero apontam que a opressão da mulher é resultado da negação de direitos ao longo da história da humanidade, dentre esses direitos negados, o direito à educação se apresenta como um dos principais. Nesse cenário de inexistência de direitos, as mulheres foram submetidas às máximas patriarcais e consideradas inferiores, frágeis, incapazes, ficando responsáveis pela maternidade e os cuidados com o lar.

Segundo Gonçalves (1998), a Revolução Francesa em 1789 promoveu, junto a outros direitos sociais, algumas prerrogativas às mulheres, no entanto, para o movimento feminista as formas de submissão e opressão da mulher ainda permaneciam. Foi a partir desse contexto favorável que o movimento feminista deu início a ações mais amplas, fortalecendo a participação da mulher, ampliando *quórum* e expandindo seus ideais em outros espaços. Com essa atuação o movimento feminista amplia as suas reivindicações, fortalece as convicções ideológico-políticas e exige a erradicação da desigualdade entre os sexos, direito à educação, o voto e consequentemente à emancipação da mulher.

Ao se refletir os caminhos que engendraram os estudos sobre a mulher, é preciso salientar que os séculos XIX e XX foram períodos de grande produção científica, onde muitas teorias foram apresentadas, principalmente nas áreas de ciências naturais e sociais, estas tiveram e ainda têm grande importância para a atualidade.

Para Pisoni (2009, p. 59), foi no século XX que o movimento feminista galgou ganhos efetivos nas suas reivindicações. Muitas foram as autoras e autores que contribuíram com trabalhos e pesquisas nas áreas da antropologia, psicologia e filosofia, autores como Levi Strauss, Malinowski, Margaret Mead e Simone Beauvoir colaboraram na elaboração e evolução da teoria feminista.

Segundo Gonçalves(1998) *apud* Pisoni(2009, p. 59),

o movimento feminista se afirma como movimento coletivo com o Pós-Guerra, com “A criação da Organização das Nações Unidas (ONU) – e a Declaração dos Direitos Humanos representou impulso para as conquistas feministas [...]. O direito ao voto – passo importante para a posição de cidadã”, e surge como movimento social de contestação das décadas de 60/70 do século XX.

As lutas implementadas pelo movimento feminista pós décadas de 60 e 70 alcançaram muitos países e as demandas das mulheres estavam presentes nas esferas da política e da economia, enfim, de quase todas as sociedades mundiais. No Brasil, principalmente nas áreas urbanas, as mulheres passam a marcar seus espaços, participam das manifestações, disputam espaços nas esferas políticas públicas e privadas do poder, criam e cobram suas demandas enquanto mulher e ser social. No entanto, nas regiões mais interioranas e especificamente o meio rural, as ideias feministas chegaram um pouco mais tarde.

Para Pisoni (2009, p. 59),

é possível verificar que o termo gênero, e mais tarde a criação do conceito de gênero, tem relação intrínseca com o movimento feminista, pois é fruto do mesmo e apesar deste movimento ter início nos séculos XVIII e XIX, é apenas no século XX que passa a ter sentido falar de teoria feminista e em gênero enquanto categoria de análise teórica.

Refletindo sobre a construção do conceito de gênero e concordando com as ideias de Pisoni (2009), é preciso salientar que, o movimento feminista, inicialmente, denunciava e descrevia a condição de exploração da mulher, mas numa perspectiva individual e coletiva. Assim, nessa etapa os estudos que defendiam estavam mais ligados à mulher e não possuíam uma conotação de gênero.

Segundo Scott (1995), o termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas para reivindicar certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes para explicar as desigualdades persistentes entre mulheres e homens.

Para Louro (1995) *apud* Pisoni (2009, p. 60), “surgem então estudos preocupados não só em desvelar a opressão das mulheres, como também demonstrar que a abordagem destas questões podem trazer contribuições importantes ao entendimento da sociedade”. Assim, ainda segundo este autor, pensar o conceito de gênero é ultrapassar a denúncia da opressão e descrição das experiências femininas. Vislumbrando essa perspectiva, as produções de trabalhos, textos sobre a questão da mulher começam a ensaiar explicações e a promover articulações com arquétipos, ou quadros teóricos clássicos ou emergentes, propondo assim novos paradigmas.

A partir do século XX, o movimento feminista passou a defender a compreensão de que a posição e situação da mulher é uma construção social e não uma ordem natural das coisas. Nessa direção passou a existir um entendimento de que as mulheres e os homens são frutos das relações desenvolvidas no seio do convívio social (PISONI, 2009, p. 60).

Segundo Gonçalves (1998) *apud* Pisoni (2009, p. 61), foi somente no final do século XX que o entendimento sobre gênero enquanto categoria de análise foi definida de modo conceitual. No Brasil, apenas a partir do final da década de 80 que as feministas implementaram a substituição dos estudos sobre a mulher pelos estudos de gênero.

É importante perceber que a luta das mulheres por emancipação adentra por caminhos evolutivos que percorrem diferenciadas noções. O movimento feminista foi de grande importância para a constituição dos estudos sobre a opressão da mulher, pois as disputas empreendidas por esse movimento permitiram a construção e evolução de conceitos, teorias e posturas. Nesse sentido, falar de gênero é revisitar a história de lutas das mulheres, é entender o contexto das reivindicações, é buscar os primórdios, os porquês, dessa forma podemos compreender, analisar e propor soluções.

3.1 Gênero e a condição da mulher—A complexidade do tema

“Mudança é uma coisa boa, a mulher vem mudando muito nos últimos tempos, a gente aqui da roça vai transformando as coisas devagarinho, pois não se pode mudar aquilo que foi ensinado durante uma vida toda, mas com o tempo as coisas mudam, sei que mudam, vem mudando...”(Laura, outubro de 2013)

A abordagem dos estudos sobre a mulher numa perspectiva de gênero difundiu, impulsionou e aprofundou estudos sobre a opressão da mulher. A partir da conceituação de gênero o sexo feminino e masculino não são apresentados como seres que se dissociam, mas sim como homens e mulheres que vivem, convivem e estabelecem inter-relações de maneira coletiva na sociedade.

Dentro dessa perspectiva, parece salutar iniciar essa discussão a partir da máxima ideológica adotada pela maioria das sociedades mundiais, de que as mulheres são eminentemente mais frágeis e fisicamente incapazes de desenvolver algumas tarefas do cotidiano, e por essa razão sua subordinação ao sexo masculino.

Assim, segundo Soares (2004, p. 113 – 114))*apud*Gohn (2007, p. 50),

gênero se refere à construção social da identidade sexual, construção que designa às pessoas diferentes papéis, direitos e oportunidades, de acordo com seu sexo; enquanto o sexo se refere às diferenças biológicas entre homens e mulheres. As diferenças de gênero são constituídas hierarquicamente: a construção social do ser homem tem um maior status que a construção social do ser mulher. O gênero é um termo relacional, que nomeia a interação entre o masculino e o feminino; portanto, o estudo de um é coadjuvante do outro. O conceito de gênero é uma categoria de análise de grande poder para explicar as desigualdades entre as pessoas. Não obstante, é apenas parte de uma construção social complexa de identidade, hierarquia e diferença. A raça, a etnia, a classe são outras categorias socialmente construídas que se intersectam com o gênero para determinar a localização social dos indivíduos.

Nesse sentido, para Jara (1999, p. 48),

gênero é uma categoria das Ciências Sociais que pesquisa as relações entre homens e mulheres, em um determinado contexto social, o que permite conhecer como se organiza e se valorizam estes relacionamentos e quais papéis sociais são destinados a cada um.

Ao se analisar as questões que envolvem gênero, é preciso considerar as alternâncias, construções e desconstruções abordadas nos estudos sobre a mulher e o homem, e assim desmistificar o entendimento a respeito das questões biológicas que envolvem a importância dos sexos.

A distinção entre gênero e diferença sexual rompeu com a convicção que a determinação sociocultural dos sexos está no biológico. Assim, o entendimento da categoria gênero vem evidenciar questões e, paralelamente, requerer explicações dentro de novas perspectivas que levassem em consideração os planos empíricos e descritivos da condição da mulher no universo teórico abordado nessa nova conjectura de estudo.

Os estudos de gênero enfatizam a necessidade da rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária “masculino *versus* feminino” e a importância de sua historicização e “desconstrução”, revertendo-se à concepção hierárquica, em lugar de aceitá-la como óbvia ou estando na natureza das coisas (SOIHET, 1997, p. 101).

A temporalidade dos estudos de gênero e do feminismo é marcada pela busca dos primórdios que deram início à autoridade dos homens, e que permanece ainda muito ativo

desde os tempos mais remotos. Essa demanda pelo entendimento de máximas patriarcais imbricadas nas sociedades mundiais, fragilizam, determinam e ditam o lugar da mulher, o que alimenta a discussão e instiga o debate.

Para Pisoni (2009, p. 62),

as teorias do patriarcado têm como objeto de estudo a subordinação da mulher. Para seus defensores a submissão da mulher se encontra na necessidade do homem dominar a mulher, e argumentam que a dominação masculina está baseada na reprodução e na sexualidade, essa teoria aponta que a natureza da mulher (corpo mais frágil, a questão da maternidade, ciclos biológicos mais complexos) foi tomada como fonte de subordinação [...]. A saída para a libertação seria o reconhecimento de como ocorrem os processos reprodutivos, pela mulher, de que a maternidade é escola e não destino, e de que a mulher é dona do seu corpo e sendo assim possui autonomia sexual.

Sabemos que o debate acerca da opressão da mulher ao longo de séculos não advém de um simples fato pontual abordado nas teorias do patriarcado. Fica o entendimento de que o domínio do homem a partir da marca biológica entre os sexos já perdeu espaço no debate. No entanto, outros elementos inerentes à própria evolução da sociedade foram agregados à posição da mulher na sociedade. Assim, é preciso discernir alguns pontos que envolvem a postura submissa da mulher frente à sociedade que surgia, a sociedade industrial.

Com o advento da sociedade industrial, a mulher, pela própria dinâmica dessa nova conjuntura é chamada a assumir outras atividades além das de mãe, dona de casa, esposa... Nesse contexto, inicialmente urbano, a mulher é obrigada a entrar no mercado de trabalho oferecido pelo processo de industrialização, onde a carga de obrigações extrapola as do lar e o peso das responsabilidades internas e externas provocam inquietações.

Nessa conjuntura de tantas atividades e responsabilidades para serem absorvidas ampliam-se os debates acerca da condição da mulher, seus direitos, suas reivindicações, suas lutas por melhores condições de vida, tanto no lar quanto no trabalho fora dele. Esses novos elementos incorporados à rotina da mulher, a partir do advento da industrialização, promoveu um despertar maior acerca da luta por melhores condições de vida no âmbito doméstico e também no trabalho.

Diante da nova condição da mulher a partir do surgimento da indústria, observa-se que as novas incumbências atribuídas e assumidas pela mulher correspondem às necessidades e

exigências da sociedade de consumo e estão plenamente a serviço da ideologia dominante (GROLLI, 1999, p. 35-36). Essa ideologia dominante, eminentemente masculina, ainda cultiva a imagem da mulher como a responsável pelo lar e dona de casa, no entanto a mulher possui expectativas de trabalho para além dele.

Segundo Albornoz (1985, p. 66), esta nova conjuntura de trabalho “extra-lar” apresentada à mulher evidencia,

o caráter de novidade do trabalho da mulher na época industrial se deve à separação entre o lugar de trabalho e de moradia. As mulheres dos camponeses, dos artesões, dos pequenos comerciantes do século XVIII, por exemplo, trabalhavam ao lado dos maridos na empresa familiar; lugar de trabalho e moradia se identificavam. Com a concentração urbana e industrial (e burocrática), a mulher é contratada como operário ou empregada, uma vez que a mecanização da produção e a organização de serviços tornam interessante o trabalho feminino – igualmente apto, às vezes mais adequado, menos reivindicativo, mais barato e submisso...Separando os trabalhos da família e o lugar onde moram, pois têm que se dirigir à fábrica, à organização.

A partir dessa realidade vivenciada pela mulher deu-se início a um despertar da sua condição enquanto trabalhadora e detentora de direitos, nesse momento se acirram as insatisfações com o sistema implantado pelas fábricas e começam movimentos de busca por melhores condições de trabalho e vida.

Nesse contexto, nascem as reivindicações pela diminuição da jornada de trabalho, pela implantação de creches, refeitórios, entre outros aspectos que irão fomentar a luta das mulheres dentro de um novo panorama da sociedade industrial.

A ideia da sociedade de classe sustenta e reforça a opressão da mulher, ocultando as causas que impedem a sua libertação, vinculando na libertação de todo o povo oprimido (GROLLI, 1999, p.34).

Essa concepção vai legitimando a mulher como ser procriador, mãe, dona-de-casa, responsável pela educação dos filhos e de todos os cuidados da casa, assim essa perspectiva de pensamento omite a verdadeira face da opressão da mulher, a qual está baseada em determinações socioculturais, impostas pela figura do poder econômico e cultural do homem dominador. Essas imposições ocorridas ao longo da história promovem dificuldades para que a mulher consiga reconhecer sua condição de opressão e fragiliza a luta contra as máximas imposta a sua vida em sociedade.

Essa visão sobre a mulher enraizada em muitos povos e culturas “impede” que muitas mulheres que não tiveram acesso a direitos básicos como, por exemplo, a educação, se conformem com sua condição de opressão, o que empobrecer seu protagonismo como ser capaz de participar da mudança social e de sua própria mudança (SOIHET, 1997, p. 100).

Neste complexo cenário em torno das mudanças nas relações de gênero, a mulher assume uma postura viva e ativa, mas ao mesmo tempo, pode ficar presa a seu contexto, sua cultura, suas necessidades e conseqüentemente suas possibilidades de transgressão à ordem patriarcal “estabelecida”.

Nesse processo, surge a importância de enfoques que permitam superar a dicotomia entre a vitimização ou os sucessos femininos, buscando-se visualizar toda a complexidade de sua atuação, principalmente, no tocante à ampliação das concepções habituais de poder (SOIHET, 1997, p. 100).

As reflexões acerca da postura da mulher ao longo do tempo e na sociedade atual já se tornou pauta constante na agenda dos movimentos femininos, das organizações e grupos de mulheres tanto das áreas urbanas como das rurais. Os debates margeiam a aquisição e respeito aos direitos das mulheres, acesso à educação digna e de qualidade, divergências de posições, controvérsias, disputas pelo poder de vez e voz, por posições no mercado de trabalho, descoberta e redescobertas de papéis formais e informais e das situações do cotidiano que se apresentam como inéditas e atípicas; essa dinâmica possibilita a revelação de processos sociais ocultos que margeiam uma ordem normativa patriarcal ainda pouco questionada.

Compreendemos que a luta das mulheres em busca de direitos relegados ao longo de séculos como permanente, sejam ou estejam em espaços urbanos ou rurais. Uma nova ordem social, econômica e cultural para as mulheres vai exigir a gestação de inovadores e criativos processos dialéticos de reconstrução do conhecimento humano, nessa nova dimensão é necessário produzir relações sociais justas entre os sexos.

3.2 A vida das mulheres no rural do Distrito de Maria Quitéria



Figura 10: A luta de todos os dias

“Pensar na vida aqui é saber o lugar do homem e o lugar da mulher. Já foi o tempo que a mulher ficava a mercê de homem, hoje os tempos estão mudados, precisamos saber quem somos nós e o valor da mulher na família, na vizinhança, no trabalho, no sindicato de trabalhar rural, na escola, ôxe em todo lugar. Saber direitinho quem sou, se mulher, se mãe, se filha, o que faço, o que deixo de fazer, e porque faço ou não faço alguma coisa...de onde venho, pra onde vou, o que carrego, o que já deixei para trás, o que quero encontrar adiante. A vida da mulher na roça é assim, caminha a passos lentos, às vezes fracos, às vezes fortes, às vezes firmes, outras vezes cambaleando...o que não pode é parar, as mulheres dessa região são fortes, luta todo dia pela sobrevivência e pela alegria, todo mundo quer ter um tiquinho de felicidade. E é por isso pró, que precisamos olhar pra baixo, pra cima, pra frente e seguir...ser mulher na roça é ser lutadora!”(Alzira, trabalho de campo, setembro de 2013)

Não poderia começar essa reflexão sem publicar as palavras relatadas por Sílvia em sua entrevista. Essa mulher do rural, estudante, mãe, trabalhadora, espontânea e falante externou questões a sua maneira, falando baixo, olhando o horizonte, alicerçada no aconchego

do avarandado de sua casa³¹. Pensativa e concentrada no seu discurso foi traduzindo, em um conjunto de palavras, a realidade que a rodeia e que é muito presente na sua história de vida e no seu dia-a-dia. A altivez de sua voz demonstrou a sabedoria da mulher que aprendeu viver a partir de concretudes que se apresentam na sua comunidade, nos laços familiares, no ambiente de trabalho diário e na escola da vida.

Neste contexto, falar sobre as questões de gênero no meio rural é um grande desafio, pois as relações que entrelaçam homens e mulheres nestes espaços deixaram e ainda deixam marcas que acompanham toda a história de vida das mulheres. Esses temas apresentam muitas nuances que foram fincadas pelo processo histórico e cultural desses indivíduos e que são bem presentes nas áreas rurais. Os espaços rurais são constituídos a partir de uma cultura “dominante”, a qual “estabelece” costumes, hábitos e valores que são incorporados pelos sujeitos.

Neste trabalho, busco entender como se processam as relações e contradições que envolvem as questões de gênero no meio rural, e como essas relações contribuem ou não para o processo de escolarização de mulheres adultas do rural do Distrito de Maria Quitéria.

Segundo Pisoni (2009, p. 66),

gênero refere-se à forma como cada cultura trata as diferenças entre os sexos concedendo a cada um determinados atributos; gênero trata também sobre a maneira de como estes atributos são valorados socialmente. Dessa forma, não é possível pensar o gênero como um sistema fixo, universal e linear em relação às hierarquias do que é ser homem e ser mulher, mas como sendo produzido pela cultura de cada sociedade.

Os estudos de gênero no meio rural estão atrelados à forma como as relações entre mulheres e homens se apresentam no dia-a-dia, na convivência com a comunidade, e como essa dinâmica é aceita pelas mulheres. Assim, refletir a condição da mulher do rural é analisar a extensa tradição de esquecimento, exploração, discriminação e sofrimento que as mesmas são submetidas.

É preciso refletir que, mesmo com a evolução da sociedade, a cultura patriarcal e machista ainda é muito forte no imaginário de homens e mulheres nas áreas rurais, essa situação penaliza a mulher e a coloca em desvantagem frente aos homens e às oportunidades

³¹ O avarandado é o espaço situado na frente da casa, local onde as visitas são recebidas. Nas residências rurais é o lugar onde primeiro se chama os donos (as) da casa, é o local onde quem chega, precisa chamar e esperar ser atendido.

da vida social. Esse cenário é bem característico quando analisamos as relações que se manifestam no cotidiano das mulheres e que foram traduzidas nas palavras de Zumira:

“Desde eu pequena que ouço da minha avó e da minha mãe: tu é mulher...não diz nada a teu pai, deixa ele fazer o que quiser...tu não briga com teu irmão...não vai contrariar teu marido que o homem é quem manda na casa, nos filhos, nas coisas, é ele que decide a terra, o dinheiro, tudo, você não procure briga sem precisão, você já não sabe que é assim, pra que fala. O homem pode tudo, a mulher é que não podia nada, só ter filhos, cuidar das crianças, trabalhar fora e ainda da conta de tudo pronto na casa; a eles só os trabalhos que eles mesmos dizem que é só de homem, isso quando eles trabalham, depois só descanso. Já a mulher tem serviço a vida toda, a carga da mulher nunca que acaba, quando não é na casa dela é na casa, na roça dos outros. Cresci ouvindo isso 24 horas, mas hoje as coisas estão mudando minha senhora, não ensino a minha filha ficar debaixo do pé de ninguém, quanto mais de homem, digo sempre a ela: vai estudar pra ser alguém na vida, saber das coisas e não depender de ninguém. As mulheres não tão mais bobas como antigamente não, agora não tão arrumando mais filhos, estudam, trabalham...tem o seu, tem seu valor” (Zumira, trabalho de campo, outubro de 2013)

As palavras da estudante apontam para duas questões relevantes. A primeira está relacionada à consciente reflexão da sua condição de mulher numa sociedade marcada pelo domínio do homem, domínio esse que se processa em diferentes instâncias hierárquicas e espaços de poder. A estudante coloca com propriedade o peso dos ensinamentos que recebeu da sua mãe e avó, e que ficaram marcados na sua memória e existência. Esses ensinamentos estão imbuídos de hábitos, costumes e valores que a acompanharam e que colocavam o homem numa condição de superioridade, em que a mulher devia obediência.

No seu testemunho, aborda sua condição de opressão, apresentando situações do cotidiano, que legitimam sua subordinação aos homens, homens estes que se apresentam na condição de marido, filhos, genros, vizinhos, membros da comunidade, entre outros. Esse reconhecimento é importante no sentido de perceber que Zumira não está alheia às situações de opressão que estão ao seu redor, e esse é um ponto importante.

A segunda questão refere-se a sua percepção, enquanto mulher que vive e convive em ambiente eminentemente rural, de que a realidade da mulher vem mudando. Aos poucos, mais e mais mulheres despertam para uma nova visão sobre seu papel e postura frente à autoridade masculina. Essa tomada de consciência acerca do seu valor diante das novas formas da organização social tem transformado a postura da mulher frente a sua condição de opressão.

Ainda me reportando às entrelinhas das palavras proferidas por Zumira, podemos perceber a importância que a cultura exerce sobre o modo como as pessoas se comportam, externam suas crenças e repassam seus aprendizados.

Para Souza (2006), cultura diz respeito à dinâmica evolutiva da humanidade. A cultura é uma dimensão do processo social, da vida em sociedade, é um produto coletivo. É no seio da elaboração de hábitos, costumes e valores que a cultura se constitui, se finca, se materializa. É no contexto da formação, afirmação e perpetuação de crenças que a cultura vai se concretizando, naturalizando situações sociais. Nesse cenário favorável, as relações de gênero se organizam, elaborando ideias, modos de agir e filosofias, estas acabam definindo conceitos e comportamentos sociais majoritários.

Este trabalho busca, nas questões de gênero, a compreensão acerca da situação da mulher do rural e sua realidade atemporal e temporal, essa análise se dá a partir das relações que se estabelecem no lugar de vivência.

Essa busca envolve histórias de vida, palavras, vozes, comportamentos e atitudes que são passados de geração para geração nas comunidades e em suas respectivas famílias, estas se relacionam e “reproduzem” alguns aspectos culturais já enraizados na comunidade e na sociedade local.

Nessa perspectiva, é preciso compreender que a mulher brasileira e nordestina, apesar dos significativos avanços observados na educação, no mercado de trabalho, nos espaços públicos da gestão, ainda convive com discriminação, exploração e dominação do homem.

As formas dessa exploração variam de sociedade para sociedade e de região para região, assim, mesmo mudando os lugares, a posição da mulher permanece em um intenso e dinâmico processo de luta por seus direitos e vida digna.

Vivemos e convivemos a partir de uma construção histórica e cultural que cria e recria hábitos, costumes e valores ao longo do tempo. Essas construções podem ser entendidas como um processo essencial da formação do ser humano, pois é a constituição da cultura que se determina o significado às várias situações da vida social.

Nas comunidades rurais, as questões relacionadas à dimensão gênero se mostram como tabu. Durante a pesquisa de campo, por diversas vezes busquei estabelecer uma conversa sobre essa temática, mas infelizmente o diálogo não fluía, as mulheres ao serem questionadas sobre as relações que se estabelecem na convivência com os maridos, companheiros e familiares do sexo masculino no dia-a-dia declararam:

“não pró, deixa essa conversa pra outro dia, esse assunto aqui em casa não se fala não, dá briga” (Maria, trabalho de campo, outubro de 2013)

“Esse assunto já é batido, os homens não estão nem aí, não colaboram com os serviços da casa, nem gosto de falar sobre isso” (Alzira, trabalho de campo, setembro de 2013)

“toda a carga aqui é minha... tudo, tudo mesmo se falando, nem adianta dizer nada, trabalho e resolvo tudo e ainda acho gente pra falar de mim. No dia que eu perder a paciência, largo tudo aí e pico a mula pra bem longe” (Santina, trabalho de campo, novembro de 2013)³²

Os depoimentos dessas mulheres demonstram que situações de opressão estão presentes na sua realidade e que as mesmas não ficam à vontade para falar deste assunto. Assim, as questões de gênero em Maria Quitéria ainda ecoam como uma realidade ainda muito distante, muitas mulheres não se sentem à vontade para refletir sobre o tema, e quando falam apresentam-se em uma posição de obediência e passividade frente às posturas e ditames masculinos.

As estudantes colocam uma realidade que ocorre no dia-a-dia das mesmas, a mulher realizando as tarefas domésticas, trabalhando dentro e fora do lar, estudando, cuidando dos filhos; ao homem, trabalho e descanso.

Essa situação observada nos depoimentos das mulheres não é um comportamento que se materializou em um curto período de tempo, mas sim, em construções que se reportam à cultura em geral e também à cultura local, da comunidade, das pessoas que fazem o lugar. Maria, Alzira e Santina são mulheres que convivem com máximas patriarcais que elas conheceram e assimilaram numa perspectiva determinista, situação que, ao nasceram lhes foi imposta, onde sua vontade ou opinião não interessa, não se ouve, é como se a mulher não pudesse questionar sua condição, as determinações patriarcais são impostas, transmitidas, ensinadas, em toda a sua história de vida.

Ao visitar as residências das estudantes, à primeira vista, parece que tudo está harmonioso e tranquilo, tudo organizado na família, mas quando instigamos uma conversa, as mulheres externam coisas que normalmente não são ditas: *“aqui ninguém conversa sobre essas coisas, a vida anda conforme o vento sopra e o marido manda, é bom falar, ouvir e ser*

³² Ditado popular que significa ir embora, deixar um lugar.

escutada, às vezes acho que mesmo depois do homem saber todos os cantos do mundo, eu pareço tá isolada de tudo” (Alzira, outubro de 2013).

O depoimento de Alzira apresenta uma conjuntura de isolamento na comunidade em que reside, quando me refiro a isolamento, não estou apenas tratando da esfera territorial (distância/lonjura), mesmo sabendo que essa comunidade fica distante da sede do distrito, o que li nas lacunas de sua entrevista, é que o refletir destas mulheres caracteriza um silêncio com algo que lhes afasta das relações sociais, dos espaços coletivos, da convivência com seus pares. A invisibilidade que observei na entrevista de Alzira também foi constatada nas entrevistas de outras mulheres. Senti como se as mesmas estivessem todo o tempo justificando a sua condição de mulher, atrelando fatos cotidianos frente aos homens e a sua maneira particular de viver.

Ao problematizar as diferenças de gênero que ocorrem nas áreas rurais do distrito de Maria Quitéria, percebi que a situação social, econômica e cultural das famílias influencia de maneira determinante na posição que a mulher vai ocupar na família e na sociedade.

Em muitos momentos neste trabalho, ao voltar do campo, com a cabeça repleta de palavras, frases e realidades às quais tinha vislumbrado, me pegava fazendo perguntas e buscando respostas para os cenários e histórias que tinha acabado de vivenciar. Assim, ao pensar “gênero” como uma categoria que busca a igualdade entre os sexos, numa perspectiva de mudança de valores, modos de vida e percepção do homem frente à mulher e da mulher frente a si mesma, elaborei algumas questões para direcionar minha busca por respostas, como pensar uma mudança de percepção, de valores e modos de vida quando não se tem oportunidade de convivência com outras realidades? Quais as fontes de informação que essas mulheres têm para conjuntamente refletir sua vida? Como pensar igualdade entre os sexos em situações de abandono e invisibilidade? Quais as chances de superação da opressão diante de situações de extrema desigualdade social? Como a escola e o processo de escolarização podem contribuir para a tomada de consciência das mulheres?

Todas essas questões apresentam elementos que estão arraigados na história de formação da nação brasileira e da nossa sociedade. Se analisarmos os entrelaçamentos constituição das relações políticas, do domínio do poder e da riqueza deste país, perceberemos que a forma como fomos colonizados, os meios tortuosos de construção da estrutura da sociedade, os privilégios concedidos às elites burguesas, atrelado ao tratamento ofertado à classe trabalhadora, nos permite compreender as imensas desigualdades que presenciamos todos os dias. Assim, para compreender a complexidade da sociedade e da educação pública

no meio rural brasileiro é necessário veicular a trajetória histórica aos fatos e processos de formação social e política do Brasil (LOUZADA, 2008, p. 2). Perceber as histórias de vida a partir desta moldura socialmente construída, nos possibilita enxergar a complexidade do debate.

Ao pensar na condição das mulheres do rural e nos processos de escolarização empreendidos pelas mesmas, devemos refletir os caminhos e descaminhos da história de lutas por direitos, buscando entender que, as mulheres, assim como outros representantes de segmentos sociais, buscaram conquistar suas demandas. Entretanto, observamos que a garantia de direitos às mulheres se perderam dentro dos interesses efetivos do poder público, foram deixadas ao esquecimento e à invisibilidade.

A realidade das mulheres entrevistadas nesta pesquisa demonstra que as mesmas possuem consciência da situação de negligenciamentodas políticas públicas de assistência, ao mesmo tempo, dizem não saber mais como ou a quem cobrar, relatam que algumas reivindicações das comunidades foram feitas ao sindicato de trabalhadores rurais, à prefeitura e ao governo do Estado, mas nunca foram atendidas. Podemos observar isso na narrativa de Laura ao trazer lembranças de sua infância:

“aqui sempre foi assim, minha bisavó contava que passava mais de três meses sem ver ninguém, nem um vaqueiro, nem um vendedor de nada, nem alguém da prefeitura, nem um socorro para um doente, nada... era isolado demais, não tinha quase nenhum vizinho. Arrumar um trabalho era difícil demais. Ela dizia que se apegava com as graças de Deus para criar os filhos. Hoje aqui já tem gente, mas a situação continua a mesma, tudo é longe, a escola, o posto de saúde, a igreja, ou seja, tem mais gente morando aqui, os pedaços de terra foram ocupados, mas ninguém enxerga a gente” (Laura, trabalho de campo, setembro de 2013).

Laura apresenta fatos da sua história de vida que lhe deixaram marcas e lembranças muito fortes, ao mesmo tempo consegue estabelecer reflexões sobre as nuances do seu lugar. Laura foi criada ouvindo os mais velhos, tirando assim suas impressões e conclusões sobre a situação da sua comunidade. Dentre os muitos assuntos que foram aflorando na entrevista com Laura, algo me chamou atenção, pois essa estudante possui uma forma peculiar de perceber a realidade a sua volta, mesmo não tendo muitos anos de escolarização, ela consegue ler seu entorno, apresentando história e fatos numa linha de tempo cronológica que impressiona, ao mesmo tempo em que faz seu relato, aponta dilemas, impasses, dificuldades, sugere possíveis soluções e cobra dos poderes instituídos soluções para a sua comunidade,

as suas reivindicações são apresentadas de maneira coletiva aos poderes constituídos através abaixo-assinado, ofícios, solicitações que se materializam na coletividade representada pela associação de moradores da sua comunidade, pelo sindicato dos trabalhadores rurais e até pela agente de saúde responsável pela área onde reside. Em seu discurso ela afirma:

“Olha, nem todo mundo nesse mundo tem oportunidade de estudar, eu sou uma dessas pessoas, ainda mais num lugar tão isolado mesmo nos dias de hoje. Nasci aqui e passei a minha vida toda tentando sobreviver, não tive como estudar minha mãe não teve chance, o que ela podia fazer, ela fez. Agora... mesmo não estudando, mesmo ficando arrasada em não poder frequentar a escola, não parei num mundo escuro, sempre tive em mente que morar na roça não é ser burra, eu não sou burra. Desde que comecei ir para a escola tento recuperar o tempo perdido, penso quase todos os dias sobre isso, sou mulher, mãe e alguém que tem esperança de dias melhores”
(Trabalho de campo, outubro de 2013)

O discurso de Laura chama atenção pela lucidez com que olha sua vida e os desafios que enfrenta na sua realidade do rural. Enquanto mulher do rural Laura ainda deixa claro que o fato de ser mulher, morar na roça e conviver com condições inadequadas não a torna mais fraca, não lhe tira o desejo de sonhar, de nutrir esperanças de mudança, crendo que dias melhores e felizes estão por vir.

É dentro desta perspectiva que no próximo momento deste texto vamos adentrar no universo de educação de jovens e adultos das mulheres do distrito de Maria Quitéria.

3.3 A EJA na vida das mulheres de Maria Quitéria

“Minha mãe sempre dizia: o mundo é de quem sabe ler, escrever e fazer contas, todo tipo de contas. Quem não vai a escola aprende também, mas não é muito não, sabe aquele pouco pra viver, pra sair de determinadas realidades é preciso ir mais adiante, é bom terminar todo o caminho que a escola pode oferecer” (Santina, setembro de 2013).

Trazer as questões da escolarização de pessoas jovens e adultas para o campo do debate acadêmico é um grande desafio, principalmente quando tratamos das mulheres do

rural. Inicialmente, esse desafio está posto devido ao histórico descaso das políticas educacionais com as classes populares ao longo do tempo neste país.

As demandas da EJA no Brasil acompanham a história da educação como um todo, que por sua vez está atrelada à história dos modelos econômicos e políticos e, conseqüentemente, a história das relações de poder, dos grupos que exerceram e ainda exercem o poder político e econômico neste país.

Nessa perspectiva, outro fator importante são as condições impostas pela agenda pública para “sanar” o problema dos adultos que não concluíram seus processos de escolarização. Ao nos referirmos à classe feminina em espaços rurais a situação é ainda mais desafiadora.

Para Carvalho (1998, p. 14 – 15),

a educação vai aumentar significativamente a percepção dos direitos civis e políticos, aguça o senso crítico dos cidadãos, incrementa a disposição das pessoas de se organizarem para a ação coletiva, acresce o grau de envolvimento político, melhora a qualidade do voto. A médio prazo, não pode haver melhor política de promoção da cidadania do que um forte investimento na educação em todos os seus níveis.

Como vivemos numa sociedade considerada civilizada, as pessoas necessitam dominar os códigos letrados, pois estes vão determinar sua atuação e desempenho na busca pela garantia e exercício de direitos.

Sendo a educação uma ponte importante para a emancipação dos indivíduos na sociedade, esta deveria ser uma prioridade do Estado. No entanto, o que pode ser constatado no Brasil é um histórico de descaso com a educação para o povo, sendo esta tratada de maneira secundária pelas diversas classes políticas que já estiveram no poder (HADDAD, DI PIERRO, 2000).

Os diversos governos que passaram pelo poder no Brasil, não deram a atenção necessária para a educação das pessoas das áreas rurais. Séculos de abandono e invisibilidade proporcionaram um grande contingente de pessoas que não tiveram oportunidades de frequentar uma escola que atendesse às especificidades próprias do rural. As escolas, por muito tempo, ficaram invisíveis, deixadas ao acaso, sem investimentos, sem proposta pedagógica específica, sem um corpo de professores com formação adequada à educação rural, ou seja, sem importância dentro da agenda dos governos.

Para Baptista (2003, p. 20-21),

a educação rural nunca foi alvo de interesse dos governantes, ficando sempre relegada ao segundo ou terceiro plano, “apêndice” da educação urbana. Foi e é uma educação que se limita à transmissão dos conhecimentos já elaborados e levados aos alunos da zona rural com a mesma metodologia usada nas escolas da cidade.

A falta de interesse dos governos para com a educação rural criou um ciclo vicioso em estabelecer programas e projetos que tinham data marcada para começar e terminar, não havia vontade política em estabelecer ações educacionais estruturantes para as pessoas do rural. Essa situação, atrelada à concentração de terras nas mãos dos latifundiários deu origem a uma grande massa de homens e mulheres desprovidos de oportunidades de estudo, trabalho e renda.

A partir da década de 1930, o governo implementa algumas ações para atender às pessoas em distorção idade/série. Essa iniciativa vem para dar resposta às constantes insatisfações da população que reivindicava educação e trabalho na época. As ações organizadas pelo governo tinham como objetivo proporcionar melhores oportunidades de qualificação para o trabalho nas indústrias, como também buscar melhores indicadores educacionais para o país que buscava o desenvolvimento. Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p. 111),

a extensão das oportunidades educacionais por parte do Estado a um conjunto cada vez maior da população servia como mecanismo de acomodação de tensões que cresciam entre as classes sociais nos meios urbanos nacionais. Atendia também ao fim de prover qualificações mínimas à força de trabalho para o bom desempenho dos projetos nacionais proposto pelo governo federal. [...] agora a educação de adultos passava a ser condição necessária para que o Brasil se realizasse como nação desenvolvida.

Foi somente em 1940 que a educação de adultos veio a se firmar como um problema de política pública (HADDAD E DI PIERRO, 2000). A partir do final da década 1940, a EJA surge como uma extensão da escola regular, buscando atender as distorções idade/série de milhares de brasileiros e brasileiras, principalmente daqueles que residiam na zona rural. A intenção era “capacitar” trabalhadores para a indústria que necessitava de mão de obra (PAIVA, 1973).

Para Romanzini (2011, p. 6),

o fato de existir políticas e iniciativas ao longo da história que visam à complementação da formação escolar para jovens e adultos implica que o universo da educação no Brasil é excludente. Noutras palavras, as classes menos favorecidas, basicamente trabalhadores de baixa renda, juntamente com etnias pardas, negras e mestiças em geral, estão excluídas de uma *práxis* verdadeiramente educativa e de consciência transformadora.

Esse contexto apresentado pelos autores reafirma a condição em que foi colocada a Educação de Jovens e Adultos desde a sua gestação, a EJA precisava acalmar os ânimos da população, necessitava atender às demandas da indústria e desenvolver o país.

Podemos afirmar que a educação da massa trabalhadora brasileira ainda não se constitui uma prioridade para os governos, mesmo depois de décadas de “políticas” educacionais fracassadas e sem eficiência, a EJA é pensada para, de certa maneira, sanar o enorme *déficit* de pessoas com atraso escolar e/ou distorção idade/série.

Infelizmente, a EJA não é pensada como uma política pública efetiva, contínua e permanente. Essa modalidade educacional ainda é considerada como algo de menor importância no sistema educativo brasileiro. A EJA precisa trabalhar conhecimentos e saberes para as diversas fases da vida, conhecimentos estes que possibilitem uma formação capaz de viabilizar uma efetiva participação cidadã na sociedade.

Para Silva (2011), apesar dos avanços da EJA no campo político atual, é necessário pensar as políticas que instituem essa modalidade educacional como lógica de intervenção permanente. Para este autor, “a demanda dessa modalidade de educação já mostrou que a escola não deve ser simplesmente um espaço alfabetizador, mas, sobretudo, um espaço de construção coletiva de saberes que se pautem na troca e no respeito ao conhecimento de mundo que seus atores já trazem consigo” (p. 365)

Dessa maneira, pensar a EJA é lutar pela construção de uma política pública efetiva, a qual seja contínua e flexível, uma educação que proporcione condições concretas para o livre exercício da cidadania, seja em espaços rurais ou urbanos.

O progressivo aumento das matrículas na EJA na última década³³ tem consolidado essa modalidade de ensino na educação formal, e desencadeado a necessidade de ações reflexivas de acompanhamento, avaliação e reavaliação das especificidades e circunstâncias

³³ Segundo o INEP, as matrículas na EJA na última década teve um aumento de 16,5%, e a perspectiva para os próximos anos é de um aumento progressivo dessa demanda, Só na Bahia foram 44.3140. <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>, acesso em 10 de abril de 2014.

de sua execução em todo o país. Na Bahia, segundo o INEP (Censo 2013), foram matriculados na EJA 424.048 alunos. Em Feira de Santana foram 22.275 matrículas nesta modalidade.

Apesar do contínuo aumento nas matrículas na EJA, não se observa uma mudança de perspectiva pedagógica que possibilite uma educação emancipatória para os alunos jovens e adultos. O que, infelizmente, ainda chega às escolas que trabalham com essa modalidade são propostas de cunho compensatório, descontinuas e com prazo para acabar. A EJA necessita de um viés educacional que se estabeleça a partir de uma proposta específica para esses adultos, com proposições curriculares e formação de professores que possam atender às especificidades desse contingente de alunos em defasagem idade/série.

Segundo Alves (2006, p. 52), várias são as razões destas pessoas para o retorno aos estudos:

os motivos que levaram os jovens e adultos trabalhadores e trabalhadoras a buscarem cursos de elevação de escolaridade referem-se às suas expectativas de conseguir um emprego melhor, entender melhor as coisas, expressar-se melhor, de ser gente e não depender dos outros, logo, viver dignamente.

Para além da busca da certificação, os trabalhadores visam se apropriar dos saberes escolares, na expectativa de reconhecimento social, bem como a afirmação de sua autoestima, e de sentir-se incluído na sociedade (ALVES, 2006).

Nessa direção, ao pesquisar as mulheres estudantes da EJA no ensino fundamental II do distrito de Maria Quitéria, tais questões estruturais da educação brasileira, voltam à berlinda, pois ao dialogar com as mulheres estudantes pude compartilhar depoimentos que ratificam toda a história educacional das mesmas. A narrativa de Laura elenca essas questões:

“A gente quando é pequena é obrigada a abandonar a escola pra sobreviver, perde o tempo certo de estudar, quando fica muito tempo sem ir na escola, parece que a cabeça amolece, quando volta já adulta, mais velha, as dificuldades de entender as coisas são maiores. Uma outra dificuldade é também a escola, muitas vezes quis estudar aqui perto de casa, pois pra ir pra longe era difícil, mas a escola abria, passava dois, três meses e depois fechava, ninguém sabia o motivo. Muitas vezes a gente quer estudar, mas a vida tira a oportunidade, o que fazer com tanta coisa difícil pra continuar estudando? É muito complicado viu... os governos parece que não dão importância pra que a gente da roça estude não, eles não ligam, a escola quando abre as portas, não funciona direito, falta as coisas, falta o professor, os livros, os matérias, não tem um prédio bom, é em lugar improvisado, é assim... Lá no Distrito, agora, tá funcionando direitinho, tou

mim esforçando pra terminar meus estudos lá, mas não é fácil não viu”
(trabalho de campo, outubro de 2013).

A realidade da EJA no rural brasileiro e o relato de estudante Laura demonstram camadas de desigualdades construídas e desenhadas de forma piramidal. Classe trabalhadora, adultos em distorção idade/série, na zona rural, mulheres... Acredito que o enfrentamento destas questões perpassa um maior empenho dos governos, das políticas públicas educacionais, das instituições e, principalmente, a cobrança permanente da sociedade por uma educação de qualidade para todos. Santana, estudante da EJA de Maria Quitéria ao falar de lutas por escola em seu local de moradia relata:

“Aqui na minha comunidade já fizemos de um tudo pra ter uma escola de adulto funcionando, já elaboramos abaixo assinado, já entramos com pedidos na câmara de vereadores, já tentamos pela associação de trabalhadores rurais, já tivemos encontro com o prefeito e só o que conseguimos foi promessa. Um dia diz que precisa construir um prédio e que a prefeitura não pode, outro dia diz que é o governo federal, outra desculpa é o transporte dos professores, ou seja, tudo é desculpa pra não fazer valer nosso direito e nossa necessidade. Mas a gente não desiste não, se não tem perto de casa, vamos até o distrito, o que não pode é ficar sem estudar” (Trabalho de campo, outubro de 2013).

O depoimento de Santana é claro quanto à sua percepção da falta de atenção dada pelas autoridades públicas às escolas do rural. Esse relato, infelizmente, não é um fato isolado que ocorre em Feira de Santana ou no Estado da Bahia, ao contrário, mas parece ser uma característica do universo da educação para jovens e adultos no país.

Diante dessas questões, é necessário que a EJA em espaços rurais permaneça dentro do ciclo de debates da educação nacional. Para isso é importante que a sociedade civil e os movimentos sociais continuem melhorando e elaborando propostas que façam valer os direitos conquistados, pois as disputas hegemônicas ainda permanecem vivas, muitos interesses estão em jogo quando se trata da emancipação do trabalhador, sobretudo dos trabalhadores do rural. Outro fato que não podemos perder de vista neste debate está relacionado às disputas pela posse da terra, a questão agrária ainda permanece como o pano de fundo da negação de direitos, dos processos de invisibilidades e do abandono das políticas públicas aos povos do rural. A luta pela reforma agrária, pelo direito fundamental a educação e pela garantia da qualidade de vida dos povos do rural é o investimento a ser feito na

educação rural em tempos de uma educação do campo digna e emancipadora para todos e todas.

4. Conhecendo as mulheres, suas vozes, seus sonhos...

“O homem carrega a sua luz dentro de si, e também a sua noite. Nasceu para compreender as coisas. É por isso que a razão multiplica nele as interrogações. Esta curiosidade é mais do que um querer-saber. É um querer-compreender. Pois recusa submeter-se ao decreto dos fatos pesados e esmagadores. Interroga o mundo porque quer transformá-lo. Interroga os outros porque se propõe penetrar no mistério deles, a fim de ajudá-los a viver. Interroga-se a si mesmo porque tem que viver a existência que recebeu e tecê-la segundo a sua própria arte”.

(Charbonneau, apud. Brandão, 2003, p.9).

Este trabalho nasceu da necessidade que eu tinha de buscar algumas respostas para questões que trago comigo desde a infância. É verdade que as coisas em família, na escola, na comunidade, na sociedade e no mundo nem sempre caminham de acordo com o desejo das pessoas, pois o mundo é resultado da convergência de forças estruturais que envolvem a roda da vida. Assim, pensar em perguntas nos remete à espera das respostas, mesmo que estas não sejam completamente compreendidas e/ou resolvidas de imediato.

Buscar luz, traduzir o brilho, entender as cores na complexidade de suas multiplicidades é, também, produzir respostas para uma pesquisa científica. Neste trabalho, trago comigo as diversas cores que formam as mulheres do rural de Maria Quitéria, cores estas que representam um arco-íris de inícios, meios, fins. Chegadas, esperas, partidas, idas, voltas e saudades... Nesse trabalho os percursos teóricos e práticos que engendraram minha caminhada resultaram em momentos de troca de conhecimentos, construção de saberes, lembranças, alegrias, olhares às vezes bem próximos, ou quiçá bem vazios e distantes... pausas, lágrimas, descontração e risos.

Vemos e vivemos em uma sociedade que fala mais do que ouve, faz, manda, determina, constrói. Habitamos a rapidez impetuosa da modernidade, falamos muito,

escutamos quase nada. O ato de escutar é um exercício de aprendizagem, a escuta atenta internaliza vozes que são comparadas com as vozes já construídas em nós.

As colaboradoras dessa pesquisa foram chamadas a falar, colocar para fora palavras escondidas como tesouros, que resistiam em aparecer nas memórias, que estavam jogadas ao esquecimento. Muitas vezes parecia que as mulheres ignoravam algumas memórias como algo que não deveria ser buscado. Como pesquisadora, me encontrei no difícil dilema de respeitar a fonte que não quer se abrir, mas que de repente expressava mais do que eu esperava.

“Não gosto de falar de minha vida. Minha vida é sem graça, é igual a pé de feijão quando seca, secou, cabou, morreu, ninguém liga, ninguém vê. Quem é que vê nós aqui? Quem quer saber o que sinto, de onde venho, o que faço, gosto, desejo? Até quando estou na escola tenho a impressão que ninguém vê que tô ali. Tô, mas não tô. As dificuldades da vida me fez assim, moro na roça, tenho a vida que não pedi a Deus. Quase não saio daqui, de noite vou na escola, lá, apesar de não falar nada, fico escutando, escuto tudo, sei o que os colegas falam, as vezes até me divirto, dou risada, sei o que o professor fala das matérias, escuto tudo. De que adianta só escutar?! Eu queria falar, passei a minha vida toda sem poder dizer o que gosto, o que vejo, o que sinto dentro de mim [...], agora que tô na escola é que tô me soltando mais, aqui agente não acha ninguém pra conversar” (Dira, trabalho de campo, agosto de 2013).

A escuta das falas das mulheres neste trabalho possibilitou um processo de socialização e reflexão tanto para mim, enquanto pesquisadora, como para as mulheres colaboradoras, pois ao falar tenho a oportunidade de ensinar algo, ao escutar, aprendo. Nessa jornada, escutei mais do que falei, minhas falas eram curtas, estava desejosa em ouvir. Assim, o chegar com jeito, uma frase engraçada, um toque no ombro, uma pergunta, tinha como resposta um sorriso positivo e tímido, um olhar envergonhado, um passo à frente, como se dissesse “eu não, não mexe comigo”. Ao mesmo tempo era perceptível como ficaram felizes por ter alguém demonstrando interesse em suas vidas.

Nessa caminhada, buscar as palavras, os ditos, os não-ditos, as vozes, as histórias é adentrarem mundos desconhecidos, mas repletos de vida, caminhadas e experiências. As trajetórias que as mulheres estudantes do distrito de Maria Quitéria contam são a própria equivalência da vida, numa socioconstrução que está em constante movimento, percorrendo momentos de idas e vindas, de busca e realizações, de desejos e faltas, de querer e poder, de sonhos e realidades.

É nesse processo fecundo de observação, escuta e interpretação que pude conhecer e traçar o perfil das mulheres do rural e estudantes da escola JTC. Nessa caminhada, procurei entender quem são essas mulheres que voltam à escola no turno da noite para buscar aprendizado e conclusão de seus processos de escolarização.

Um primeiro traço a ser deixado bem evidente na configuração do perfil está relacionado às suas histórias de superação, força, esforço, vigor e confiança no desejo de dias melhores na escola, com o bom desenvolvimento nos estudos e nos outros espaços onde as mesmas atuam.

As mulheres que estudam à noite e buscam superação às situações de diversas ordens, são as mesmas que, sem temor, marcam com palavras e semblantes seus dilemas, suas andanças e suas necessidades, sejam elas materiais ou imateriais. São essas mulheres que, dia-a-dia constroem suas estratégias de sobrevivência, lazer e trabalho, são elas que dentro do processo de formação escolar ganham confiança para falar, ouvir, se apresentar e participar da vida social que a rodeia, seja dentro da própria família, na escola, na comunidade ou em outros espaços de socialização.

Dentre as questões elencadas no questionário do perfil, foi perguntado: Qual a sua idade? Das cinquenta estudantes, trinta e seis têm entre dezoito e vinte e cinco anos e quatorze possuem mais de vinte e cinco.

A idade é um traço importante na EJA, pois as estudantes, por algum motivo interromperam sua história de escolarização, retornando posteriormente em momento mais oportuno e com melhores condições de permanência. O resultado da faixa etária das mulheres demonstra um grupo com certa maturidade, muitas delas apresentam uma história de vida tão intensa que não condiz com a idade que relatam.

A maioria das mulheres abandonou a escola no início do processo de escolarização e somente agora estão, aos poucos, retornando. Esse retorno pode levar um ou vinte anos, no entanto, independente do período em que ficaram fora do espaço escolar, ao chegar a EJA precisam garantir as condições mínimas de formação e qualificação, preceitos básicos para sua atuação cidadã na sociedade.

Nesse processo, a escola precisa oferecer as condições de aprendizagem que atendam às especificidades das estudantes, atualizando seus conhecimentos, abrindo espaços para a participação, ressignificação e ampliação das suas experiências socioculturais.

Para Oliveira e Melo (2001), a EJA é destinada a pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada ou que tiveram de forma insuficiente,

não tendo conseguido obter os conhecimentos básicos necessários para que as mesmas sintam-se inseridas na sociedade. A EJA vem se constituindo como uma oportunidade de melhoria das condições de vida e de superação da exclusão (HADDAD, 1992).

Dentre as questões do questionário, foi perguntado às mulheres sobre o estado civil das mesmas, no contingente das cinquenta entrevistas, vinte e duas declararam-se casadas, vinte e cinco solteiras e três são viúvas.

A partir dos dados do perfil e das entrevistas realizadas, a maioria das alunas começaram um relacionamento conjugal muito cedo, aos treze anos de idade já tinham um relacionamento fixo com seus companheiros, essa situação, segundo as próprias mulheres deu origem a vários problemas, pois logo vinham os filhos e junto com eles as responsabilidades.

Outra informação interessante está relacionada ao estado civil. Muitas mulheres se declaram solteiras, mesmo convivendo com um companheiro há muitos anos, na maioria das comunidades do rural do distrito de Maria Quitéria, apesar da convivência com um parceiro, as mulheres não dizem ser casadas. Segundo elas, casamento, o estar casada, é quando tudo é realizado e sacramentado diante da justiça, com papéis assinados e reconhecidos pela lei brasileira. A respeito dessa pauta Santina declara:

“Eu sou solteira, tem um convívio com uma pessoa, mas não posso dizer que sou casada, pois não assinei nenhum papel. Casada é quem se apresentou na frente da autoridade (juiz de direito) e assinou o compromisso, eu não fiz isso, me juntei com uma pessoa, não me considero casada, e aqui é costume, se vou tirar o bolsa família, mim escrever pra ganhar uma casa, num programa do governo digo sempre que sou solteira, como vou dizer que sou casada se não tenho nenhum papel na mão? Sou solteira, quem sabe um dia não acerte tudo no papel, mas enquanto isso não ocorrer eu sou solteira, mesmo convivendo com alguém” (Santina, trabalho de campo, setembro de 2013).

Na maioria das entrevistas, essa forma de entender o estado civil é comum. Moram junto, na mesma casa, convivem com o companheiro, têm filhos, trabalham em comum, mas para elas o casamento em si é somente com a assinatura de papéis. *“Desse jeito a arrumação é melhor, no dia que não der mais certo, cada um toma seu rumo e não tem maiores problemas” (Laura).*

Com relação à religião, trinta e cinco mulheres declaram-se católicas, mas não praticantes, pois não frequentam a igreja periodicamente e justificam essa postura devido à

distância das suas residências até a Igreja, que fica localizada na sede do Distrito de Maria Quitéria. Outras nove mulheres dizem ser evangélicas e seis não seguem nenhuma religião.

Com relação à religião Laura declara: *“É difícil ir à missa, final de semana não tem carro de linha e é muito longe para ir a pé, aqui não tem nenhuma capela pra gente frequentar, eu até fico com vontade, mas devido à distância e a falta de transporte quase nunca dá certo de eu ir”*.

Outra questão foi relacionada à cor da pele, ou seja, como as mulheres se declaram com relação à sua raça. Neste quesito, quarenta e sete mulheres se declararam negras ou pardas e três brancas.

Nesse quesito da entrevista, muitas mulheres ao lerem a questão vinham perguntar: *“Pró, aqui eu vou dizer a cor real da minha pele não é? Porque eu sou preta mesmo, olha aí, eu sou negra!”* Sendo surpreendida pela pergunta não sabia o que responder, mas não deixava a pergunta sem resposta, e dizia: *“O ideal é que você declare como você se vê, como se sente. É como negra, parda, branca ou outra opção, como você se reconhece?”* Elas olhavam com uma expressão firme para mim e voltavam a responder o questionário.

Esse momento me provocou uma reflexão acerca da firmeza com a qual as estudantes tiveram na declaração da sua raça e/ou cor, todas falavam com convicção da sua cor, afirmando suas convicções raciais de maneira sensata e segura. Dira, vinte e nove anos, uma das estudantes que respondeu o questionário, ao conversar sobre essa questão com uma colega que estava do lado dela, afirmou:

“Ôxe mulher, tu coloca a cor que tu quiser. Hoje a gente é quem diz de que cor nós somos, eu posso ser assim ô (mostrando a pele do braço) e dizer que sou parda, ou branca, ou índia, sei lá...mas eu sou mesmo é negra! Já se foi o tempo que a gente tinha vergonha de dizer a nossa cor, nossa raça. Nós aqui em Maria Quitéria somos todos quase negros mesmo, minha mãe, meu avô e meus filhos e lá na tua casa também, ou tem algum branco lá? Deixa de besteira, a gente nasce da cor que Deus determina e nem por isso sou melhor ou pior que ninguém, só preciso viver minha vida e saber o que é certo ou errado” (Trabalho de campo, outubro de 2013)

Esse momento do trabalho me fez pensar na história de discriminação ocorrida com os negros desse país, e como essas marcas ainda permanecem no imaginário das pessoas, no entanto a cena que presenciei na aplicação do questionário e que relatei anteriormente demonstra que estamos caminhando para uma mudança de postura em relação a essa questão, e como as pessoas, mesmo aquelas que não tiveram oportunidades de avançar em seus níveis de escolaridade ou sociabilidades já estão tomando consciência de sua condição enquanto

seres de capacidades, direitos e obrigações dentro da sociedade, e que nessa postura mais consciente independem da sua cor ou raça.

É fato que a escola e o processo de escolarização não resolvem individualmente todas as demandas necessárias para a boa e plena convivência em sociedade, no entanto defendo neste trabalho que, a instituição escola permanece ainda muito respeitada e é uma necessidade para a classe trabalhadora, pois é a partir do processo de escolarização que as pessoas mais carentes conquistam o direito à educação, dilatam as oportunidades e assim vão reduzindo as disparidades sociais e étnico-raciais construídas historicamente na sociedade brasileira.

Com relação à maternidade, trinta e seis das mulheres entrevistadas já têm filhos e quatorze ainda não adentraram na maternidade, das que já tiveram filhos 88% engravidaram com idade inferior a dezoito anos. A maioria das mulheres assume que a maternidade precoce é algo natural nas comunidades. As mulheres afirmam que começaram a vida sexual muito cedo e relacionam essa precocidade da maternidade às condições de vida, a falta de informação, falta de experiência e maturidade.

“Aqui na roça não tem muita opção do que fazer, quando a gente fica adolescente, o namoro, a possibilidade de viver outra experiência que não a de casa, a vontade de mudar e melhorar de vida, passar por outras experiências faz a gente arrumar um companheiro. Nem sempre dá certo o convívio, mas pra sair da vida que a gente leva, tentamos. Homem e mulher vivendo junto não dá outra coisa senão gravidez, filho e mais responsabilidade né? Estou segurando, por enquanto só tenho um, mas tem comande aí que já tem é cinco”. (Alzira, trabalho de campo, setembro de 2013).

A gravidez na adolescência é uma realidade no Estado da Bahia e no Brasil. De acordo com reportagem do Jornal Tribuna da Bahia publicada em 23/01/2013, a Bahia realizou mais de quarenta mil partos em adolescentes entre dez e dezenove anos em 2012. Na mesma reportagem, a psicóloga e professora da Universidade Federal da Bahia, Juliana Prates Santana salienta que a gravidez na adolescência embora inoportuna, nem sempre é indesejada, para a psicóloga, um dos fatores que contribuem para a gravidez na adolescência é a falta de informações qualificadas e a dificuldade de diálogos com pais e professores.

Para as mulheres das comunidades pesquisadas, a gravidez antes dos dezoito anos é algo bastante presente e comum. Nas muitas residências que visitei durante o trabalho de campo, a maioria das mulheres já possuíam filhos. Muitas relatam que a gravidez atrapalha a vida em tudo, pois com o nascimento dos filhos fica muito mais difícil para elas poder

trabalhar, estudar, cuidar das crianças, da casa e de todas as atividades que ficam a seu cargo na família.

A esse respeito Laura declara:

“Eu não queria ter tido filho tão cedo, mas quando se arruma família é assim, a gravidez vem logo, poderia ter esperado mais, depois que se tem um filho, vem os outros, já tenho três, hoje não penso em ter mais. Passei e ainda passo por maus bocados para criar eles e dá conta de tudo que tenho nas costas. É muita coisa na cabeça de um ser humano só. Se é pra ir trabalhar ou estudar tem que deixar os meninos nas portas dos outros, eu só pegava eles depois das 10 da noite quando chegava da escola. Foi e ainda é muito difícil, difícil mesmo” (Trabalho de campo, outubro de 2013).

Laura apresenta em sua fala a realidade vivenciada na sua vida. São muitas as responsabilidades que ela assume no lar. Algo que desejo pontuar foi que Laura, em nenhum momento, falou na divisão das atividades domésticas com o esposo, esse parece ser um tabu na família, o entendimento na casa de Laura parece estar imbricado na cultural machista de que todo o serviço doméstico é obrigação da mulher, os homens não podem ou não devem fazer. Para Santos (2003), a feminização do trabalho doméstico não implica na reconfiguração e redistribuição igualitária das tarefas domésticas entre os sexos, mas, ao contrário, reforça a divisão sexual do trabalho.

O serviço doméstico é mais uma das obrigações que a mulher “moderna” tem acumulado, seja em áreas urbanas, onde o acúmulo de atividades é mais acentuado ou nas áreas rurais. A cultura ainda predominante é que serviço doméstico é de inteira responsabilidade da mulher, aos homens cabem outras atividades que não o trabalho doméstico.

Acompanhando a dinâmica de emancipação da mulher, a qual se manifesta em escala global e local, a mulher tem construído ao longo das últimas décadas outras formas de viver e se comportar. Dessa forma, a mulher na atualidade é dinâmica, estuda, trabalha, é mãe, esposa, companheira, conselheira e outras tantas funções que surgem em suas convivências na família, na comunidade e na sociedade como um todo. No entanto, sabemos que as relações que são desenvolvidas na coletividade obedecem a uma lógica ainda muito hierarquizada, esse fato associado a outros padrões de comportamentos já fincados no meio social produz e reproduz as desigualdades que presenciamos na sociedade moderna.

Ainda dentro das questões abordadas na construção do perfil, o tema trabalho foi o que mais trouxe problematização. Segundo Gonçalves (2012, p. 29), o trabalho

é uma atividade essencial para o ser humano. No entanto, o trabalho, na sociedade atual, caracteriza-se por contradições produzidas pelas desigualdades sociais, e a possibilidade de construir uma nova forma de organização que se pautem na solidariedade.

É bem presente nos depoimentos e nas respostas das mulheres a palavra trabalho. As colaboradoras desta pesquisa consideram que existem cinco fatores muito relevantes quando se fala em trabalho. O primeiro está ligado às oportunidades no mercado que elas alegam não encontrar; o segundo está atrelado a questões sobre as condições do trabalho, a carga horária, os tipos de atividades que elas desenvolvem e aos direitos trabalhistas ainda não totalmente assegurados ou negligenciados; o terceiro está pautado na remuneração que ganham pelo trabalho desenvolvido, pois para elas os valores pagos são extremamente baixos; o quarto fator se apresenta na associação da conquista da vaga e das dificuldades de se manter trabalhando, pois a maioria delas está em processo de escolarização e, segundo elas, a falta do ensino médio completo é um grande empecilho para a entrada e permanência no mercado de trabalho; o quinto elemento fica direcionado às dificuldades que elas enfrentam, enquanto mulher em uma sociedade eminentemente masculina, para dá conta de tantas atividades dentro e fora do lar.

Para as mulheres estudantes desta pesquisa o trabalho remunerado é algo muito importante, pois proporciona independência, contribui com as despesas da família, oportuniza aprendizado, aumenta a autoestima, socializa. No entanto, ao mesmo tempo, elas precisam contornar outras tantas situações que enfrentam no dia-a-dia das suas vidas, pois precisam ser estudantes, trabalhadoras, esposas, mães, entre outras funções que desenvolvem no seu dia-a-dia.

As mulheres participantes da pesquisa declararam que a escola abre oportunidades, pois é neste espaço que as mesmas podem melhorar sua condição de escolaridade e, dessa forma, ampliar conhecimentos, superar vários obstáculos na busca de vagas no mercado de trabalho.

Ao falar de trabalho, quase todas as mulheres relatam a intenção de trabalhar e melhorar a renda da família, para isso, precisam se inserir no mercado, segundo elas, e para que isso ocorra é necessário uma maior e melhor formação escolar.

Sobre esse assunto Alzira declara:

“Porque estou me sacrificando para ir à escola todos os dias? Porque preciso aprender mais. Como fiquei muito tempo sem estudar perdi muito assunto, perdi muita leitura, muita conta de matemática, a gente precisa ler e entender o que lê. A escola além de ensinar as disciplinas, ainda deixa a gente mais sabida pra falar com outras pessoas, em lugares que tem muita gente, aos poucos vamos perdendo a vergonha de dizer as coisas, tá entendendo pró? Tenho colega que não arruma emprego porque não consegue preencher a ficha, faz tudo errado, rasga o papel várias vezes preenchendo os dados errados. Eu hoje tô fazendo um bico de manicure, mas isso aqui não dá para pagar minhas despesas, cuidar direitinho do meu filho, preciso arrumar um emprego certo, com carteira assinada, com salário certo todo mês, vale transporte, décimo, férias e tudo. Mas para isso tenho que concluir direitinho meu segundo grau. Hoje tenho uma coisa na minha mente, ou você estuda ou a vida, quase sempre, anda pra trás, ainda mais nas famílias de baixa renda como a minha. Eu agora decidi, já perdi muito tempo nessa vida, agora voltei e pra ficar, só largo a escola com meu diploma na mão, e ainda sonho em fazer uma faculdade viu, quem viver verá(risos)” (Trabalho de campo, setembro de 2013).

As palavras de Alzira retratam a vontade de concluir os estudos. Ela apresenta uma reflexão sobre a importância que a instituição escolar ocupa na cabeça dessas mulheres, principalmente aquelas que, por algum motivo, tiveram que deixar seus estudos na idade “adequada”.

A estudante Alzira reflete as dificuldades de alguém que não passou pelo processo de escolarização na juventude e que precisa se inserir no mercado de trabalho. Dessa maneira, na sua avaliação, a escola é a ponte que a levará para o outro lado, esse outro lado é visto como o lugar onde ela irá ter um bom emprego, um bom salário, um bom pedaço de terra e tranquilidade para criar seus filhos; atrelado a isso está a realização de seus desejos enquanto mulher, cidadã e ser social.

O trabalho é um elemento central para a análise da realidade social dessas mulheres. Para Gonçalves (2012), o trabalho pode ser empregado de forma significativa para se construir mediações/diálogos com as múltiplas dimensões da realidade social em que os indivíduos estão inseridos.

Dessa maneira, essas inter-relações contribuem para processos de inserção, permanência e avanços em espaços sociais dinâmicos, promove conquistas, alimenta novas oportunidades e instiga perspectivas futuras nas pessoas. É nesse contexto de busca, desejos e força que se inserem as mulheres estudantes da escola JTC participantes desta pesquisa.

Assim, das cinquenta mulheres entrevistadas para a construção do perfil, 83% desenvolvem alguma atividade remunerada fora do lar e 17% são donas de casa. Dentre as que trabalham com remuneração, as principais atividades são: domésticas, diaristas, vendedoras ambulantes, feirantes, trabalhadoras rurais, merendeiras, cozinheira, atendentes, manicure, repositora, escovista, entre outras³⁴.

Segundo Gonçalves (2012), cada pessoa entende o trabalho a partir de sua própria história de vida, do seu trajeto na construção de uma profissão e na sóciocultura a qual está inserido. Assim, é preciso considerar que as oportunidades de trabalho remunerado para as mulheres neste país estão bastante atreladas a sua condição na sociedade e das condições de inserção construídas pela mesma. A forma como a mulher é vista enquanto força produtiva e, também dos determinantes que o mercado imprime sobre as funções que a mulher pode desenvolver.

É importante destacar que quando se fala de trabalho, um ponto a ser considerado nos resultados das entrevistas está relacionado ao trabalho doméstico. Este tema foi muito debatido pelas mulheres, pois na maioria das entrevistas não se considerou o trabalho doméstico como um trabalho em si, para elas trabalho doméstico só se configura como trabalho, quando este é desenvolvido na casa de outras pessoas e remunerado, assim toda a jornada desenvolvida no próprio lar, para elas, não passa de uma obrigação da mulher. A esse respeito Zumira afirma:

“Fui criada nessa rotina, minha mãe dizia que eu e minhas irmãs é que tinha que fazer as obrigações da casa, que os afazeres domésticos são coisas de mulher, para os meninos ficava o trabalho na roça, a lida com os animais, os trabalhos de homem. Cresci assim, e aqui toda mulher é assim, foi tudo ensinado pelas mães e avós, já é costume. Se você falar de um homem lavar um prato ou varrer uma casa, ah meu Deus, a confusão tá armada dentro de casa. Só de uns tempos pra cá é que estou a pensar um pouco sobre isso, se eu dou o dia na roça com o marido e filhos porque eles não podem mim ajudar quando chegar em casa? A gente pensando é fácil, mas vai falar para o marido e os meninos! Se tiver uma próxima encarnação quero nascer homem (risos)” (Trabalho de campo, setembro de 2013).

³⁴ Repositora é a profissional que trabalha em estabelecimentos comerciais de venda no varejo, a qual é responsável por repor as mercadorias nas prateleiras. Já a escovista, é a profissional que trabalha fazendo penteados com escova e secador nos cabelos das clientes, geralmente em salões de beleza.

Essa visão apresentada pelas próprias mulheres traduz uma lógica perversa que naturaliza as tarefas domésticas como algo comum às mulheres, o fato de ser mulher determina sua obrigação com todos os cuidados do lar. Segundo Barbosa (2011, p. 4),

embora, nos últimos 40 anos, as mulheres tenham alcançado direitos no campo da educação, política e saúde sexual e reprodutiva, além da participação no mercado de trabalho, apontando avanços sociais e culturais significativos, o exercício do trabalho doméstico ainda é tarefa exclusivamente feminina.

As palavras da autora apresentam uma constatação verdadeira e ainda muito presente na vida cotidiana das mulheres entrevistadas nesta pesquisa. Nas visitas e observações realizadas durante o trabalho de campo pude perceber que as tarefas domésticas são eminentemente desenvolvidas pelas mulheres. A esse respeito Laura declara:

“Não tem jeito não, aqui é assim, acordo, faço café, boto o feijão no fogo, apronto a carne e todo o almoço. Depois vou na roça capinar, dou comida aos bichos (vacas, carneiros, cavalo, galinhas, porcos, entre outros). Aí volto pra casa, lavo os pratos e boto o almoço, depois que o povo come, tudo de novo, lavar e enxugar os pratos, ajeitar a casa, limpar fogão, lavar e passar as roupas, limpar geladeira...meus Deus é trabalho que não acaba mais, tem dia que não aguento, sento um pouco e descanso, é uma rotina dura, dura mesmo e isso é quando não aparece faxina, pois quando tem uma faxina eu vou fazer e quando chego tenho que fazer tudo sozinha”.
(Trabalho de campo, outubro de 2013)

O depoimento da estudante mostra o dia-a-dia da mulher no desenvolvimento das tarefas da casa e o quanto é cansativa e exaustiva a jornada de trabalho que desempenham ao longo do dia. Laura acrescenta que o marido e os filhos não ajudam nas tarefas domésticas, e que esse assunto não é discutido em casa.

A dupla jornada que a mulher realiza é fruto de uma construção histórica de exploração, onde a mulher é considerada frágil, incapaz de realizar determinadas atividades e destinada à reprodução. As desigualdades de gênero também estão presentes em quase todas as sociedades mundiais, desigualdades estas que são reproduzidas de geração para geração como um fato natural, são disseminadas nas instituições sociais como a família, a igreja, a escola e mais intensamente nos ambientes de trabalho.

Neste contexto, o trabalho doméstico não é visto como um trabalho em si, mas sim como uma obrigação da mulher, quase sempre esse determinante independe de raça, cor ou condição social, basta ser mulher.

É interessante destacar que, o trabalho doméstico traz características peculiares que reforçam a exploração das mulheres. Para Barbosa (2011), algumas características devem ser analisadas para avaliar o trabalho doméstico ao longo do tempo: a primeira está relacionada à *servidão*, que advém do nosso passado escravocrata e patriarcal do Brasil colônia, nesse período as mulheres negras eram exploradas com todos os tipos de serviços domésticos, realizando trabalhos de maneira completamente submissa, sendo ainda sujeita a castigos nos serviços prestados aos homens e às mulheres de pele branca da época. As mulheres não tinham nenhum tipo de direito, nem dignidade humana, ficando sujeita à opressão de gênero, raça e cor.



Figura 11: A mulher do rural em suas atividades diárias.

A segunda está ligada à *gratuidade* do serviço prestado, pois este, da forma como é realizado, determina a invisibilidade das atividades e a conseqüente desvalorização. As atividades domésticas, na sua maioria, são realizadas sem nada em troca, numa exploração

que se configura de maneira sutil e contínua. A mulher desenvolve as atividades de forma altruísta, na sua maioria para os membros da família, como algo que já faz parte da família.

O *afeto* é outro ponto a ser considerado, pois a maioria das atividades domésticas é realizada para pessoas muito próximas e queridas, como filhos e filhas, companheiros, pais e mães, parentes; essa proximidade gera sentimentos de apego, gratidão, o que reforça a gratuidade, conseqüentemente nada é cobrado em troca.

Ainda segundo o autor, as duas últimas características estão relacionadas ao *cuidado* exercido pela mulher no desempenho das tarefas e o *tempo inesgotável* para a realização das mesmas, sendo que a mulher está sempre disponível. Nesse sentido, a mulher da atualidade desenvolve dupla jornada, acumula o trabalho dentro e fora do lar, ao homem cabem apenas as atividades que resultam em remuneração.

O capitalismo produtivo não valoriza o tempo gasto no cuidado da reprodução da vida social, este não proporciona lucro, não resulta em renda financeira, dessa maneira pode ser realizado de qualquer forma, desvalorizado e invisível. Como o sistema capitalista “dita” normas comportamentais, gostos, tendências, o tempo gasto para outras atividades que não as que produzem mais-valia não ganham reconhecimento.

Nessa perspectiva, é completamente compreensível a situação e o discurso das mulheres estudantes do rural de Maria Quitéria sobre o trabalho doméstico. As mesmas estão imbuídas em processos históricos e culturais que são resultantes de gerações e quedeterminam quem são as responsáveis pelas tarefas do lar. Não é apenas um fator isolado que regulamenta essa lógica, na verdade são constituídos diversos elementos estrategicamente organizados para a manutenção de uma ordem construída sabiamente pelo sistema capitalista em vigor.

A *servidão*, a *gratuidade*, o *afeto*, o *cuidado* e o *tempo inesgotável* são características que devem ser consideradas, pois as mesmas combinadas acentuam a desvalorização e tornam o trabalho doméstico invisível, não despertando na coletividade uma reflexão mais específica da problemática. Esses elementos dificultam a saída das mulheres da teia da opressão patriarcal e capitalista que as explora no mundo do trabalho (BARBOSA, 2011).

A nossa compreensão e reflexão deve estar direcionada para o fundamento das questões que envolvem a realidade do trabalho doméstico, buscando perceber todos os fatores e elementos que configuram o cenário dessa “ordem” e “desordem” na qual estamos todas inseridas. Esse entendimento se faz necessário para que possamos dar sentido ao nosso discurso enquanto mulher, e ser social, e também poder compartilhá-lo com os nossos pares nas diversas instâncias que frequentamos ou estamos direta ou indiretamente envolvidas.

Ainda dentro desse processo de identificação do perfil das estudantes, dois outros aspectos foram considerados, estes estão relacionados aos quesitos moradia e renda familiar. Com relação à moradia, trinta e nove mulheres declaram que residem em imóvel próprio ou na casa dos pais, cinco em casas alugadas, quatro em casas cedidas e duas em outras formas de moradia.

A questão da moradia está relacionada a diversos fatores que compõem a organização das comunidades do distrito de Maria Quitéria, esses fatores estão relacionados a elementos de ordem econômica como, por exemplo, a renda, a distribuição das terras dentro das famílias, da configuração dos matrimônios, dentre outros fatores.

Com relação ao quesito renda familiar foram colocados na questão três níveis, até um salário mínimo, entre um e dois salários e mais que dois salários. Das cinquenta mulheres que responderam ao questionário trinta e nove afirmam possuir renda até um salário mínimo, onze têm renda entre um e dois salários e uma afirma ter renda de mais de dois salários.

As informações apresentadas resultam de uma série de fatores que envolvem a falta de oportunidades, devido à baixa escolaridade e a falta de qualificação profissional, ocasionando pouca renda e conseqüentemente baixa qualidade de vida. Vale ressaltar que a maioria das mulheres atribui à baixa renda da família à falta de terra para todos os membros da família produzir, assim como ao baixo nível de escolaridade, o que, segundo as mulheres, dificulta a conquista de postos de empregos com melhor remuneração.

A ideia de traçar o perfil das estudantes da EJA da escola JTC do noturno foi motivada pelo meu interesse em “conhecer” um pouco mais as mulheres, saber quem são as Marias, Diras, Santinas, Lauras, Zumiras, Alziras e tantas outras participantes; saber onde vivem, com quem vivem, o que fazem, como fazem, do que vivem, como estabelecem seus laços familiares e religiosos, do que gostam, do que não gostam, do que reclamam, seus espaços de lazer nas comunidades, seus sonhos e desejos, entre outros fatores que constituem a roda giratória da vida.

As informações que aqui foram apresentadas permeiam uma realidade que não ocorre apenas no distrito de Maria Quitéria no município de Feira de Santana/BA. O contexto histórico, social e cultural da mulher brasileira negra, do rural e estudante é muito semelhante ao restante do Nordeste e porque não dizer, do Brasil.

O perfil apresenta um universo de mulheres que estão em idade adulta, casadas, ou com ocorrência de um relacionamento conjugal, mães, negras e/ou pardas, moradoras do

rural, trabalhadoras e estudantes em busca de uma vida melhor para si e sua família. Os conhecimentos resultantes dessa fase da pesquisa são importantes para o todo do trabalho, sendo possível, a partir das mesmas, elaborar uma reflexão acerca do objeto da pesquisa e assim vislumbrar outras possibilidades de compreensão da realidade em foco.

4.1 O que mais nos dizem as mulheres estudantes do rural

A riqueza das histórias de vida das mulheres de Maria Quitéria está para além da escola, da escolarização ou do trabalho do dia-a-dia, pois separadamente, esses temas são só temas, no entanto, a escuta sensível de todos esses pontos, atrelado aos contextos reais de vida de cada uma das mulheres entrevistadas possibilitou descobertas de histórias, de memórias que deram vida, energia e reflexão a este texto. Nessa perspectiva, trago nas linhas que se seguem mais alguns retalhos, pontos, encontros, descobertas, saberes, mais aprendizados, verdadeiras lições de vida compartilhadas pelas mulheres dessa pesquisa.

Zumira...

Na entrevista de Zumira, são apresentados sentimentos de muita dor, raiva, angústia, medo e decepção com o seu destino. Ela começa dizendo que ainda não tinha conseguido perdoar o pai por ter lhe tirado a chance de estudar e sair da condição de miséria na qual vivia. Ela lembra que sua mãe dizia para o seu pai não ir para o acampamento dos sem terras no município de Biritinga/BA, pois ele ia prejudicar as crianças na escola, mas seu pai insistiu e levou toda a família embora. Nesse momento da entrevista Zumira chora, baixa a cabeça, olha para o horizonte como se suas dores fossem ser eternas na sua história, e acrescenta:

“Será que uma criança de oito anos merece ser cortada ao meio como eu fui? Meu pai acabou com minha vida... não sei os motivos dele, a cabeça dele, não sei o que queria... mas quando me tirou da escola destruiu a minha vida... aquela mudança acabou tudo... tudo mesmo... fiquei sem chão, sem direção, naquela época eu confiava toda a minha vida nos estudos. Sabia que só poderia sair da condição de pobreza que vivíamos se eu estudasse, mas a vida, não sei, o destino tirou isso de mim. Hoje vivo bem, graças a

Deus, tenho quatro filhos, mas não sou a pessoa que gostaria de ser, não estou no lugar que eu queria estar, não posso dar aos meus filhos as experiências que poderia ter aprendido... fui cortada ao meio, ou melhor, em vários pedaços separados. Carrego essa tristeza, essa falta no meu coração, nunca vou esquecer, nunca...” (Trabalho de campo, setembro de 2013).

A entrevista de Zumira foi a primeira que realizei dentre as programadas para a pesquisa. A primeira escuta foi muito impactante, pois a aluna coloca sua história de vida e sua trajetória escolar com uma ebulição de sentimentos que pude perceber de forma muito concreta na voz embaralhada, nas mãos trêmulas, na expressão facial inconstante, nos olhos fixos no chão e na forma um tanto quanto aflita de expressar suas palavras.

À medida que ia fazendo as questões, ela respirava, olhava para mim fixamente e respondia de maneira rápida, tentando terminar logo, como se aquele tema a incomodasse bastante.

Ela apresenta suas posições de maneira bastante firme e não deixa pergunta sem resposta, apesar do aparente incômodo que a entrevista podia lhe causar, ela se mostrou determinada em colaborar e narrava em detalhes toda a sua história.

Zumira acha que as questões que envolvem gênero em espaços de convivência social são muito prejudiciais às mulheres. Segundo esta aluna, a cultura impõe comportamentos aos homens e as mulheres, e alguns homens seguem esses comportamentos ao pé da letra e a mulher não pode fazer nada. Ao lhe perguntar como se vê enquanto mulher, ela responde:

“A vida da mulher do rural é normal, como diz o povo, vivo como mulher, mãe, esposa, dona de casa, tenho minhas obrigações, faço o que é de minha obrigação fazer e a vida vai andando. Viver como mulher na roça é aquilo que todo mundo já sabe, trabalhar na plantação, cuidar dos bichos, olhar os meninos e ajudar o marido no que for possível. Eu sou mulher, mas se houvesse outra vida, eu queria ser homem, a vida de homem é boa demais, as preocupações e sofrimentos é bem menor, cabeça de homem não passa por nada, não esquenta com quase nada. A mulher não, tudo na vida da mulher é preocupação, ainda mais vivendo na roça, aqui tudo é mais difícil, é falta das coisas, dificuldade, pouca oportunidade, mas também a cidade não tá fácil não, quem quiser que vá pra cidade sem emprego, sem um jeito de viver, vai passar pior que a gente aqui” (Trabalho de campo, outubro de 2013)

Ela começa sua entrevista colocando sua condição de mulher e mãe em espaço rural. Apresenta uma interpretação a respeito das questões que envolvem gênero de maneira

determinista e atrela essa postura a sua história de vida (tudo sempre foi assim). Zumira não vislumbra uma possível mudança na sua realidade, para ela a vida do homem é boa porque se nasce homem.

A maneira como essa mulher vê a relação entre sua condição de mulher do rural é bastante conformista, para ela homem e mulher têm posições determinadas e isso é algo imposto pela cultura, é vivenciado no dia-a-dia das famílias da zona rural e não pode ser questionado, pois não tem jeito. *“Aqui é tudo assim, minha avó era assim, minha mãe criou a gente assim, e eu vou fazer o quê?”*. Nas palavras da entrevistada, sua condição não vai mudar, pois todos a sua volta vivem e adotam os mesmos comportamentos.

Quanto a seu processo de escolarização, pude perceber que esta aluna tem muitas lembranças que as incomodam, que as fazem sofrer, que ela relata com muita dor.

“dizem que família é tudo né? Mas eu não gosto de lembrar da minha infância, não gosto de lembrar do que meu pai fez comigo e com meus irmãos, tudo podia ser diferente hoje... tudo... mas não posso ficar remoendo, preciso deixar esses acontecimentos de lado e seguir em frente, como estou fazendo, voltei pra escola e vou realizar meu desejo de terminar meu segundo grau. Quando isso acontecer, talvez eu possa ficar em paz comigo e com minha história de vida” (Trabalho de campo, outubro de 2013)

Ela vincula sua condição socioeconômica à falta de oportunidades que a não escolarização provocou na sua vida. *“se eu tivesse estudando seria outra pessoa, tinha uma profissão, seria alguém de bem com a vida”*. Para ela o fato de ser mãe, de ter quatro filhos, de estar desempregada e não ter uma profissão é resultado do abandono escolar. Ela acrescenta que já procurou emprego em vários lugares, mas a frase que escuta é sempre a mesma: Tem ensino médio completo? A estudante relata que essa pergunta é uma tortura, pois já perdeu várias oportunidades de empregos por não ter concluído o ensino médio.

Esta estudante, aos 35 anos, busca recuperar o tempo perdido na infância, tempo de escola, tempo de aprender, tempo que se perdeu nas dificuldades socioeconômicas da vida de sua família. Zumira considera a escola e os aprendizados que a mesma trabalha como bases para a vida em família, na comunidade e principalmente para a aquisição de trabalho. Fechando sua entrevista ela completa:

“Quem não estuda, quem não passa pela escola pode até aprender uma profissão, saber ganhar seu sustento, mas não é a mesma coisa, sempre

faltar um pedaço, uma experiência, uma lembrança, um amigo que não conheceu, um conselho, uma direção. É assim que eu vejo a vida sem estudo, sempre vai faltar alguma coisa, sempre. Não vou dizer que não sofro com meu passado, sofro sim, e muito, mas agora tudo isso ficou no passado, estou buscando aprender e terminar meus estudos, preciso incentivar meus filhos, dá exemplo de mãe. A escola pode não ser tudo, mas em mim deixou uma vazia que preciso preencher, e é isso que estou fazendo todos os dias. Estudando estou mais disposta, mais atinada nas coisas, mais esperta com as situações que surge aqui em casa, estou mais realizada em tudo se falando” (Trabalho de campo, outubro de 2013).

O processo de escolarização, na perspectiva da estudante é muito importante para o desenvolvimento da vida em suas várias esferas de convivência. Para ela a escola e a escolarização vão criar as bases para a segurança econômica da família, através das oportunidades de empregos, vão proporcionar melhor desempenho nas relações da vida em sociedade.

Para Zumira o processo de escolarização tem um sentido grandioso na sua vida, ela argumenta que a conclusão dos estudos vai proporcionar coisas que ainda não conseguiu conquistar, como por exemplo, um emprego digno, respeito, autoconfiança, valorização e conhecimentos.

Laura...

Em sua entrevista, Laura se mostrou muito honesta e ávida para relatar sua história dizendo logo no início da conversa:

“pode perguntar tudo, não tenho nem vergonha, nem medo de falar da minha vida, cada um tem sua história, gosto de falar de meu passado, lembrar é bom, e gosto que meus filhos ouçam, pois minha vida deve ser exemplo para eles, tudo que faço é para que eles não passem o que já passei” (Trabalho de campo, setembro de 2013).

Olhando fixamente em meus olhos e apresentando certa ansiedade ela responde às perguntas. Laura mostra a força lutadora da mulher do rural de Maria Quitéria, casada e com três filhos menores, trabalha de segunda a sábado e estuda à noite. Seus filhos com 15, 13 e 9 anos vêm a mãe como a supridora da casa, é a ela que eles se reportam quando precisam de

algo, “*ela é a mulher que resolve as coisas aqui*”, diz uma vizinha que encontrei no meio do caminho.

Na comunidade ela é referência, conhece todos os vizinhos, sabe a casa de cada um, quantos são, onde moram, onde trabalham, ou seja, é uma pessoa bem relacionada no espaço onde reside.

Sua força de vontade em estudar chama a atenção das outras mulheres da comunidade, pois vêm nela um exemplo a ser seguido. A vida de Laura sempre foi muito difícil, como tinha muitos irmãos e seus pais não tinham terra, as dificuldades socioeconômicas eram extremas. Ela relata que ela e sua família, entre os anos 1974 e 1979 passaram muita fome, nesse período seus pais não encontraram nenhum trabalho duradouro e a dificuldade foi muito grande, foi também nessa época que ela foi forçada a abandonar a escola por várias vezes.

Ela relata que sempre sonhava com a escola, queria ser professora, achava bonito ajudar os outros a aprender, mas com o passar dos anos viu seu sonho se desmanchar com as dificuldades. Laura começou a trabalhar muito cedo, enfrentou muitos problemas em seus empregos, pois não sabia anotar os recados da casa, não sabia ler uma bula de remédio, uma receita de bolo e isso a incomodava muito. Na primeira oportunidade que teve, matriculou-se na escola perto do trabalho e voltou a frequentar os estudos. Ela relata que, no primeiro dia de aula, sentia muita vergonha da professora e dos colegas, pois ficava com medo que alguém pedisse a ela para ler alguma coisa, não tinha muita prática e não queria passar vergonha na frente de todos. Assim, relata que tomou uma providência, na casa em que trabalhava tinha muitas revistas de culinária, então pegava as revistas e ia lendo as receitas devagarzinho, com o passar do tempo, Laura era a ajudante da professora para as leituras da turma. Sobre esse assunto ela coloca:

“Tinha muita vergonha na escola, era uma mulher velha que nem sabia ler direito, escrever então era uma dificuldade, mas não queria ir pra escola com medo, então fiz a minha parte em casa, não precisou a professora mandar não, foi eu que quis, pegava as revistas de receita e lia, lia tudo. No início foi difícil, mas depois peguei o jeito de ler, aprendi rápido. A escola, as aulas me faziam pensar na vida, me faziam ver o mundo como ele é na realidade. Porque será que quem estuda sabe falar com calma as coisas, sabe seus direitos, é educado com os outros, sabe se comportar no meio de gente, sabe falar, sabe tratar? Tenho pra mim que quase sempre essas pessoas tiveram uma boa educação, a educação de casa e também a educação da escola, a família é a base de tudo, mas existem coisa que a gente precisa aprender com a convivência fora da família, com outras pessoas, com colegas de escola, trabalho, igreja, é preciso saber viver neste mundo” (Trabalho de campo, outubro de 2013).

A entrevista de Laura mostrou uma mulher do rural madura, centrada nos seus objetivos e na sua forma particular de viver e ver a vida. Sua experiência de infância, as dificuldades que enfrentou, as faltas e necessidades não a fizeram uma mulher fracassada nem rancorosa, ela entende que as coisas só melhoram se as oportunidades existirem e acrescenta: *“não tive oportunidade na minha vida, não tive mesmo, o que tenho é força de vontade de ver meus filhos bem arrumados, digo sempre para eles, façam suas oportunidades, pois elas não caem do céu”*.

Laura vê a escola como um espaço para se construir oportunidades melhores, ela enxerga na escola e no processo de escolarização uma chance para que as famílias menos favorecidas economicamente possam melhorar de vida, ter uma condição melhor, onde possam ter acesso a outras coisas, a uma casa melhor, uma feira de supermercado mais tranquila, entre outros.

Quanto aos momentos de descontração e lazer em família, ela relata que não existem espaços adequados na sua comunidade. Ela coloca que todas as pessoas precisam de um momento de descontração e descanso, melhorar de vida para ela é isso, ter a chance de fazer outras coisas, e diz: *“Tudo que consegui na minha vida, tudo que tenho, devo ao que aprendi na escola, a escola foi minha mãe, meu pai, minha direção e quero ir mais além, vou me formar”*.

Ao perguntar qual o sentido da escolarização para ela, temos as seguintes palavras:

“É... não sei nem como explicar isso, mas pense comigo: você nasce em uma família humilde, passa necessidade e até fome, toda mazela que às vezes nem é bom lembrar; tem que trabalhar ainda muito nova para sobreviver, aí tem uma oportunidade de aprender coisas novas, estudar, ler, escrever, se comunicar, falar, ouvir, consegue se comunicar com as pessoas sem medo, sem receio, com firmeza, com verdade e ainda passa a ver o mundo com a verdadeira cara que ele tem, hoje eu consigo isso, antes me escondia de tudo e de todos. Hoje estou como diz as professoras da escola, “desenvolvida”. Acho que esse é o sentido da escola pra mim, me sinto como se estivesse liberta, como se estivesse vendada e agora vejo a luz, veja oportunidade, vejo possibilidade, vejo e desejo dias melhores, o sentido da escola pra mim é isso...” (Trabalho de campo, setembro de 2013)

O depoimento de Laura emociona pela firmeza com que fala de sua mudança de vida. Ela estabelece pontos de ruptura em sua trajetória, consegue definir de maneira clara como se sentia antes e depois do processo de escolarização em curso. Faz referências as suas conquistas e atrela sua melhoria de vida às possibilidades que o acesso à escola lhe

proporcionou. Para Laura, a sua volta e permanência ao processo de escolarização mudou a sua vida e trouxe esperança de dias melhores.

Maria...

Maria, assim como outras mulheres adultas que entrevistei tem sua história escolar marcada pelas precárias condições socioeconômicas de sua família. Em sua entrevista, Maria deixa claro que as dificuldades que enfrentou ainda criança numa cidade desconhecida para ela, Salvador, são muito diferentes das que estava acostumada na roça. Ela conta que a mudança para a capital desestruturou sua família, desde muito novinha ficava trancada em casa com os irmãos quando os adultos saíam para trabalhar. A escola era o único meio que ela tinha de estar com outras pessoas, brincar e ter momentos de diversão.

Maria conta que teve uma infância muito triste, sem amigos, sem carinho dos pais e nem da família como um todo. Ela relata que cresceu revoltada e só pensava em fugir de casa. Aos quatorze anos de idade, veio passar uns dias no distrito de Maria Quitéria com a família, nessa visita namorou um rapaz que também morava em Salvador. A partir desse namoro ela resolveu fugir de casa, segundo ela o estado de prisão em que sua família a submetia em Salvador estava deixando-a desorientada. Tudo aquilo não fazia sentido para ela, não entendia aquela situação e assim que encontrou uma oportunidade, fugiu com esse namorado para morar na comunidade do Garapa no distrito de Maria Quitéria. Maria relatou que teve muito medo do seu pai, do que ele poderia fazer, mas o fato é que sua família não a procurou mais, ela diz que até hoje não tem boas relações com seus pais e seus irmãos e irmãs.

Maria salienta que o maior prejuízo de sua fuga foi o abandono forçado da escola, ela não esperava engravidar e também não conhecia a postura do marido que a proibiu de frequentar a escola, sobre esse assunto ela relata:

“não pensei em engravidar, foi muita imaturidade minha, a gravidez me desestruturou completamente, fiquei sem rumo, sem saber como frequentar a escola, não tinha quem olhasse meu filho, o marido também não colaborou e assim o tempo foi passando. Depois que meu filho cresceu um pouco, podia ter voltado a estudar, mas aí o marido não deixou, e o tempo foi passando... hoje a partir da sua necessidade ele quer ir estudar, com vergonha da sua própria situação de analfabeto, ele quer minha companhia para ir a escola, acho que ele sentiu o peso de uma pessoa que não tem estudo. Sempre dizia a ele dentro de casa, que exemplo nós estamos dando ao nosso filho? Se estudarmos estamos mostrando pra ele que estudar não tem tempo, nem hora, cada um tem um caminho a seguir e ele precisa estudar e garantir sua vida na fase adulta” (Trabalho de campo, outubro de 2013).

Maria diz não se arrepende do que fez quando adolescente. Para ela foi assáida para a sua condição, e diz orientar seu filho a estudar para não cair em certas situações da vida. *“Digo sempre a ele: estuda meu filho, sem estudo a gente fica sem chão, sem alicerce, sem base. Quem estuda se desenvolve no mundo, olha os exemplos na tua própria família, quem estudou onde tá? E quem abandonou a escola como vive hoje? Falo sempre isso com ele”*.

Maria faz uma relação direta do processo de escolarização e a oportunidade de emprego, para ela o estudo além de ensinar várias coisas importantes para a vida permite um grande salto na questão da independência financeira para a mulher, segundo ela as mulheres que não trabalham ficam ainda mais dependentes dos outros (marido/família). Maria acrescenta que não tem muita experiência de trabalho, na verdade ela nunca trabalhou num emprego certo, vive fazendo bicos para comprar suas *coisinhas*. Ela diz estar apostando sua independência na conclusão dos estudos:

“quando me formar vou procurar um emprego certo, com carteira assinada, décimo terceiro, férias, vale transporte, tudo certinho, viver de bico é horrível, a gente tem um pouquinho hoje e não sabe se tem amanhã, minha comadre que terminou o ano passado já arrumou emprego na rua, eu também vou arrumar meu empreguinho, chega de dependência do marido, depender é ruim demais viu” (Trabalho de campo, setembro, 2013).

Para Miguel Arroyo (2007), a questão da escolarização atrelada ao trabalho está intimamente ligada à insegurança que o desemprego imprime nas pessoas nessa condição. O trabalho tem significado muito forte no imaginário do jovem e adulto em processo de escolarização, principalmente quando se trata das mulheres. Estas acreditam que a escola é sua porta de entrada no mercado de trabalho, para a maioria das mulheres, sem estudo o emprego fica mais difícil, o que para elas não ocorre com o homem, que segundo algumas das entrevistadas nessa pesquisa, consegue emprego mesmo sem ter concluído os estudos.

A insegurança que Arroyo (2007) relata em sua reflexão é uma realidade na vida das mulheres desta pesquisa. O fato de não ter concluído os estudos e, conseqüentemente, não ter emprego/trabalho as coloca em situação de dependência, posição esta que as incomoda e constrange. Talvez todos estes sentimentos impulsionem o retorno aos bancos da escola.

Segundo Maria, o retorno aos estudos deu sentido a sua vida, ela relata que passou a ver a vida e as coisas ao seu redor de maneira diferente, mais atenta, mais reflexiva, mais questionadora. Maria diz que antes de frequentar a escola acreditava em quase tudo que lhe era dito, não tinha muita opinião, ficava quase sempre calada; hoje desconfia, busca mais

informações, pergunta a outras pessoas, ouve mais opiniões, não acata tudo como verdade.

Sobre isso ela afirma:

“a escola, os professores, a convivência com os colegas me deixou mais sabida, esse negócio de tudo que se ouve se acreditar já acabou na minha mente, agora preciso eu mesma saber se é verdade mesmo, tem muita coisa que chega torta pra gente, não acredito mais em tudo, a escola deixa a gente mais ligada, sabe? Mais esperta, mais atenta para as coisas da vida” (Trabalho de campo, outubro de 2013).

As palavras de Maria apresentam uma mulher do rural sensível a sua realidade e possibilidades de melhoria de vida através da escola. Credita a escola ganhos que construiu na sua vida cotidiana. Para ela, o processo de escolarização lhe proporciona momentos de crescimento, aspirações e desejos futuros; para Maria é muito importante a conclusão dos estudos, pois acredita que os aprendizados adquiridos na escola vão permitir a realização de alguns sonhos e melhoria de vida.

Alzira...

Alzira é uma mulher jovem, firme e vibrante em suas palavras e afirmações, fala do passado com tristeza e pesar, mas salienta que não vai ficar *chorando pelo leite derramado*, sabe o que deseja e busca realizar seus sonhos.

Esta estudante acredita que a escola pode transformar a vida das pessoas menos favorecidas, segundo ela a escola é uma porta que se abre na escuridão da necessidade socioeconômica das pessoas do rural, e afirma:

“Olhe a sua volta professora, aqui é esquecido, não tem empregos, não tem como a gente estudar, para ir a escola precisamos andar, pegar ônibus e chegar em casa tarde; é preciso muita força de vontade, é preciso acreditar em melhorias, sei que pra gente que tá aqui estudar é a saída, sem estudar fica tudo muito difícil, a dificuldade aumenta. Na cidade ninguém lembra de quem tá na zona rural não, ninguém quer saber. Ao procurar trabalho, a empresa quer saber logo: tem segundo grau completo? O mundo é assim, não fui eu que criei as regras, elas estão aí e eu preciso estar dentro das regras, preciso estudar, concluir meu segundo grau e aí ir pra outra luta, que é arrumar emprego. Sem a escola, estou de pés e mãos atadas, sem nada pra fazer da vida. Não largo mais a escola, estou passando por poucas e boas, mas estou me esforçando e de lá só saio formada” (Trabalho de campo, novembro de 2013).

A entrevista de Alzira apresentou uma mulher ciente de sua realidade e firme na sua forma de ver o mundo ao seu redor. Alzira não se lamenta, apenas constata seu passado como um período em que ficou impossibilitada de garantir algumas oportunidades. Hoje, voltando aos estudos mostra-se muito vibrante com suas vivências na escola, com o que está aprendendo e, para ela o significado da escolarização está nas chances que irá ter no futuro. Alzira coloca o seu desejo de fazer uma faculdade, pensa em cursar enfermagem, pois segundo ela, é uma área carente na sua comunidade. Segundo Alzira, o sentido da escolarização está em ter sabedoria (conhecimento), poder se manter economicamente com dignidade e ajudar o próximo com sua profissão.

Santina...

Na pesquisa de campo nos deparamos com diversos contextos, diferentes realidades e instigantes histórias. A trajetória de Santina é marcada pelo abandono ainda no início da infância, esse fato desestruturou essa mulher durante um longo período de tempo deixando marcas em seu passado que ela evita lembrar.

A entrevista de Santina foi uma das mais dolorosas nesta pesquisa. Estive por três momentos com essa estudante, em duas das três visitas não consegui conhecer sua história, Santina se esforçava para falar, mas era tomada por choro e lágrimas que não podia controlar, então, em respeito a seu momento, encerrava a entrevista e marcava outra visita.

Todas as vezes que conversei com Santina pude perceber como a história de uma pessoa é importante para determinar os caminhos que trilhamos na nossa passagem pela vida.

Segundo Cougo (2012, p. 45),

(...) assumir um diálogo narrativo através da pesquisa com histórias de vida provoca a necessidade de percepção dos diferentes mecanismos que se colocarão interconectados ao processo formativo: o Eu, o Outro e o Meio serão, inevitavelmente, memória, reflexão, narrativa e ressignificação, ainda que permeados de inconstâncias.

A narrativa de Santina foi além dos objetivos da sua entrevista. Sua trajetória trilhou por águas não conhecidas, territórios que não nos permitia aterrissar. As informações trazidas à tona pela entrevistada foram além do que tinha programado, caminharam por certezas,

incertezas, passado, presente, vivências incrustadas em sua memória. Santina queria falar e falou:

“Todo mundo tem uma história na sua vida, eu também tenho a minha, talvez professora, não seja a mais bela, mas é a que tenho, e foi a partir dessa história que eu me construí e estou em pé. Falar de escola, de escolarização não me traz boas lembranças, pois perdi muito tempo amargando meu destino. Fui rejeitada, fui colocada numa caixa de papelão e deixado relento, tem ideia do que isso foi e ainda é pra mim? Acho que ninguém, por mais que se esforce sabe o que isso significa. Mas, assim... estou o tempo todo tentando conviver com isso sem me prejudicar, por um período não consegui, fiquei sem rumo e fiz coisas que não devia ter feito, principalmente ter abandonando a escola. Na vida a gente tem que administrar várias coisa, principalmente a mulher, já passei por muita coisa, parte delas o erro foi meu, hoje, com mais idade e sendo mãe, preciso recuperar o tempo que perdi e corrigir meus erros. Ter abandonado a escola foi meu maior erro, perdi a chance de reconstruir minha vida, perdi a chance de ter um diploma, perdi a chance de ter um emprego, deixar a escola foi só perda. Sei que a escola não é tudo, mas sem ela é pior. Hoje sei a duras penas disso, mas sempre há tempo de corrigir os erros, basta se querer e pedir saúde pra continuar. Estou estudando, mais atinada às coisas e vou me formar, mudar a minha vida, cuidar mais de mim” (Trabalho de campo, setembro de 2013).

Ao buscar nas entrevistas informações sobre meu objeto de pesquisa, encontrei mais que histórias, descobri Santina e sua história de vida e escolarização. Nesta entrevista, ao escutar atentamente Santina, pude perceber a grandiosidade de o meu fazer, naquele momento, não estava ali a pesquisadora, mas sim, uma pessoa que se fazia ouvir, escutar, que permitia um diálogo, que dividia, mesmo que por um pequeno tempo, fatos e sentimentos, momento este de grande importância para mim e que talvez não saiba nem externar.

Santina é uma estudante do rural, com história, trajetória e sentidos. Sentidos estes que estão no vigor de ser mulher, de ser mãe e de ser presente na perspectiva de mudança, de transformação pela educação. O sentido da escolarização para ela está na aprendizagem da codificação e decodificação de letras e números, na interpretação da dinâmica da vida, no existir e no compartilhar.

Dira...

A entrevista de Dira foi muito inusitada. Ela, apesar dos seus 32 anos, oscila seu pensamento e seus objetivos de vida, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma mulher do rural, com força para trabalhar, estudar e concluir seus estudos ensina aos filhos que devem estudar para saírem da roça e irem para a cidade. Dira diz que mora na roça e gosta de viver neste espaço, mas acredita que o futuro dos seus filhos está na cidade. Ela argumenta que para se sustentar uma família morando em áreas rurais é preciso que se tenha um pedacinho de terra, e ela não tem.

“A terra que moro em cima é de minha mãe, só são seis tarefas, eu e meu marido já tiramos o sustento daqui, como as minhas crianças vão tirar o sustento deles daqui também? Não tem como, não dá pra tudo isso não! Se fosse umas 60 tarefas, podia até ser, mas esse pouquinho, só Deus. Oriento-os todos os dias, vão estudar para arrumar um trabalho e um modo de vida na cidade. Quem tem estudo sempre arruma alguma coisa pra fazer, tem um salário e dá para sustentar a si mesmo e a família que arrumar lá diante” (Trabalho de campo, outubro de 2013).

A postura de Dira é de proteção, ela busca o melhor para seus filhos e diz se basear no exemplo da sua própria história. Parou os estudos por necessidades financeiras e perdeu oportunidades.

“É assim, as famílias sem sustentação ficam como eu fiquei: Estuda e não trabalha ou estuda e passa necessidade de toda sorte. Eu poderia ser o que queria ser, uma mulher dos bombeiros, se eu tivesse estudado direito, meu coração chega a tremer quando vejo um carro de bombeiros, queria tá lá junto com a equipe, vestindo a farda e ajudando as pessoas, mas não estudei, não tive forças para tornar meu sonho realidade” (Trabalho de campo, setembro de 2013).

Ao perguntá-la qual o sentido da escolarização na sua vida, ela diz que a escola e o conhecimento que se aprende é tudo, que sem estudo a vida fica sem rumo. Dira diz ainda que os estudos ajudam a realizar sonhos, a trazer tranquilidade, felicidade. Hoje, junto com o marido frequenta a escola e deseja terminar o segundo grau, pretende fazer um curso técnico e arrumar um emprego para ela e para o marido: *“precisamos trabalhar para ajudar a manter as crianças na escola”*.

A importância que esta estudante delega a educação fortalece sua luta diária, alimenta sua mente de esperança, enche seu coração de alegria por ver seus filhos na escola estudando. Sua crença em dias melhores é muito forte e ela acredita que ainda tem muita coisa para realizar e conquistar, que seus estudos irão determinar seu futuro: *“vou terminar meus estudos, estou feliz por estar podendo frequentar a escola e aprender, nunca é tarde para se conhecer, todo tempo é tempo de aprender”*.

Estes depoimentos fortaleceram a análise, proporcionaram momentos de intensa reflexão tanto para as mulheres que narravam com intensidade suas memórias, como para mim que fazia uma escuta atenta e cuidadosa. A riqueza destas falas proporcionou momentos de aprendizagem e ressignificação de conceitos, visões de mundo e perspectivas frente à vida das pessoas e a nossa. Posso afirmar que essa experiência enquanto pesquisadora trouxe muitas contribuições para minha vida profissional e pessoal, como professora, mãe, filha, mulher...marcou de maneira positiva toda a minha trajetória, pessoal, profissional e acadêmica.

5. Considerações finais: tecendo reflexões, abrindo possibilidades...

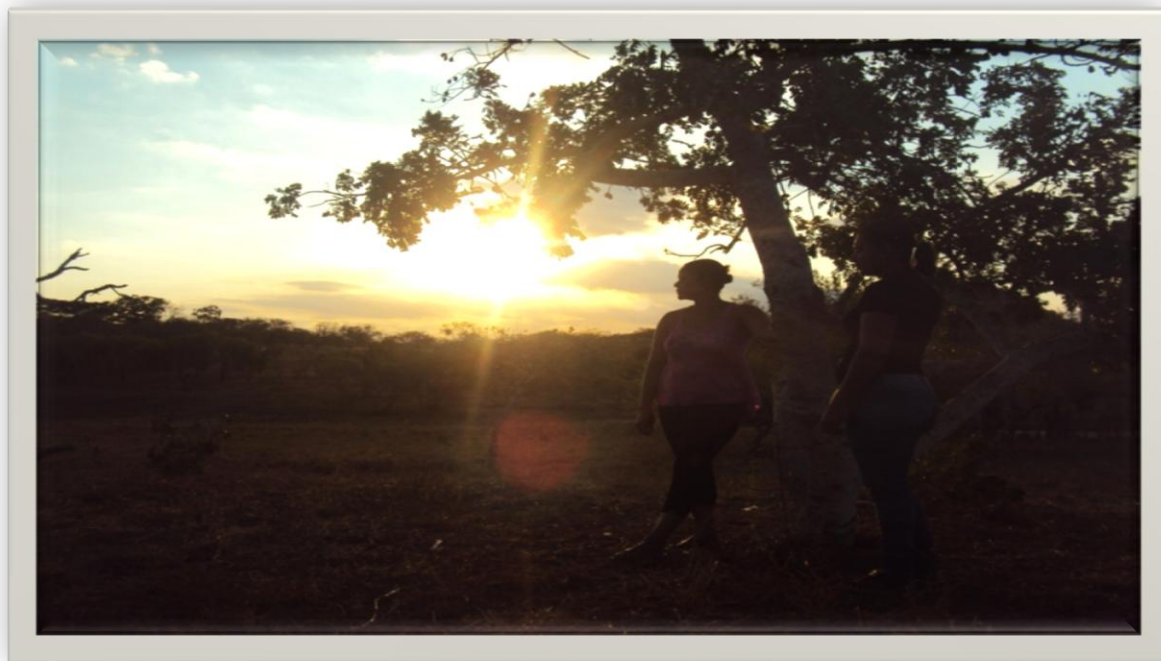


Figura 12: Mulheres ao final da entrevista

“Adoro meu lugar, as coisas são difíceis nesse pedaço de chão, é muita luta, mas de vez em quando posso conversar com uma amiga, pensar na vida, tranquila, vendo o sol se pôr em baixo do pé de seriguela” (Laura, novembro de 2013)

Depois de uma caminhada instigante e enriquecedora, chego a esse momento imbuída de sentimentos que compartilhei durante todo o processo de formação vivenciado no percurso do Mestrado em Educação.

A este trabalho atribuío sentido de travessia. Para fazer uma travessia é necessário que se estabeleça um percurso, uma trajetória a ser seguida, essa organização foi elaborada previamente, objetivos foram construídos, metas traçadas, datas estipuladas, tudo planejado. No entanto, no decorrer da caminhada outras trilhas se apresentaram, e nesse momento precisei repensar o que tinha previamente traçado, pois precisava atender aos novos caminhos que estavam surgindo durante o processo. Múltiplas direções se apresentavam e essa dinâmica

me fez vivenciar outras realidades, outros sujeitos, outros saberes, outros contextos (ARROYO, 2012).

Busquei nesta pesquisa responder questões que estão para além das teorias científicas, dos processos de ensino/aprendizagem, das regras da pesquisa acadêmica, ou seja, trilhei caminhos que adentraram histórias de vida de mulheres estudantes do rural, caminhos estes que não estão escritos em manuais, que gestam e nascem nas subjetividades oriundas da vida cotidiana, das experiências individuais e coletivas.

Ao iniciar esse trabalho, trouxe a minha própria história de vida, pois como mulher e estudante oriunda do rural, vivenciei todas as dificuldades que as famílias que residem nestes espaços podem estar sujeitas. As dificuldades para ir à escola, o desafio das classes multisseriadas e das professoras sem formação, a necessidade de trabalhar para ajudar a família, a falta de recursos para me manter na cidade, foram alguns dos entraves que precisei superar para hoje estar escrevendo esta dissertação.

Conhecer histórias de vida é compartilhar diversos cenários dos percursos vivenciados pelas pessoas, é caminhar por espaços desconhecidos, é aventurar-se junto, é conhecer aquilo que, por muito tempo, ficou guardado na mente e no coração das pessoas. A fertilidade das narrativas compartilhadas nas histórias de vida das mulheres me permitiu compreender algumas das questões que me propus pesquisar nesta investigação. Assim, a riqueza dessas narrativas apresentadas pelas mulheres permitiu uma compreensão acerca das questões propostas para a pesquisa, estas questões, no seu todo, buscavam descortinar o sentido da escolarização para as mulheres adultas do rural do distrito de Maria Quitéria.

As questões de pesquisa irrigaram a busca por respostas, trilhando por subjetividades e realidades, indo ao passado e voltando para o presente. Nessa jornada a busca pelo sentido e ressignificação de processos educacionais e pessoais outrora vivenciados foi a chave para abrir o baú das histórias de vida e experiências empreendidas nesta investigação.

Ao começar tecer considerações acerca desse estudo sou envolvida por muitas emoções. Esse estado emocional é resultado da minha história pessoal e profissional inquietante, desde a infância que vislumbrava perguntas que não sabia responder, ainda adolescente fazia leituras de realidades, valores e costumes que vivenciava e não concordava, mas também não sabia como encontrar respostas, as minhas buscas esbarravam nas dificuldades que enfrentava para estudar e ter oportunidade de vivenciar outras experiências, esse processo durou até a minha entrada na UEFS em 1998, esse foi o ano da minha mudança

de vida, momento de retirar a venda, de jogar fora os estigmas carregados por toda a vida, de abrir os olhos para as oportunidades, de estudar, de conhecer, mudar de perspectivas, de visão. É por tudo isso que os meus olhos se enchem de lágrimas ao escrever essas palavras finais.

Realizar um trabalho com histórias de vida não é uma tarefa fácil. Trabalhar com mulheres adultas e de espaços rurais demanda um cuidado metodológico, o qual nos faz aprender com acertos e possíveis erros na prática da pesquisa. Essa prática é elaborada a cada diálogo, a cada pergunta, a cada visita realizada. Nesse percurso, a confiança e os laços de respeito mútuos devem ser estabelecidos entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa.

A primeira reflexão que quero abordar está no seio da realidade educacional brasileira. Neste país, as políticas públicas destinadas às áreas rurais são de cunho emergencial, são programas, projetos, ações paliativas e passageiras que não se constituem em políticas estruturantes e permanentes. A atenção dada à educação das camadas populares e especificamente aos povos do rural esteve relacionada às medidas descontínuas e emergenciais, as quais não atendiam às necessidades das pessoas e não transformavam a realidade educacional, produtiva e de vivência da população. Em Maria Quitéria essa situação é bem presente e relatada pelas pessoas nas diversas comunidades que visitei.

A realidade da zona rural de Maria Quitéria, onde muitas são as demandas que precisam de atenção das políticas públicas, na sua maioria são questões de ordem estruturais, as quais precisam de políticas efetivas, permanentes e que possam corrigir erros históricos de abandono e esquecimento.

Dentro dessa perspectiva, a condição de “subordinação da mulher” é um fato constatado na pesquisa. Assim, compreender as questões de gênero nos remete a pensar nas condições históricas e culturais as quais as mulheres foram e ainda são submetidas nas diversas sociedades. Essa produção cultural de subordinação envolve diversos fatores de invisibilidade e coloca a mulher na condição de “frágil, reprodutora, responsável pelos filhos e obediente”, embora seja visível a coragem, a força e a postura guerreira na vida de todas elas.

Em Maria Quitéria, as questões de gênero quase não são discutidas nas famílias, muitas mulheres não querem falar sobre o assunto. Muitas delas passaram por processos de formação familiares muito rígidos, e nessa formação a mulher é vislumbrada como aquela que deve obediência ao homem, seja ao pai, irmãos, companheiros ou maridos.

Durante a pesquisa de campo, pude constatar que a maioria das mulheres não se sente à vontade para conversar sobre as questões que envolvem a participação do homem no cotidiano

das famílias. Algumas mulheres relataram questões pontuais, mas no geral elas ainda vivem na dependência dos homens com quem convivem. Essa constatação é relevante, pois apesar de todos os avanços conquistados pelas mulheres nas últimas décadas, parece que as conquistas dessas lutas não chegaram às comunidades rurais de Maria Quitéria. Um fato a ser considerado é que elas apresentam falas e narrativas que demonstram consciência da sua condição, no entanto não apresentam intenções de questionar a rotina já estabelecida.

A condição de subordinação da mulher do rural de Maria Quitéria é uma realidade, sendo agravada devido às condições de precariedade econômica e social a qual a maioria delas estão submetidas, esse contexto contribui para situação de vulnerabilidade e invisibilidade das mesmas. As mulheres relatam dificuldades para frequentar espaços públicos como a igreja e a escola, pois os companheiros e maridos, adotando condutas machistas, não concordam e em alguns casos até proibem. Assim, para muitas delas, falar desse tema é difícil, pois provoca receio e constrangimento.

Quanto ao processo de escolarização, as mulheres declaram que o atraso escolar ocasionou vários problemas em suas vidas. Todas as mulheres entrevistadas associam o abandono escolar às precárias condições de vida. Dentre as entrevistadas 84% declaram ter abandonado os estudos para trabalhar e ajudar a família; 16% atribuem o abandono à gravidez precoce e às responsabilidades oriundas do nascimento dos filhos.

O “estar na escola”, aprendendo coisas novas, lendo, escrevendo e convivendo com pessoas em idade adulta é um desafio diário para estas mulheres. Elas ingressam nos cursos da EJA e enfrentam muitas dificuldades, pois depois um dia bastante cansativo de trabalho, oriundo da realização de diversas tarefas domésticas e dos cuidados com a família, elas ainda precisam se deslocar à noite, muitas vezes, a longas distâncias, para frequentar as aulas na escola. Essa rotina resulta em um grande cansaço físico e mental para as mesmas.

As entrevistas demonstram que as mulheres estão buscando a escola, vencendo as determinações socioculturais de gênero e enfrentando com muito esforço, vibração e perseverança as dificuldades que lhe são impostas, elas relatam que, mesmo com tantos entraves, não pensam em desistir, estão firmes e ávidas no propósito de vencer todos os obstáculos e concluir o ensino médio.

Segundo as mulheres, a conclusão dos estudos é uma porta que se abre e oportuniza melhores condições de trabalho e de qualidade de vida. Elas acreditam que a escola amplia horizontes, abre possibilidades e oportunidades de melhores empregos e também condições salariais, essa constatação se fundamenta nas exigências que o mercado de trabalho

estabelece, solicitando níveis cada vez mais altos de qualificação profissional e anos de estudo.

É grande a importância que as mulheres conferem à questão relacionada ao emprego e à renda a partir da escolarização. No entanto, as entrevistas demonstram que o processo de escolarização também atribui outros sentidos às relações desenvolvidas na escola. Para as mulheres a escola é local de produção de saberes, de conhecimentos, de convivência com o outro, de criar, recriar e inventar, vivendo concretamente a sociabilidade. Segundo elas, é nas relações estabelecidas com as trocas de saberes dentro do espaço escolar, que o indivíduo é preparado para compreender o mundo, analisar as sucessivas transformações sociais, econômicas e culturais que direta ou indiretamente influenciam sua vida.

Os sentidos da escolarização para as mulheres do rural de Maria Quitéria também se traduzem em reconhecimento social. Para elas, o conhecimento adquirido na escola tem grande valor social, produz respeito, aumenta a autoestima, garante destaque na comunidade, produz visibilidade, cria sentimento de inclusão e impõe respeito. As mulheres relatam acontecimentos que as deixaram constrangidas pelo fato de não conseguirem desenvolver atividades relacionadas à leitura, a escrita e a interpretações de situações da vida cotidiana. Algumas dessas situações estão relacionadas a fatos do dia-a-dia, como, por exemplo, uma reunião de escola, o acompanhamento das atividades escolares dos filhos, reuniões no grupo religioso que frequentam, ou seja, situações do cotidiano que demandam conhecimentos escolares, os quais algumas delas ainda não dominam.

O retorno aos estudos, segundo as mulheres entrevistadas, produz sentidos relevantes no momento em que as mesmas se sentem mais seguras ao circularem por espaços públicos e, especificamente na sua própria comunidade. Muitas delas acreditam que o fato de a comunidade saber que elas estão estudando já impõe certo respeito, elas passam a ser referência na comunidade, são solicitadas para ler e interpretar documentos e cartas, ler bulas de remédios, fazer pequenas contas, liderar as reuniões no sindicato, fazer reivindicações, ou seja, apresentar-se como alguém que domina os códigos escritos. Todo esse processo cria laços de proximidade, afetividade e consideração com os membros da comunidade, a mulher estudante torna-se uma referência na comunidade onde vive.

Frequentar a escola, permanecer estudando e concluir o ensino médio é uma vitória, essas trajetórias de conquistas diluem os estigmas que as inferiorizam, que marginalizam sua presença na sociedade, produzem sentimentos de vergonha e incapacidade. As mulheres estão

firmes em superar as “determinações” que lhe foram impostas, buscado, através da escolarização uma posição de importância dentro do espaço em que vivem e convivem.

É importante ressaltar que as mulheres do rural de Maria Quitéria possuem grande conhecimento de vida, são pessoas que não se fecharam para os saberes adquiridos nas relações desenvolvidas nos diversos espaços de convivência social, buscaram a sobrevivência e lutaram por melhores condições de vida. Nessa trajetória de luta, valiosos conhecimentos foram adquiridos, acumulados e ressignificados a cada nova situação do dia-a-dia.

Para as mulheres de Maria Quitéria, a frequência, permanência e consequente avanço nos estudos é algo a ser conquistado por todas as mulheres das suas comunidades. A conclusão dos estudos e a conquista do diploma têm um grande valor simbólico esentimental. As mulheres têm consciência de que a escola é um local para fazer amizades, socializar-se, garantir oportunidades e vivenciar a cidadania.

Ao pensar em espaços rurais, mulheres e educação, nos reportamos às diversas situações de abandono e invisibilidade que ocorrem, não só em Maria Quitéria, mas em várias partes do Brasil. Nesse sentido, é urgente a elaboração de políticas públicas efetivas que possam contribuir com a superação destes problemas acumulados ao longo de anos, e que as mulheres possam ter esperanças de dias melhores para si e para suas famílias.

As histórias de vida das mulheres participantes desta pesquisa são marcantes. A busca pela igualdade de gênero ainda se constitui em um processo lento e gradual, nesse sentido, não só a legislação ou políticas de garantias de direito irão resolver os problemas. Atreladas a essas instâncias legais é também indispensável mudanças comportamentais e de práticas humanas diferenciadas, para isso, torna-se imprescindível uma construção política inspiradora que mobilize os sujeitos para as resistências coletivas.

Os sentidos da escolarização para as mulheres do rural de Maria Quitéria estão para além da educação e da escola. As mulheres querem ser reconhecidas como seres sociais de direitos e capacidades, desejam mais e melhores oportunidades de trabalho, de liberdade, de lazer. Querem ser respeitadas enquanto mulheres, enfim, almejam exercer sua cidadania de forma efetiva.

6. Referências

ALBORNOZ, Suzana. **Na condição de mulher**. Santa Cruz do sul, Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.

ALVES, Francisca Elenir. **Mulheres trabalhadoras, sim. Alunas por que não? Estudo sobre gênero, trabalho e educação na Bahia**. Brasília: UCB, 2006. Dissertação – Programa de Pós-Graduação Strito Sensu em Educação da Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília, 2006.

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; HAGE, Salomão Mufarrej. **Escola de Direito: resignificando a escola multisseriada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores (as) de campo. Cad.Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago., 2007. Disponível em:<http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 29 de mar. 2009.

_____. **Balço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares?** REVEJ@: Revista de Educação de Jovens e Adultos, v. 1, n. 0, p. 5-19, ago. 2007. Disponível em: http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@_o_completa_o.pdf. Acesso em 14 de outubro de 2013.

AZEVEDO, Lívia Dias. **Feira de Santana: entre culturas, paisagens, imagens e memórias visuais urbanas - um estudo que dialoga com as décadas de 1950 a 2009**. Feira de Santana: UEFS, 2009. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade- UEFS, Feira de Santana, 2009.

BAPTISTA, Francisca Maria Carneiro. **Educação Rural: das experiências à política pública**. Brasília: NEAD, 2003.

BARBOSA, Luciana Candido. **Desvalorização e invisibilidade do trabalho doméstico: reflexões iniciais**. In: III Seminário Nacional sobre gênero e práticas culturais: olhares diversos sobre a diferença. João Pessoa, out. 2011. Disponível em <http://www.itaporanga.net/genero>.

BRANDÃO, C. R. **Casa de escola: cultura camponesa e educação rural**. Campinas: Papirus, 1983.

_____. **A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Contagem Populacional. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/> Acesso em: maio. 2013.

CARVALHO, José Murilo de. **Educação e cidadania**. Rio de Janeiro, 1998.

COUGO, Alexandre de Cougo. DIAS, Cleuza Maria Sobral. Histórias de jovens da EJA: Vladimir...o sorriso na casa do sonho. In. In. **Pesquisa (Auto) Biográfica: temas transversais. Gênero, geração, infância, juventude e família**. Org. Edla Eggert e Beatriz Dautd Fischer. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012.

CUNHA, Vanda Almeida da. **Educação Ambiental e o Desenvolvimento Local Sustentável na Comunidade de Caldeirão em Rafael Jambeiro/BA: uma proposta de intervenção participada**. Feira de Santana: UEFS, 2005. Monografia (especialização) Programa de Especialização em Educação Ambiental para a Sustentabilidade. UEFS, Feira de Santana, 2005. (Orientador professor Mestre Jerônimo Rodrigues Souza).

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (orgs). **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOMINICÉ, Pierre. **O que a vida lhes ensinou**. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias. O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: MR/DRHS/CFAP, 1988.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. “Primeira Conferência Nacional ‘Por uma educação básica do campo’: texto preparatório”. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

FERREIRA, L. F. (2000). **Acepções Recentes do Conceito de Lugar e sua Importância para o Mundo Contemporâneo**. *Revista Território*, ano V, no 9, jul/dez, Rio de Janeiro, 2000.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 2ª Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1970.

FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização em Feira de Santana: influência da industrialização 1970 – 1996**. 1998. 180 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.

GONSALVES, E. **Pensando gênero como categoria de análise**. In. Estudos de gênero. Goiânia, ECG, 1998. P. 41- 60 (Cadernos de área 7).

GONÇALVES, Rita de Cássia. **Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho**. In: Educação de Jovens e Adultos, diversidade e o Mundo do Trabalho. Org. Maria Hermínia Lage FerdandesLaffim. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. 240 p.

GOHN, Maria da Glória. **Mulheres - atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático**. *Política e Sociedade*, São Paulo, n. 11, p. 41-70, 2007.

GROLLI, Dorilda. Lampert, Ernâni (org.) **Educação para a cidadania**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

HADDAD, Sérgio. **Tendências atuais na educação de jovens e adultos**. Em Aberto, vol. 11, n. 4, p. 3-12, out/dez. 1992.

HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 2000, Nº 14. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07>. Acesso em 07/03/2014.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 3.ed.rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis – RJ, Vozes, 1987.

JARA, C. J. **Novos conceitos e estratégias de desenvolvimento rural**. JEPLAN/NEPE – GDS – UEMA – Instituto do Homem – IICA, São Luis/MA, nov. 1999.

JOSSO, M. **História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos**. Educação e Pesquisa, v.25, n. 2. São Paulo, jul./dez. 1999.

_____. **Experiência de vida e formação**. 2 ed. Ver. e Amp. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Palus, 2010.

LEITE, Sergio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo, Cortez, 1999.

LOUZADA, Ineiva Terezinha Kreutz. **Educação rural: política pública e a educação que interessa ao movimento dos trabalhadores rurais sem terra**. I Simpósio nacional de educação. XX Semana de Pedagogia, Cascavel/Paraná, nov. 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INEP (2013). Disponível em <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-matricula>. Acesso em 11 de março de 2014.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. Edições Loyola. São Paulo, 2002.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 2004

_____. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Rosalba L. de; MELO, Maria José M. D. de. **Alunos da EJA: um olhar para além da escola**. I Telecongresso Internacional de Educação de Jovens e Adultos. novembro/2001.

PAIVA, V. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1973.

PISONE, Estela Maris. **A educação ambiental e gênero como instrumento de desenvolvimento rural em municípios do RS**. Porto Alegre, UFRGS, Dissertação (Mestrado em desenvolvimento rural) Universidade Federal do rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009. (Orientador: Profº Dr. Fábio de Lima Beck)

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapoã, 1968.

ROMANZINI, Beatriz. **EJA - Ensino de Jovens e Adultos e o mercado de trabalho: Qual ensino? Qual trabalho? Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais)**. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **Mulheres educadas na colônia**. In: 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: autêntica, 2006. p.79-94

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Entre a roça e a cidade: identidades, discursos e saberes na escola**. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2008.

_____. **Ser e não ser da roça, eis a questão: identidades e discursos na escola.** Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, Geovânia L. dos. **Educação ainda que tardia: A exclusão da escola e a reinserção em um programa de EJA das camadas populares.** Revista Brasileira de Educação, n. 24, p. 107-125, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** São Paulo: brasiliense, 2006.

SANTOS, Geovânia L. dos. **Educação ainda que tardia: A exclusão da escola e a reinserção em um programa de EJA das camadas populares.** Revista Brasileira de Educação, n. 24, p. 107-125, 2003.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** In: Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Wellington Barbosa da. **Educação do Campo: um olhar histórico com ênfase na educação de jovens e adultos no Brasil.** In: **Movimentos sociais, estado e políticas públicas de educação do campo: pesquisa e práticas educativas.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

SOIHET, Rachel, Aguiar, Neuma(org.). **Gênero e Ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.** Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores.** Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2004.

_____. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.** Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Educação, trabalho e socialização de gênero: quando ser mulher pesa mais na balança da desigualdade social.** Educação & linguagem, ano 11, n. 18, 170-185, jul.-dez. 2006.

SPINDOLA, Thelma; Santos, Rosangela da Silva. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (Dora?)**. Ver. Esc. Enferm. USP, Vol. 37, nº 2. São Paulo, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.

VIANA, Ilca Oliveira de Almeida. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica**. São Paulo: E. P. U. 2001.

7. Apêndices

Apêndice A



Universidade Estadual de Feira Santana - UEFS
Curso de Pós-Graduação em Educação – Mestrado
Pesquisadora: Vanda Almeida da Cunha Araújo
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário(a), de uma pesquisa no campo da educação, a qual é desenvolvida pela estudante de mestrado **Vanda Almeida da Cunha Araújo** e da sua Orientadora Prof^a. **Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante**, essa pesquisa tem como Título: *Os sentidos da escolarização para mulheres adultas do rural de Feira de Santana/BA: trajetórias e vivências*. O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos que o processo de escolarização proporciona às mulheres que residem na zona rural e estudam no período da noite na Escola José Tavares Carneiro que se localiza na sede do Distrito de Maria Quitéria. Caso você concorde em participar serão realizadas perguntas que serão gravadas e transcritas para melhor análise, mediante a sua aprovação. Assim, os trabalhos serão gravados, transcritos e posteriormente armazenados em local apropriado e colocado a disposição por um período de cinco anos, passado este período o material será destruído. Ao final da pesquisa os resultados dos trabalhos serão utilizados para a construção de uma dissertação de mestrado pela pesquisadora e publicado para livre acesso de todos. É garantido o sigilo quanto a sua participação e seu nome não será divulgado em nenhum dos materiais que venham a ser publicados. Você não terá nenhum tipo de despesa e, não haverá nenhum

tipo de pagamento por sua colaboração e nem beneficiamento direto à sua pessoa. Os desdobramentos inerentes à pesquisa serão de inteira responsabilidade da pesquisadora responsável. Sua participação é muito importante para a realização desta pesquisa, pois a mesma irá discutir a realidade das mulheres do rural e a importância do processo de escolarização para a vida em sociedade, nas relações de trabalho, como também na significação e resignificação da identidade das mulheres estudantes do Distrito de Maria Quitéria. Você receberá uma cópia deste termo, onde se encontra o telefone e o endereço da pesquisadora responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa agora ou a qualquer momento. Sendo assim, concordando em participar desta pesquisa, assine este termo em duas vias, ficando uma em suas mãos e a outra com a pesquisadora.

Feira de Santana, _____ de setembro de 2013.

Assinatura do participante da pesquisa
responsável

Assinatura do pesquisador

Pesquisadora responsável: Vanda Almeida da Cunha Araújo
UEFS – Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE
Fone: (75) 81750505/92068187
e-mail – valmeidadacunha@yahoo.com.br

ApêndiceB



Universidade Estadual de Feira Santana
Curso de Pós-Graduação em Educação – Mestrado
Pesquisadora: Vanda Almeida da Cunha Araújo
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante

Titulo da pesquisa:

Os sentidos da escolarização para mulheres adultas do rural de Feira de Santana/BA: trajetórias e vivências.

Identificando o perfil:

Nome Completo: _____

Idade: _____

Estado civil: _____

Religião: _____

Cor: _____

Comunidade/povoado onde reside:

Você possui filhos? () Sim () Não Quantos? _____

Trabalha? Sim () Não () Qual a sua ocupação? _____

Sua residência é:

- () Casa própria
- () Alugada

() Cedida

() Outros _____

Com quem você mora?

Com os pais ()

Com o companheiro/a ()

Com parentes ()

Outros: _____

Qual sua renda familiar:

() Até 1 salário mínimo

() Entre 1 e 2 salários mínimos

() Mais que 2 salários mínimos

Em algum momento da sua história de escolarização você parou de estudar. Quando e porque você interrompeu seus estudos?

Quais as maiores dificuldades encontradas na sua volta à Escola?

Qual a opinião de sua família sobre o seu retorno aos estudos? Eles te apoiam?

Porque você retornou aos estudos?

O que pretende fazer quando concluir seus estudos?

Muito obrigada pela colaboração nesta pesquisa!

Vanda Almeida

Apêndice C



Universidade Estadual de Feira Santana
Curso de Pós-Graduação em Educação – Mestrado
Pesquisadora: Vanda Almeida da Cunha Araújo
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante

Título da pesquisa:

Os sentidos da escolarização para mulheres adultas do rural de Feira de Santana/BA: trajetórias e vivências.

1. Dados de Identificação

Nome: _____ Idade _____

Localidade onde reside: _____

Ciclo em que está estudando: _____

2. Roteiro semi-estruturado para as entrevistas de campo:

a) Principais objetivos para a entrevista:

- Promover uma aproximação tranqüila, agradável e descontraída;
- Criar um ambiente confiança e trocas;
- Buscar fatos e características da história da entrevistada que contribua com a pesquisa;
- Entender como a mulher se ver enquanto ser social e coletivo;
- Perceber o que a entrevistada entende por gênero;
- Saber qual o nível de interpretação e consciência da entrevistada sobre sua raça/cor;

- Entender como a entrevistada interpreta sua vida escolar e qual a importância da escolarização para a mesma;
- Analisar como a mulher percebe a triangulação entre: Gênero X rural X processo de escolarização;
- Perceber qual a importância da educação para as mulheres que vivem em espaços rurais.

3. Quanto à abordagem temática:

- a) Condição feminina/consciência de gênero/espço de vivência

Como você se vê enquanto mulher?

Como é a vida da mulher na zona rural?

Cite pontos que você considera positivos e negativos na vida das mulheres dos espaços rurais;

Você gosta de morar na zona rural?

Fale um pouco sobre sua história de vida desde o seu nascimento.

Como é sua relação com a sua família e comunidade?

Você acha que a mulher tem as mesmas oportunidades que o homem?

Aqui na zona rural como pode ser caracterizada a vida da mulher e a vida do homem?

A mulher que vive no rural de Maria Quitéria é feliz?

- b) História de escolarização

Você gosta de estudar? Por quê?

Quando e onde começou a estudar?

Fale um pouco sobre a sua primeira experiência na escola.

Com quantos anos parou de estudar pela primeira vez?

Porque interrompeu seus estudos?

Nessa primeira interrupção dos estudos, quantos anos ficou fora do ambiente escolar?

Cite características que a escola possui que te cativa, que te deixa satisfeita e feliz?

Quando parou de estudar ficou triste, insatisfeita?

Você acha que o fato de ser mulher atrapalhou sua trajetória escolar?

Sua família te apoiou no seu retorno para os estudos?

Quando voltou para a escola sentiu dificuldades? Quais?
O fato de estar estudando muda alguma coisa na sua vida?
O que mais gosta na escola?
O que pretende fazer quando concluir o ciclo que está terminando?
Deseja concluir o ensino médio? Por quê?
O que deseja para sua vida ao concluir seu processo de escolarização?
Dentro das diversas perguntas que te fiz, ficou alguma coisa que você não falou e queria me dizer?

c) Trabalho

O que você entende por trabalho?
Você trabalha? Em quê?
Qual a profissão que você gosta?
Quais as oportunidades de trabalho que você gostaria de desenvolver?
O lugar onde você mora possui opções de trabalho? Quais?
Você acha que, sendo mulher, tem dificuldades no trabalho? Como?
Quem desenvolve os serviços domésticos na sua casa?
Na sua família todos os membros desenvolvem alguma atividade remunerada?
Qual a renda total da sua família?
Trabalhar para você significa.....
O que faz nos momentos livres?
Quais as opções de lazer que existem aqui onde mora?
Qual a importância do trabalho para as pessoas?

Grata pela colaboração nesta pesquisa!

Vanda Almeida